



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ALINI NUNES DE OLIVEIRA

**AS FUNÇÕES DAS FESTAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO
CONTEMPORÂNEO:
UM ESTUDO DE CASO DE DISTRITOS RURAIS DE
LONDRINA/PR**

LONDRINA
2010

ALINI NUNES DE OLIVEIRA

**AS FUNÇÕES DAS FESTAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO
CONTEMPORÂNEO:
UM ESTUDO DE CASO DE DISTRITOS RURAIS DE
LONDRINA/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Dinâmica Espaço-ambiental da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria del Carmen M.
H. Calvente

LONDRINA
2010

ALINI NUNES DE OLIVEIRA

**AS FUNÇÕES DAS FESTAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO
CONTEMPORÂNEO:
UM ESTUDO DE CASO DE DISTRITOS RURAIS DE
LONDRINA/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Dinâmica Espaço-ambiental da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Maria del Carmen M. H. Calvente
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Ideni T. Antonello
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Maria das Graças de Lima
Universidade Estadual de Maringá

Londrina, 29 de novembro de 2010.

AGRADECIMENTO

A Deus pela vida e por tudo que tenho...

À minha família pelo amor, apoio, suporte sempre...

À minha orientadora, Carmen, pela longa jornada de aprendizado...

Aos professores e funcionários do departamento de Geociências pelos ensinamentos e colaboração que me acompanham há anos...

Ao pessoal do projeto TERNOPAR que estiveram presentes também em minha caminhada acadêmica...

Aos amigos que estão sempre presentes no meu coração, mesmo que alguns estejam morando longe.

OLIVEIRA, Alini Nunes de. **As funções das festas no espaço geográfico contemporâneo**: um estudo de caso de distritos rurais de Londrina/PR. 2010. 143 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia Dinâmica Espaço-ambiental) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

As festas podem ser consideradas como manifestações da cultura de um povo. Cultura esta que muitas vezes encontra-se encravada no cotidiano das pessoas e também no lugar em que vivem. Através da função que as festas desempenham no lugar é possível visualizar como as pessoas se relacionam com o seu lugar e com o momento festivo. Assim, o presente trabalho teve como objetivos investigar quais as funções das festas rurais nos distritos de Londrina/PR na perspectiva da ciência geográfica; averiguar conceitos de lugar e espaço geográfico; verificar a dinâmica espacial das festas em relação ao lugar; evidenciar a importância das festas para as localidades onde elas ocorrem, destacando suas funções. Para alcançá-los utilizou-se de pesquisa bibliográfica em livros, revistas científicas, jornais, internet, entre outros. Trabalhos de campo também fizeram parte da pesquisa para aplicação de questionários e entrevistas aos participantes da festa, tanto as pessoas que estavam trabalhando, quanto os visitantes. Após a análise do material coletado nos trabalhos de campo e a interrelação com os estudos teóricos pode-se concluir que as festas possuem diferentes funções: como manifestação da cultura local, como momento de socialização, como obtenção de recursos financeiros, retorno simbólico ao espaço rural pelos moradores do espaço urbano, reverência à religião, gastronomia ou mesmo para o lazer.

Palavras-chaves: Espaço rural. Festas. Manifestações Culturais.

OLIVEIRA, Alini Nunes de. **Roles of festivals in the contemporary geographic space**: a case study of the rural districts of Londrina/PR. 2010. 143 fls. Dissertation (Master's Degree in Space-environmental Dynamic Geography) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

Festivals can be considered as manifestations of the culture of a people. A culture that many times is engraved in the every day life of people and also the place they live in. Through the role played by festivals in the place it is possible to see how people relate to their place and the festive moment. Thus, the present paper had the goals of investigating the roles of rural festivals in the districts of Londrina/PR under the perspective of geographic science; checking notions of place and geographic space; checking the spatial dynamic of festivals in relation to the place; showing the importance of festivals for the areas they take place in, highlighting their roles. In order to reach such goals, a bibliographic research in books, scientific magazines, newspapers, internet, among others, was carried out. Field work was also part of the research with the use of questionnaires and interviews with the festival participants, both the people who worked on it and the attendants. After analyzing the data collected on the field and its relation with theoretical studies, it is possible to conclude that the festivals have different roles: as a manifestation of local culture; a moment of socialization; source of funding; a symbolic return to the rural space by the inhabitants of the urban space; a moment of religious reverence, a gastronomic experience; and even as leisure.

Key words: Rural space. Festivals. Cultural events.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização dos distritos rurais de Londrina/PR.....	72
Figura 2 - Barraca com venda de alimentos à base de amendoim na Festa Rural da Warta	82
Figura 3 - Barraca da Vinícola Muller com venda de vinhos, licores e suco de morango durante a Festa Rural da Warta	82
Figura 4 - Barraca do Rancho do Gaúcho com venda de embutidos na Festa Rural da Warta	83
Figura 5 - Almoço no domingo durante a Festa Rural da Warta.....	83
Figura 6 - Preparação da Costela Fogo de Chão – atrativo principal da Festa Rural na Warta	83
Figura 7 - Stand da Embrapa Soja durante a Festa Rural na Warta	83
Figura 8 - Almoço no salão paroquial durante a Festa de Santo Antonio na Warta.....	87
Figura 9 - Concentração de alguns cavaleiros para a cavalgada na Festa de Santo Antonio na Warta.....	87
Figura 10 - Concurso “Rainha da Festa do Café e Frango.....	91
Figura 11 - Apresentação de dança com mulheres do distrito São Luiz – Festa do Café e Frango.....	91
Figura 12 - Apresentação de dança típicas com crianças – Festa do Café e Frango	92
Figura 13 - 16º Encontro de Cafeicultores de São Luiz durante a Festa do Café e Frango	92
Figura 14 - Barraca de Maria Santa Pieroli com venda de alimentos á base de café – Festa do Café e Frango.....	93
Figura 15 - Pratos típicos à base de frango – Festa do Café e Frango	93
Figura 16 - Presença de grande número de visitantes na Festa do Café e Frango durante apresentação teatral	94
Figura 17 - Pessoas da comunidade no atendimento aos visitantes durante almoço na Festa do Café e Frango	94
Figura 18 - Barracão ao lado do salão paroquial com serviço de almoço para os visitantes da Festa do Milho	100

Figura 19 - Organização em fila dos visitantes para serem servidos pelas “festeiras” na hora do almoço na Festa do Milho.....	109
Figura 20 - Vários foram os atrativos gastronômicos da Festa do Milho como pão, curau, bolo etc	101
Figura 21 - Nas residências próximas ao local da festa as famílias auxiliavam no preparo dos alimentos, como descascar e ralar o milho.....	101
Figura 22 - Saída da cavalgada de Paiquerê para Irerê durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.....	107
Figura 23 - Benção dos cavaleiros e cavalos pelo padre John Jairo Garcia durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José	107
Figura 24 - Almoço no salão paroquial durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José	107
Figura 25 - Diversão com a família Show Riso durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.....	107
Figura 26 - Torneio de futebol na Festa do Bairro dos Italianos	114
Figura 27 - Show musical com baile foi um dos atrativos para a Festa do Bairro dos Italianos	114
Figura 28 - O dia festivo se torna opção de lazer para os visitantes	115
Figura 29 - Momento de socialização durante o trabalho na cozinha durante a Festa no Bairro dos Italianos	115
Figura 30 - Casas dos moradores do Sítio São Pedro – Bairro dos Italianos	117
Figura 31 - Churrasco feito em espeto de bambu – Festa no Bairro dos Italianos	117
Figura 32 - Convite para almoço da Festa da Mandioca	120
Figura 33 - Fila para os visitantes se servirem no almoço com direito a um cardápio com alimentos à base de mandioca.....	120
Figura 34 - Capela São Sebastião e barracão ao lado para realização da Festa da Mandioca	121
Figura 35 - Presença de pessoas da comunidade no atendimento e de visitantes no horário do almoço no domingo na Festa da Mandioca	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMETUR	Autarquia Municipal de Esportes e Turismo
COASOL	Cooperativa Agroindustrial Solidária de Londrina
COHAB-LD	Companhia de Habitação de Londrina
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
EMATER	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
IAPAR	Instituto Agronômico do Paraná
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
PROMIC	Programa Municipal de Incentivo à Cultura
SEEC	Secretaria de Estado da Cultura
SMAA	Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DAS FESTAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO	15
1.1 FESTAS E RELIGIOSIDADE	22
1.2 FESTAS E GASTRONOMIA	27
1.3 FESTAS CÍVICAS E PODER	33
1.4 FESTAS E TRADIÇÃO.....	35
2 O LUGAR COMO EXPRESSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	39
2.1 O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E A REALIDADE ESPAÇO- TEMPORAL.....	39
2.2 TEMPO DE TRABALHO E TEMPO DE NÃO-TRABALHO: POR QUE A DIVISÃO DOS DIFERENTES TEMPOS SOCIAIS?	44
2.3 O ENTENDIMENTO DAS REPRESENTAÇÕES LOCAIS	54
2.4 NOVAS ARTICULAÇÕES NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO	59
2.5 A REVALORIZAÇÃO (SIMBÓLICA) DO RURAL A PARTIR DE SUAS PARTICULARIDADES.....	61
2.6 O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ATRATIVO	64
3 ESTUDO DE CASO: AS FESTAS NO ESPAÇO RURAL DO MUNICÍPIO DE LONDRINA E SUAS FUNÇÕES	67
3.1 LONDRINA: SUA GÊNESE E RURALIDADE	67
3.2 LUGARES COM FESTAS RURAIS.....	71
3.2.1 Distrito de Warta.....	75
3.2.1.1 Festa rural da Warta	81
3.2.1.2 Festa de Santo Antonio	87
3.2.2 Distrito de São Luiz.....	89
3.2.2.1 Festa do café e frango	90
3.2.3 Distrito de Paiquerê	96
3.2.3.1 Festa do milho	99
3.2.4 Distrito de Irerê	104
3.2.4.1 Festa Rural em homenagem ao padroeiro São José.....	106

3.2.5 Distrito de Lerroville	109
3.2.5.1 Festa rural do bairro dos italianos	112
3.2.6 Comunidade Rural Usina Três Bocas.....	117
3.2.6.1 Festa da mandioca	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS.....	138
APÊNDICES	141
Apêndice A - Questionário aplicado aos visitantes.....	142
Apêndice B - Questionário aplicado à comunidade local	143

INTRODUÇÃO

Os estudos relacionados ao espaço rural, ao turismo e às manifestações culturais, desde o início de minha vida acadêmica, foram de grande interesse. Juntamente com a graduação em Geografia na Universidade Estadual de Londrina, cursei a graduação em Turismo e Hotelaria na Universidade Norte do Paraná. No segundo ano do curso de Geografia iniciei minhas pesquisas como aluna bolsista no projeto de pesquisa “TERNOPAR – Turismo e Excursionismo Rural no Norte do Paraná” coordenado pela professora Maria del Carmen M. H. Calvente. Aí já se encontra grande parte do motivo da minha afinidade pelo tema, pois a partir daí consegui ver a atividade turística com “olhos geográficos”.

Não possuo raízes “tão” rurais em minha família, mas este é um tipo de ambiente que realmente me agrada, tanto pessoalmente quanto academicamente. A tal curiosidade acadêmica como dito a pouco me fez querer compreender a dinâmica que ocorre no espaço rural, principalmente em se tratando da atividade turística e seus desdobramentos, por observar a revalorização do rural que vem acontecendo nos últimos anos.

A partir do envolvimento do aprendizado na Geografia e do aprendizado no Turismo, as interrelações puderam ser feitas. A compreensão da Geografia não somente como o estudo da configuração territorial, dos fixos, do visível (por exemplo, o relevo, a indústria, o clima, a agricultura, a cidade, o campo etc), porém, mais do que isso: a interação entre o homem e estes variados fixos, ou seja, os fluxos, a psicosfera, definida por Milton Santos como as ideias, crenças, paixões, lugar da produção de um sentido, estimulando o imaginário (1996). E também a compreensão do Turismo pôde ser feita não de maneira técnica, fragmentada, das disciplinas cursadas como Transportes, Eventos, Gastronomia, Patrimônio Cultural, Sociologia, Marketing, Administração, Economia, Planejamento etc, mas permitiu um olhar sistêmico, integrador, ampliado da relação entre estes diversos elementos de algo maior que é a atividade turística e a produção do espaço a partir dela

Nos estudos da dinâmica do espaço rural a partir do turismo, foi observado muitas vezes a incidência de festividades como um atrativo, não só no Brasil, mas em outros países. Na cidade de Londrina já há muitos anos são realizadas festas nos distritos rurais, elas são bastante divulgadas na mídia local e

com um público já cativo. Assim, se despertou uma curiosidade em ter como objeto de estudo as festas rurais nos distritos de Londrina. Claro é que as festas não são atrativos somente no espaço rural, mas nos centros urbanos também. Mas daí então se junta “a fome com a vontade de comer”, ou seja, a atração por estudos no espaço rural e a curiosidade por investigar as festas.

No início da pesquisa havia a hipótese de que as festas de todos os distritos pudessem se caracterizar como atrativo turístico, mas observou-se que nem todas tinham este caráter, devido à sua infraestrutura e público atingido. Assim, as festas acabaram se caracterizando mais como uma opção de lazer no espaço rural. Daí então a preferência por investigar as funções que as festas exercem nos lugares em que ocorrem e na vida de quem delas participa.

O recorte espacial foi o espaço rural de Londrina: alguns distritos foram selecionados para um enfoque maior em relação as suas festas. Por ocorrerem em um lugar diferente, envolver um público diferente e a comunidade local também ser diferente entre um distrito e outro, cada festa estudada possui sua particularidade, que a torna suscetível a funções diversas: como manifestação da cultura local, como momento de socialização, como obtenção de recursos financeiros, retorno simbólico ao espaço rural pelos moradores do espaço urbano, reverência à religião, gastronomia ou mesmo para o lazer.

O fio condutor do “pensar” as festas será compreendê-las a partir da forma que elas acontecem no lugar, ou seja, como se dão as relações sociais nestes momentos e como ocorre a relação entre a sociedade e o lugar e as funções que permeiam seu processo de realização.

Esta pesquisa tem como objetivos: investigar quais as funções das festas rurais nos distritos de Londrina/PR na perspectiva da ciência geográfica; averiguar conceitos de lugar e espaço geográfico; verificar a dinâmica espacial das festas em relação ao lugar; evidenciar a importância das festas para as localidades onde elas ocorrem, destacando suas funções.

O recorte espacial foi escolhido com o intuito de se fazer um estudo de caso, que Cerro e Bervian (1996, p. 50) definem como “[...] uma pesquisa sobre um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade para examinar aspectos variados de sua vida”.

Utilizou-se como metodologia o trabalho de campo, que se constitui em um instrumento fundamental para a pesquisa geográfica. É uma possibilidade

para que se apreenda a realidade, isto é, uma forma de aproximação entre a teoria e a prática. Além do estudo de gabinete que deve ser feito a respeito do tema da pesquisa, poder-se-á explorar mais a curiosidade acadêmica, ou seja, o “ir além” do que se aprende em sala de aula e em leitura de livros. A pesquisa teve caráter qualitativo, ou seja, “[...] preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que é dado às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONÇALVES, 2003, p. 68).

A pesquisa qualitativa permite ter acesso a uma maior riqueza de informações sobre um determinado tema, além de tratar de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambigüidade. Normalmente, os dados da pesquisa quantitativa não conseguem alcançar essa riqueza. Além disso, o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo permite compreender a perspectiva dos participantes da situação estudada acerca do fenômeno.

Além do trabalho de campo buscou-se utilizar a aplicação de questionários estruturados com visitantes das festas (moradores do distrito ou pessoas vindas de outros locais) e também com integrantes da comunidade local que estivessem trabalhando no momento da festa. Porém, no momento das abordagens durante as festas, o conteúdo acabava de certa forma se expandindo e tornando-se uma entrevista (apêndice A) e também pelo fato de que não foi possível obter um número expressivo de questionários para tabulação de dados. Foram realizadas também entrevistas com as principais pessoas envolvidas na organização das festas, o que permitiu coletar dados qualitativos sobre a dinâmica das festas.

O que acompanhou todo o processo do trabalho foi a pesquisa bibliográfica para embasamento teórico do tema sobre espaço, festas, tempo de trabalho, espaço rural, patrimônio e cultura. Para isso utilizou-se acervo de livros da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Outros materiais utilizados como artigos, monografias, dissertações, teses e reportagens foram utilizados na pesquisa através de pesquisa na *internet*. Pela dificuldade em se encontrar informações sobre os distritos, grande parte dos materiais utilizados sobre este assunto foram encontrados na hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal de Londrina.

Assim, no primeiro capítulo, para entender que há possibilidade de múltiplas funções das festas na dinâmica local, vários exemplos de festas pelo Brasil foram citados, com suas temáticas e a análise de cada autor que as estudou.

Já no segundo capítulo, iniciam-se discussões acerca da abordagem do espaço geográfico contemporâneo, partindo-se da definição de que o período em que a sociedade se encontra é o técnico-científico-informacional: grandes modificações na relação espaço-tempo com a aceleração dos processos produtivos, a aceleração das modificações das formas, trazendo como conseqüência uma situação de conflito percebida como “estranhamento”, pois a aceleração nas mudanças das formas de vida das pessoas acontece em ritmo diferente umas das outras, provocados pelas mudanças no uso do espaço, impostas pelas novas funções que os lugares vão assumindo na vida moderna.

Aborda-se, também, neste capítulo, a partir da noção que temos deste momento atual em que vive a sociedade, a divisão dos tempos sociais em tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, principalmente na sociedade atual, que demonstra uma segmentação do tempo que as pessoas dedicam ao trabalho e os momentos em que as pessoas poderiam deixar para as demais atividades, entre elas o lazer. Porém, há também uma outra face do tempo de trabalho e de não-trabalho de outros trabalhadores em que ocorre a simultaneidade entre estes tempos. O lazer (podendo-se citar as festas, neste trabalho, como um exemplo) está diretamente relacionada a como os habitantes se envolvem com o lugar em que vivem, ou seja, as representações locais podem ser entendidas a partir do estudo do lugar.

O lugar do qual se trata no presente trabalho é de características rurais. Assim, também neste capítulo, será abordada a revalorização do rural a partir dos últimos anos observando-se um crescimento de atividades não-agrícolas no espaço rural, entre elas o lazer e o turismo (principalmente com moradores das cidades se deslocando ao campo para terem uma vivência diferente da habitual). O espaço rural sempre teve sua importância garantida, mas nos últimos anos tem tido destaque não somente no setor da atividade agropecuária, mas também em relação ao patrimônio cultural existente em sua constituição.

Durante os trabalhos de campo nas festas foram coletados dados, realizadas entrevistas e fotografados alguns momentos da festa que serão apresentados ao leitor, assim como características de cada distrito onde estas festas ocorrem. Isso tudo é exposto no último capítulo, que colabora para o entendimento da dinâmica espacial das festas, através da compreensão de suas funções no espaço geográfico contemporâneo.

1 AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DAS FESTAS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

As festas podem ser estudadas pela Geografia buscando revelar as diferentes escalas espaciais às quais se relacionam os eventos festivos, geralmente compreendidos a partir de sua territorialização (FERREIRA, 2003). Pode-se estudá-la também como um fenômeno universal ou local, como expressão de uma dada sociedade, levando-se em consideração as particularidades, mas estes são só algumas perspectivas de estudos, já que há uma multiplicidade de sentidos em cada evento, podendo ser estudadas pela Sociologia, Antropologia, História, entre tantas outras ciências, cada qual com suas diferentes contribuições.

Partindo-se da premissa que a espacialidade é um momento das relações sociais “geografizadas”, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial, não sendo o resultado do movimento da sociedade apenas, pois depende do espaço para se realizar (SANTOS, 1988), tem-se como uma outra maneira de compreender a dinâmica festiva através da compreensão do lugar, quando o espaço, carregado de significados definidos pelos indivíduos e grupos nele localizados, adquire valor a partir das experiências vividas, torna-se o que se conceitua como lugar.

Ainda na ciência geográfica o tema “festa” é pouco estudado, como corrobora Oliveira (2006, p. 128 - 129):

A produção hegemônica em Geografia, nesses primórdios do século XXI, permanece comprometida com os grandes ideais clássicos dos séculos XVIII e XIX. A maior parte de suas pesquisas precisam tornar evidente um recorte regional, um elemento espacial fixo ou um processo nitidamente cartográfico. Trata-se de uma segurança conservadora, cujo pressuposto está em distinguir a abordagem geográfica de outra abordagem “vizinha” qualquer.

Apesar de fortemente presente ainda nas pesquisas da Geografia, nos últimos anos tem despontado estudos de temas relacionados a outras ciências e que vem despertando um “olhar geográfico”, como é o caso das manifestações culturais, porém, pouco se encontram ainda na Geografia estudos relacionados às festas.

Para compreender a festa como um processo socioespacial, é importante salientar que é necessário:

[...] alargar a visão setORIZADA da festa. Urge romper com certo reducionismo ingenuamente crítico, que pinta com as cores dramáticas da alienação justamente aqueles momentos em que o povo faz seu maior investimento afetivo (RIBEIRO JR, 1982, p. 13).

Existem muitas influências dos locais onde as festas se manifestam. Dessa forma, o lugar é responsável por grande parte das manifestações presentes nos eventos. O lugar possibilita a articulação das forças locais/internas presentes com aquelas globais/externas, destacando não somente os principais envolvidos desta articulação, mas também os próprios mecanismos que a estabelecem. Assim, permite uma abordagem da festa capaz de esclarecer os mecanismos de interação em suas diferentes escalas (FERREIRA, 2003). O espaço da festa, longe de se apresentar como um simples local do evento, irá influenciar sua trajetória e, também, ser influenciado pelas trajetórias dos diferentes elementos que o compõem. Estes se inter-relacionam, se reconfiguram e se estabilizam continuamente. Mesmo em eventos “globalizados”, como é o caso, por exemplo, da Copa do Mundo, há características que ficam materializadas durante o evento e que são reflexos do local onde o evento está sendo realizado.

A festa ganha centralidade neste estudo, pois seu poder de impressionar, envolver, seu caráter estético, também simbólico e material tem contribuído para que assuma um importante papel no processo de representação do lugar.

Conforme comenta Del Priore (2000), o momento festivo tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias, ou seja, tempo de fantasias e liberdades, de ações vivazes, mas também de frustrações, revanches e reivindicações de vários grupos. Está presente em toda a história da humanidade, apesar da amplitude que o termo atinge e da diversidade de tipos de manifestações festivas. Utilizando-se uma definição de festa, segundo Brandão (2007, p. 28), tem-se:

Acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina seqüente da ‘vida social’; que criam comportamentos sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina.

A fragmentação da vida cotidiana proporcionou a diferenciação entre tempo de trabalho, tempo de descanso, tempo de lazer etc. Sendo assim, “[...] a

festa, no sentido mais ‘puro’ do termo, representa algo da vida humana em que o trabalho, o lazer, o lúdico, o riso, o sagrado, o doméstico constituíam um todo”. (MAIA, 2004, p. 162). Contudo, o trabalho sempre foi motivo de festa, arte e coesão, por exemplo, nas festas de plantio e colheita, os cantos do trabalho etc.

As festas podem ser manifestações da cultura de um determinado povo, fazendo parte de seu patrimônio cultural. A cultura, segundo Corrêa (1999) é um conjunto de técnicas, saberes, atitudes, idéias e valores, apresentando componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos, que são transmitidos e/ou inventados, formando sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um. Os valores e crenças são expressões que permitem compreender como certos grupos sociais se organizam no ambiente em que vivem. Assim, os produtos culturais devem sua origem à ação social, ou seja, permanecem ou se modificam em função do dinamismo dos grupos que lhes deu origem. Compreende-se então a cultura enquanto produto simbólico e enquanto processo social (RIBEIRO JR, 1982). Assim, a partir do entendimento da festa como manifestação da cultura de um povo, deve-se considerá-la tão dinâmica quanto a própria cultura, modificando-se com o tempo e de acordo com as relações estabelecidas, ou seja, ela “[...] existe em processo, em movimento, convive com a realidade dinâmica do cotidiano e transforma a si própria sempre que necessário” (CALVENTE, 2004, p. 10). O conceito de cultura é bastante abrangente e de certa forma generalizador, desta forma, diante de uma sociedade dividida em classes ocorre também uma divisão cultural. Esta divisão recebe vários nomes: cultura dominada x cultura dominante, cultura opressora x cultura oprimida, cultura de elite x cultura popular. Apesar destas várias denominações o que se destaca é o fato de haver “[...] um corte no interior da cultura entre aquilo que se convencionou chamar de *cultura formal*, ou seja, cultura letrada, e a *cultura popular*, que corre espontaneamente nos veios da sociedade”. (CHAUI, 2006, p. 132-133).

Alguns elementos da cultura podem ser considerados como patrimônio de determinada sociedade, tornando-se importantes para as pessoas que dela fazem parte, pois é na relação com o patrimônio que se resgata a história e a memória de um povo.

Fazem parte do patrimônio cultural tanto as manifestações culturais materiais (monumentos, obras de arte, cidades, objetos pessoais de celebridades etc.) quanto as manifestações culturais imateriais (saberes, músicas, festas, danças,

crenças etc.). O patrimônio é construído socialmente e tem a participação tanto do saber erudito, como do saber de grupos populares. E cada localidade possui sua singularidade como marcas da diferenciação. E assim, as festas podem propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente da habitual. Porém, podem existir casos em que não haja diálogo entre as culturas, ocorrendo conflitos e a transformação daquela cultura que já existia pela imposição de uma cultura “de fora”.

Os jogos, as danças, as músicas e outros elementos culturais que fazem parte da programação não só significam descanso, prazer e alegria, mas também possuem uma função social, pois “[...] permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos [...]” (DEL PRIORE, 2000, p. 10). Além disso, a alegria da festa faz com que a população suporte o trabalho árduo, o perigo e muitas vezes os problemas que sofrem em seu cotidiano e também reafirma laços de solidariedade e evidencia suas especificidades e diferenças. Ribeiro Jr (1982, p. 23) enfatiza que não há separação entre o que é da esfera material e o que é da esfera simbólica ou espiritual. Assim, “[...] misturam-se relações de parentesco, formas de criar animais e plantas, maneiras de convivência social, provérbios, cantos, danças, etc”, pois acima de tudo, e de maneira geral, a cultura do povo é grupal, supra-individual. Desta forma, “[...] quanto mais festas um dado grupo ou sociedade realizam, maiores seriam as forças na direção do rompimento social às quais elas resistem. As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social” (AMARAL, 1998, p. 26).

As festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham também um importante papel na relação entre o homem e o lugar em que vive, pois estas manifestações sempre refletem no modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente (BEZERRA, 2008). É um tipo de ocasião dotado de funções e formas comuns em qualquer sociedade: como rituais de inversão de modos, momentos de suspensão de conflitos e regras (mesmo que momentaneamente), fusão de diferenças entre os grupos participantes, só podendo ser compreendidas se observadas *in loco*. Ferreira (2003) contribui para o entendimento da funcionalidade da festa, mostrando seu papel político, sua

expressão ideológica (sobretudo sagrada, cultural e cosmológica), seu valor de troca socioeconômica e seu papel de regulação social e territorial.

De acordo com Bezerra (2008), um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar as identidades, já que seu significado, suas manifestações, seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm relacionando de perto ou de longe a unidade e a identidade. Segundo Castells (2000, p. 22), identidade é o processo de construção de significados pautados em “conjuntos de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados”. Haesbaert (1999, p. 180) amplia esta definição colocando que a identidade “[...] recorre a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo [...]”.

Desta forma, o momento da festa pode gerar a concretização dos sentidos de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que se inscreve na memória coletiva como a junção das expectativas de cada pessoa envolvida direta ou indiretamente no momento festivo.

Sobre a concretização da unidade dos grupos envolvidos em torno da identidade local, Guarinello (2001, p. 972) expõe que:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

As festas não são somente produtos de uma transmissão contínua ligadas a uma filiação “milénar”. Os eventos festivos mostram longos períodos de obliteração e recomeços, de nascimentos, empobrecimentos, rupturas e esquecimentos (FERREIRA, 2003). Desta forma, é importante salientar a dinamicidade da cultura, onde ocorre uma constante luta entre a tradição e a inovação, que é, segundo Debord (1997), o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, não devendo abolir a ideia de tradição, mas também levar em consideração a inovação, que é intrínseca à cultura pelo seu dinamismo.

Em muitos casos, há o processo de recriação da festa, dos rituais, das tradições, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e dos costumes populares dos diversos grupos sociais e vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, muitas vezes ligados ao turismo, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado, como é o caso do carnaval no Rio de Janeiro. Como salienta Serpa (2007), as populações locais reinventam seu cotidiano e nessa reinvenção a lógica mercantil se sobrepõe à tradição dos lugares, relacionando-se com novos valores, novos símbolos e novas referências.

No que tange também à atividade turística, as festas se tornam grande atrativo de determinado local por fazerem parte das manifestações culturais de um povo. Pode ocorrer a valorização por parte do turista ao querer conhecer a cultura do local visitado, que muitas vezes difere do seu.

Bezerra (2007) quando estuda as festas de São João na cidade de Mossoró ((RN), expõe que a festa de São João que antes era comemorada em diferentes dias do mês de junho em diferentes bairros de Mossoró, quando começaram a fazer parte da programação oficial da prefeitura municipal, passaram a se concentrar na área central da cidade em todo o mês de junho, causando tensões e descontentamento por parte da população dos bairros, pois com isso houve o esvaziamento das festas que ocorriam em outros lugares da cidade, produzindo conflitos de territorialidades locais. Além disso, a festa perdeu de certa forma sua tradição, pois apesar de muitos bairros terem continuado a comemoração, outros não conseguiram sustentar a festa por falta de público. Elementos da cultura passam a ser utilizados como recurso, sendo apropriados por processos de mercantilização, como forma de delimitar a singularidade regional/local ante a globalização.

Apesar do processo de mercantilização de muitas festas, o que também se tem visto é a inovação e recriação, reflexo de uma sociedade em constante transformação:

Tudo indica que o capitalismo cooptou as festas populares e foi cooptado por elas, mas também que o povo vem reinventando suas festas nas novas condições de vida resultantes de novos contextos econômicos e sociais. (AMARAL, 1998, p. 34)

As festas, como uma das expressões da cultura de um povo, muitas vezes acabam sendo recriadas para servir de produto turístico de determinado local, como foi o caso do Festival Folclórico de Parintins, relatado por Pimentel (2001), do que começou como apenas uma brincadeira, tomou as atuais dimensões por possuir peculiaridades do povo parintinense. Apesar de tantas modificações terem acontecido, com tanto *glamour*, a festividade continua sendo organizada pela população local, mas a diferença atual é de que mobiliza milhares de turistas interessados em conhecer “o boi” de Parintins. Segundo o autor, o que não pode ocorrer é:

Mudando estas festas para um ritmo mais ‘acelerado’, tirando das letras todo o conteúdo que estas possuem, em função de se tornarem mais comerciais, mais vendáveis, descaracterizando e conseqüentemente vulgarizando as toadas, em ‘prejuízo’ do festival como um todo. (PIMENTEL, 2001, p. 156)

Ou seja, as transformações existem, devem ser incrementadas, mas que se mantenha a estrutura, sua essência, ou seja, neste caso sendo mantido pelo povo parintinense a parte cênica do auto, seu enredo, história etc.

O Brasil é um país muito rico em manifestações culturais. Não seria diferente em relação às festas. De maneira geral, há uma diversidade de tipos de manifestações festivas: festas ligadas ao sagrado/religião (na maior parte das vezes ao catolicismo); festas gastronômicas, muitas vezes em comemoração ao plantio e colheita de determinado produto agrícola; festas cívicas (e até mesmo relacionadas à luta de poder); festas ligadas a manifestações culturais ou momentos históricos; festividades às vezes apenas lúdicas etc. Segundo Canclini (1983, p. 112),

Para as populações indígenas e camponesas, as festas são acontecimentos coletivos enraizados na sua vida produtiva, celebrações fixadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou o calendário religioso, onde a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz através da participação coletiva da família.

Abrangendo uma outra escala, o estado do Paraná, também é rico em manifestações culturais, com uma grande variedade de momentos festivos, muito diversificados em suas particularidades. A Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) no período de 2003 a 2005 realizou um projeto de levantamento das festas populares do Estado do Paraná. Segundo Mirian (funcionária da SEEC), em

entrevista por telefone no dia 16 de dezembro de 2009, foram elaborados questionários com diversas informações sobre a cultura local, inclusive sobre as festas populares, e enviados para as prefeituras de todos os municípios paranaenses com o objetivo de que estes informassem quais eram os atrativos culturais (festas, gastronomia, contos e lendas, equipamentos, etc). Infelizmente, segundo a entrevistada, na época nem todos os municípios responderam a pesquisa e também não se conseguiu abranger todas as festas, pois cada município informava a festividade que lhe fosse pertinente. Neste levantamento, referente à cidade de Londrina, foi informado apenas o carnaval de rua, não sendo contemplado outras festas tais como as festas gastronômicas, festas religiosas e outras comemorações existentes no município. Desta forma, foram levantadas 160 festas, de 153 municípios, obedecendo aos seguintes critérios: teriam que ser manifestações populares, ocorridas em ambiente público, que tivessem mais de cinco anos de existência (PARANÁ, 2009). O estudo engloba festas tradicionais, festas religiosas, festas gastronômicas e outros tipos de festas.

As festas podem assim relacionar-se ao lazer, às manifestações da cultura, aos momentos de socialização, às contribuições financeiras para quem as realiza, ao sentimento de pertencimento ao lugar e também como atrativo turístico. Todas estas funções serão discutidas na interface com o lugar em que as festas ocorrem.

Neste capítulo serão abordadas as festas em suas variadas temáticas: festas religiosas, festas gastronômicas, festas cívicas e festas ligadas a tradições.

1.1 FESTA E RELIGIOSIDADE

Em relação às festas religiosas, há necessidade de um resgate histórico do período colonial para o entendimento de sua importância no país. Durante o Período Colonial, difundiu-se no Brasil um catolicismo popular no qual era estreita a relação entre a piedade religiosa e as “exterioridades”, especialmente durante as “Festas dos Santos”. De acordo com Maia (2004), as rezas, romarias, folias e tríduos interagem com elementos ditos profanos, como bebedeira, jogos e danças promovidos pelos festeiros (tem-se festeiros como as pessoas envolvidas na organização das festas). Todavia, segundo o mesmo autor, a partir do século XIX, o

alto clero iniciou uma tentativa de amoldar o catolicismo popular, atingindo as tais “exterioridades”, fazendo parte do processo de Romanização. Antes, durante as festas, os padres nomeavam como festeiro ou imperador a pessoa que conseguisse cobrir parte das despesas da festa e também para que pudesse arrecadar dinheiro para a igreja. Para o festeiro também ficava a função de patrocinar espetáculos de queima de fogos, banquetes, leilões, dramatizações, ou seja, atividades que poderiam chamar mais atenção da população. Com o processo de Romanização, procurou-se então extinguir estas ditas “superstições”, “interferências mundanas”, instaurando-se uma fiscalização rígida na utilização do dinheiro arrecadado, ou seja,

[...] que não poderiam ser empregados em divertimentos profanos, como bailes, teatros, banquetes, cavalhadas, bandos, músicas em coretos, e abolia as eleições de festeiros e festeiras, juizes e juizas, mordomos e mordomas, zeladores e zeladoras, reis e rainhas” (MAIA, 2004, p. 99).

Este foi um regulamento colocado pela igreja para que as esmolas (hoje conhecidas como dízimo ou ofertas) não fossem utilizadas na festa, mas que estas fossem custeadas pelos próprios festeiros. E que não envolvessem a religião nestes costumes mundanos, evidenciando-se o poder da igreja sobre o povo. Como salienta Seabra (2002, p. 2), “[...] a igreja pretendeu expurgar do catolicismo rústico seus sincretismos. Mas já se havia formado, portanto, um denso repertório e práticas sociais que inseria a festa como momento da vida e da qual não podiam se separar os indivíduos”.

A esmola tem uma função importante na festividade até os dias de hoje, apesar de não ser utilizado esta denominação (hoje é tratada como doação). Os participantes e frequentadores da igreja fazem doações de várias formas, como dinheiro, comida ou brindes para que sejam rifados.

Segundo Maia (2004) com o passar dos tempos muitas “superstições, abusos e exterioridades” existentes nas Festas de Santos foram extintos. Mas também não se pode negar que os espaços sagrados passaram a ser mais respeitados e melhor apropriados durante os festejos.

[...] há que se observar que a dinâmica sacro-profana da festa e determinados modos de louvamento (realização de cavalhadas, congos, folias, etc) persistem até hoje. Por isso, sobre os regulamentos, sínodos, pastorais, etc, prevaleceu a ‘a voz do povo, voz de Deus’ dando sentido às festas em sua tradição (MAIA, 2004, p. 103).

O catolicismo popular no Brasil contou com a contribuição do folclore popular da Europa, além de contribuições indígenas e africanas. As festas, até mesmo as cívicas, tinham um caráter religioso e os rituais eram passados de geração para geração. Segundo Seabra (2002, p. 2),

O mais comum é que as festas do catolicismo rústico, fundamento da cultura rústica, tenham sobrevivido independentemente do seu lugar de nascimento, que tenham transitado pela sociedade num movimento intencional que se esforçou em reiterá-las, fazendo-as sobreviver como folclore. Graças a esses resíduos sempre reconstruídos e mantidos, muitas vezes a duras penas, no âmbito das populações tradicionais [...].

Em pesquisa sobre as festividades da comunidade de Piqui da Rampa (MA), Braga (2007) salienta que rezas, cantos, danças, louvores e toques são expressões presentes no cotidiano das pessoas e repassadas de geração em geração, porém ocorrem modificações, visto que as dinâmicas sociais podem advir de perdas ou acréscimos. A comunidade do Piqui tem sua religiosidade expressa por missas, festejos e rezas, ou seja, pela devoção. São práticas sociais que unem dimensões de ordens diversas, como promessas, trabalho e lazer. O lazer existente durante as festas é percebido tanto na participação dos responsáveis pela organização, quanto na dos visitantes. Tais práticas refletem satisfação em ver o resultado do desafio assumido perante o “santo”. Assim a festa, além da liberação momentânea, também apresenta um caráter ideológico, pois comemorar é também conservar algo que está na memória coletiva, principalmente quando relacionado à religiosidade.

No Paraná, nos séculos XVIII e XIX, a população participava de festividades religiosas, que estavam sempre envolvidas com as missas dominicais e dias de santos de Guarda, confissão e comunhão anuais, festas dos compromissos de irmandades e confrarias. Mas assim como estes eventos, festejos profanos também aconteciam: congadas¹, cavalhadas², torneios esportivos, danças

¹ No Brasil, nos períodos colonial, regencial e imperial, irmandades de escravos realizaram festas por ocasião da escolha e coroação de simbólicos “Reis” e “Rainhas” escravos, efetuadas junto à Igreja Católica, os chamados “Reis Congos”, ocasião em que eram concomitantemente homenageados santos ditos “santos de pretos”. As festas ficaram conhecidas por Congadas, Cucumbis, Ticumbis ou Reinados de Congos e ainda são bastante comuns em diversas localidades do Brasil, em especial nos estados de São Paulo, Espírito Santos, Goiás e Minas Gerais (CEZAR, 2010, p. 9).

² A cavalhada é um teatro equestre que representa batalhas campais entre os mouros e os cristãos na Idade Média, apresentada como um desfile a cavalo, corrida de cavaleiros, jogos de canas, jogos de argolinhas ou de manilha. [...] Elas surgiram inicialmente como um ritual de representação religiosa em forma de diversões públicas, às quais compareciam todas as classes sociais convivendo com suas distintas manifestações culturais, intercambiando elementos e informações (SILVA, 2001, p. 135-136)

campestres, leilões, banquetes, fandangos, carnavais, entre outros (WESTPHALEN; BALHANA, 1983). No Brasil há uma gama diversa de festas ligadas ao sagrado, principalmente envolvidas com a religião católica e em comemoração aos Santos, que grande parte das vezes são padroeiros ou co-padroeiros de cidades brasileiras.

Moura (2003) em seu estudo sobre as festas devocionais do calendário católico, aponta algumas características de festividades conhecidas no país: Festas Natalinas, Festa de São Gonçalo, Festa de São Sebastião, Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, Carnaval, Festa de Santa Cruz, Festa do Divino Espírito Santo, festas juninas, Festa de São Joaquim, Círio de Nazaré, Festa de

Nossa Senhora do Rosário, Festa de Nossa Senhora Aparecida, Festa de Nossa Senhora da Conceição, entre muitas outras. Todas estas festas são comemoradas em vários lugares do Brasil, com suas particularidades e simbologias. Segundo o autor,

Os bailados são danças dramáticas, de conteúdo misto (profano e religioso) que alegam as festas do calendário religioso católico. Surgiram na época colonial como instrumento de catequese e absorveram de forma sincrética as culturas indígena, africana e européia. A tendência de muitos bailados é a de desvincularem-se das festas religiosas e transformarem-se em folguedos de cunho profano. (MOURA, 2003, p. 40).

Exemplo disso, o Rio de Janeiro no século XIX, era palco de inúmeras práticas religiosas como as festas, organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, que atraía um público muito grande e variado, mas que também preocupava as autoridades civis e religiosas, pois “[...] essas festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, nas comemorações externas e nas que eram realizadas dentro das igrejas” (ABREU, 2002, p. 247). No caso da Festa da Penha, no Rio de Janeiro, o local assumia as características de arraial, todo embandeirado, com missa solene, cerimônia de bênçãos, barraquinhas de prendas, jogos, comidas, música, dança e cumprimento de promessas subindo de joelhos a escadaria que levava ao santuário. Desta forma, segundo Soihet (2002), não era possível se estabelecer uma distinção entre costumes profanos e costumes sagrados, pois eles caminham juntos nas festas, ou seja, “É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa”. (DEL PRIORE, 2000, p. 19). Esta mesma autora salienta que no período colonial, a música sacra das festas religiosas misturava-se normalmente aos ritmos populares

portugueses e espanhóis, mostrando que a divisão dos territórios sacro e profano, popular e erudito não estavam estabelecidos.

Uma outra festa bastante conhecida no Brasil é a Festa do Divino, geralmente celebrada no Domingo de Pentecostes, 42 dias após o Domingo de Páscoa. Esta festividade é bastante característica da região Sudeste e Centro-Oeste, como Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Como explica Moura (2003, p. 43),

A festa era uma forma de exaltar o poder do rei como agente de Deus na Terra [...]. Os imperadores europeus, pela graça do Divino Espírito Santo, são representados como justos, caridosos, inteligentes e ricos. Daí as cavalhadas de mouros e cristãos; o cortejo do império, a alegria e a farta distribuição de comidas e bebidas; diversas formas de bailados; queima de fogos.

As festas juninas (em homenagem à Santo Antonio, São João e São Pedro) tem grande visibilidade em vários estados brasileiros, mas muitas delas perderam sua real intencionalidade que primeiramente é a comemoração aos Santos. Estas festas são comemoradas nas escolas públicas e privadas, em grande parte das vezes, para cumprimento do calendário escolar e como momento lúdico para alunos e familiares. Segundo Moura (2003), as festas juninas com fogueiras, queima de fogos, espetáculos pirotécnicos, comidas típicas, casamentos e danças, assemelham-se à festa pagã do passado clássico de reverência à deusa Juno. Estas festas têm influências da colonização portuguesa, que coincide no Brasil com o período da colheita do milho, cereal básico na alimentação dos brasileiros, mostrando assim, época de fartura. Um exemplo de valorização destas manifestações culturais de uma localidade é o que aconteceu no município de Maringá/PR: uma festa junina que é realizada há mais de 30 anos e organizada por Annibal Agenor Borghi, o seo Zico, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura, foi tombada como patrimônio histórico imaterial da cidade, para que fosse reconhecida a importância desta tradição popular no município (LEMES, 2009).

Claro é que, além destas festas descritas acima, existe uma variedade muito grande de tipos de festas ligadas à religiosidade, principalmente pelo fato de o Brasil ser um país muito rico em sua cultura e possuir uma diversidade de povos e raças.

Para se ter uma ideia, no Paraná, o levantamento das festas populares religiosas feito pela SEEC (PARANÁ, 2009) encontrou as seguintes festividades: Auto de Natal, Caminhada à Santa do Paredão, Carreata a Nossa Senhora Mãe Divina, Casa de Reza dos Guaranis, Cerimônia de Adoração da Cruz e Procissão da Sexta-Feira Santa, Cerimônia do Oplatek, Chanucá, Festa do Divino, Folia de Reis, Coroação de Nossa Senhora, Dia da Reforma, Festas de Nossa Senhora, Festas das Águas de Oxalá, Festa de Sant'Ana, Festa de Santa Rita de Cássia, Festa de Santo Inácio de Loyola, Festa de São Benedito, Festa de São Cristóvão, Festa de São Francisco de Assis, Festa de São Francisco Xavier, Festa de São João Batista, Festa de São Joaquim, Festa de São Josafat, Festa de São José, Festa de São Judas Tadeu, Festa de São Miguel, Festa de São Sebastião, Festa do Sagrado Coração de Jesus, Festa do Senhor Bom Jesus, Paixão de Cristo, Peregrinação de Nossa Senhora Mãe de Deus, Festa de Santa Casturina, congadas, procissões e romarias diversas.

Assim como as festas citadas acima, em Londrina também são realizadas festas religiosas e duas delas (especificamente as festas nos distritos rurais) serão abordadas neste trabalho: Festa em Homenagem ao Padroeiro São José e Festa de Santo Antonio.

1.2 FESTA E GASTRONOMIA

As festas ligadas a produtos agrícolas possuem uma origem européia que embalou as festas na época colonial no Brasil. A periodicidade da produção induziu o homem em determinadas épocas de semeadura e colheita a reunir a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa. As festas nasceram das formas de culto externo, vinculados geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais (DEL PRIORE, 2000). Como exemplo desta autora, nas festas do período colonial, parte da comida consumida em determinadas festas tinham relação direta com as colheitas. O cardápio grande parte das vezes tem a ver com a produção agrícola que se colhe por ocasião da festa.

O alimento assume, tendo em vista os rituais agrários na Europa, desde os primórdios da Civilização Cristã, um papel ímpar como atributo cultural vivenciado cotidianamente pelas populações em suas respectivas comunidade e sociedades. (PRUDENTE, 2007, p. 3)

Giménez (apud Canclini, 1983) relaciona alguns traços das festas rurais importantes para o entendimento das festas abordadas no presente trabalho: ruptura do tempo normal; caráter coletivo do fenômeno da festa, participação de pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, como expressão de uma comunidade local; caráter compreensivo e global, uma vez que a festa abrange os elementos mais heterogêneos e diversos sem distinção nem especialização (jogos, danças, ritos, música etc, ocorrem no interior de uma mesma celebração global); necessidade de ser realizada em grandes espaços abertos e ao ar livre (a praça, o pátio da igreja etc); caráter fortemente institucionalizado, ritualizado e sagrado (a festa tradicional é indissociável da religião); impregnação da festa pela lógica do valor de uso (como consequência: festa-participação e não festa-espetáculo).

Teixeira (1988) realizou um estudo a respeito das festas em torno de variados produtos agrícolas que são realizadas em muitos pontos do país. Segundo o levantamento da época, existiam 311 eventos, em 15 estados, abrangendo todas as regiões, mas com predominância no Sudeste e Sul. Segundo o autor, estas festividades remetem ao mesmo tempo ao passado/tradição e ao futuro/modernidade e dizem respeito diretamente aos municípios que realizam as festas: sua promoção e disposição para assumirem as próprias origens. Além de festas ligadas à algum produto agrícola, como a Festa da Batata (Contenda/PR), Festa do Feijão (Sobradinho/DF), Festa da Mandioca (Paranavaí/PR), Festa da Cenoura (Brejo da Madre de Deus/PE), Festa do Arroz (Boa Vista/RO), Festa do Ovo (Bastos/SP) existem também festas que se dão em torno de produtos não-agrícolas, como a Festa do Chapéu de Palha (Nova Era/MG), Festa da Rede (Pedro II/PI), Festa da Cachaça e da Rapadura (São Antonio/RS), Festa do Basalto (Nova Prata/RS), entre outros, que segundo o levantamento do autor totalizavam 47 festividades em torno de produtos não-agrícolas, mas com as mesmas motivações básicas para a realização de cada uma. Assim, cada município escolhe, para festejar, o que mais lhe convém. Por isso, um mesmo produto pode ser homenageado em muitos lugares. Feijão, batata, cebola, milho, laranja, uva, soja, café, mandioca, entre muitos outros, são temas de festas em muitos pontos do país,

mas cada festividade com suas particularidades e especificidades, devido à diversidade cultural existente no Brasil.

Teixeira (1988) faz uma observação importante: cidades médias e principalmente pequenas são os lugares em que mais ocorrem este tipo de festa. De todas as festas pesquisadas, o autor selecionou cinco delas para fazer uma investigação mais a fundo, todas situadas no Rio Grande do Sul: Festa da Uva em Caixas do Sul, Festa da Soja em Santa Rosa, Festa da Bergamota em São Sebastião do Caí, Festa da Melancia em Arroio dos Ratos e a Festa do Feijão em Sobradinho. Em todas as festas estão presentes parques de diversões (que geralmente são os mesmos em todas as festas), exposição e venda de produtos industriais (com destaque para a Festa da Uva e da Soja que possuem tratores, caminhões, motores, produtos eletrônicos, vestuários etc), artesanais (decoração, vestuário e alimentação, com destaque para os queijos, vinhos, salames, pães, que são produzidos no local), agrícolas (legumes, verduras e frutas) e pecuários (gado leiteiro e suíno), shows musicais (com ênfase para os grupos tradicionais locais de dança e canto, com forte apelo ao passado), restaurantes e barracas de especialidades variadas. Em todos os casos, a prefeitura municipal de cada cidade se constitui no agente principal de sua realização. Cada uma destas festas é articulada por algum tipo de comissão executiva com ou sem personalidade jurídica, apoiada por outras sub-comissões e que em sua quase totalidade são pessoas sem trabalho remunerado. O que ocorre também em alguns casos é o interesse político que se encontra “nas entrelinhas” do evento, pois “participar da organização das festas constitui distinção, [...] pode ser estratégia eficaz para projetar e/ou solidificar lideranças” (TEIXEIRA, 1988, p. 42).

Um personagem bastante representativo nas festas estudadas pelo autor é a Rainha e Princesa da Festa. A escolha das moças para serem rainhas e princesas é principalmente relacionada à beleza. Elas têm papéis relevantes a serem representados, principalmente nas festas da Uva e da Soja, como promotoras especiais das festas. Apesar de grande parte dos envolvidos na organização das festas serem empresários e outros pertencentes à classe social dominante, a figura do colono é valorizada, mesmo que de modo indireto. Esta valorização pode ser vista na inclusão na programação da festa de eventos ligados às tradições culturais trazidas pelos imigrantes europeus, que colonizaram o estado. Uma consequência disso foi um renovado interesse pelos produtos agrícolas, tanto de lavouras

empresariais como as pequenas lavouras ou as de subsistência, já que a partir da década de 1970 houve uma inversão na produção rural, dando prioridade à pecuária e à agricultura de exportação (soja, cana), desfavorecendo a produção de alimentos básicos. Quem ficou responsável pela produção destes alimentos foram os colonos, que pelo espaço tomado pelas pastagens e monoculturas, lhes restaram áreas serranas e de mata, tornando difícil sua sobrevivência. Houve a valorização de bens alimentícios efetivamente produzidos por colonos: “Queijos, pães, doces e frutas coloniais são percebidos como puros, autênticos, não contaminados [...]” (TEIXEIRA, 1988, p. 56). No caso da Festa da Uva e da Soja a principal motivação da realização da festa, segundo o autor, além de instrumento de promoção das cidades-sede, é a exposição de produtos da indústria do vestuário, mobiliário, máquinas e implementos agrícolas. Já no caso das Festas da Bergamota, da Melancia e do Feijão, visam também à promoção das cidades, mas também a valorização dos próprios produtos homenageados e de seus produtores.

Na cidade de Caxias do Sul, onde é realizada a Festa da Uva, a vitivinicultura já não é mais a atividade econômica principal (a indústria metal-mecânica está em primeiro lugar). Mas mesmo assim o nome da festa é mantido por uma questão de tradição, que teve sua primeira edição em 1931. A festa é realizada no Parque Centenário desde 1975, inaugurado para as comemorações do centenário da colonização italiana. Além do parque e do centro da cidade, vários outros pontos da cidade são contemplados com atividades ligadas à festa. Isso foi necessário, pois com o passar dos anos a festa perdeu muito de sua característica principal que é a vinculação ao produto agrícola, passando a ser cada vez mais feira de produtos industriais, fazendo com que os organizadores elaborassem programações paralelas para o resgate da tradição agrícola, como apresentações de corais e a realização de cerimônias religiosas e outros eventos que relembassem a tradição italiana, como o esmagamento de uvas com os pés, refeições italianas etc. Na festa são comercializados somente a uva *in natura* e sob a forma de vinho.

A Festa da Soja é realizada na cidade de Santa Rosa (RS), segunda maior festa em se tratando de número de visitantes, segundo a pesquisa feita por Teixeira (1988). A cultura da soja é amplamente dominante em toda a área, sua expansão se deu à custa da diminuição da produção de milho, substituindo a antiga Festa do Milho pela Festa da Soja. A soja em si tem presença muito modesta no evento: *in natura* aparecia em dois ou três pontos, sob a forma de mostruário. Já

óleos, margarinas e leite, tiveram maior presença, mas mesmo assim bem menor do que a uva em sua respectiva festa.

A Festa da Bergamota se realiza na cidade de São Sebastião do Caí, situada na principal área de citricultura do Estado do Rio Grande do Sul e de colonização alemã. Seu *locus* principal é o Parque Centenário de Exposições, onde ocorre a maioria das atividades da festa. O produto homenageado tem presença significativa, com muitas variedades da fruta, além de serem distribuídas aos visitantes, também estavam a venda em barracas. Além disso, a fruta também foi empregada no preparo e como elemento de decoração no parque.

A Festa da Melancia é realizada na cidade de Arroio dos Ratos, um município que tem como a atividade carbonífera sua principal economia. Dos cinco casos estudados pelo autor, este é o que apresenta maiores necessidades, por ser um município pobre com graves problemas de desemprego e sua população de origem étnica variada tem considerável número de indivíduos prematuramente desgastados pelo trabalho nas minas e como a aposentadoria dos mineiros se dá com 15 a 20 anos de serviço, há grande parte da população de aposentados. A fruta símbolo da festa era encontrada em vários pontos, sob diversas formas (em pedaços, picolé, suco), além de ser o elemento central de uma disputa esportiva: numa gincana a cavalo, uma das provas exigia que os participantes, sozinhos, montassem segurando uma melancia com aproximadamente 7 quilogramas.

E por fim, a Festa do Feijão, realizada em Sobradinho, até 1986 não possui estrada asfaltada, dificultando um pouco o acesso ao local. A festa ocorre no Parque Municipal de Exposições construído para abrigar a primeira edição da festa, em 1984. Nesta festa também o produto homenageado foi bastante encontrado, com a venda de variedades do produto, além de ser servido no restaurante a “feijoada completa”.

Um outro produto valorizado em meio às festividades é o pinhão. Em estudo de Prudente (2007), o autor mostra que há uma dimensão econômica traduzida pelo valor que se agrega ao pinhão com a festa na cidade de Cunha/SP. Com a iniciativa da festa, a partir de 2001, a saca do pinhão foi altamente valorizada, motivando além da festa, também a criação de uma associação de coletores de pinhão. O ponto forte da festa é a grande comercialização de produtos à base de pinhão, e na edição de 2007, foram comercializados mais de 20 produtos alimentícios deste gênero. A população local é envolvida no processo, tanto na

organização quanto no próprio fornecimento do pinhão para as barracas gastronômicas. Além da festa girar em torno dos alimentos, há também eventos musicais para maior sociabilidade dos participantes. O fato de incorporar à cultura local o pinhão mostra a exaltação vinda de um elemento da natureza, graças às condições de temperatura oferecidas pelo clima tropical de altitude, caso do município.

Sá e Barroco (2004), em um estudo sobre a cidade de Camacan (BA) e a cultura cacaueteira, mostram que o cacau é a base da economia local e que está fortemente ligada à formação cultural. Para isso, é realizada na cidade uma festa em homenagem ao alimento e também às pessoas envolvidas na lida com o cacau. A festividade já é tradição há mais de vinte anos, sendo o principal momento de diversão e confraternização.

Já no estado do Paraná, para se ter uma ideia da variedade de festas gastronômicas, segundo o levantamento das festas populares gastronômicas feito pela SEEC (PARANÁ, 2009) encontrou as seguintes festividades: Camacho - Festa do Camarão e do Chope, Fest Peru, Fest Frango, Festa da Laranja, Exponkan, Festa da Leitoa no Tacho, Festa da Maçã, Festa da Pesca, Festa da Soja, Festa Tainha e do Pescador, Festa da Uva, Festa del Vinno, del Formaggio e Della Polenta, Festa do Boi no Rolete e Porco na Estufa, Festa do Borrego no Rolete, Festa do Carneiro ao Molho de Vinho, Festa do Carneiro no Rolete, Festa do Costelão, Festa do Cupim, Festa do Dourado Assado no Carrossel, Festa do Frango na Telha, Festa do Kiwi, Festa do Leilão, Festa do Marreco Recheado, Festa do Milho, Festa do Morango, Festa do Pernil, Festa do Pêssego e do Ovo, Festa Nacional da Cerveja Caseira, Festa do Pierogi, Festa do Pinhão, Festa do Porco no Rolete, Festa do Trigo, Festa do Turismo e Frutos do Mar, Festa Nacional do Carneiro no Buraco, Festa Nacional do Costelão ao Fogo de Chão, Festa Nacional do Pintado na Grelha, Festival da Carne Suína, Festival do Caranguejo e Manioc Fest.

Assim como as festas citadas acima, em Londrina, além das festas religiosas também são realizadas festas gastronômicas e algumas delas (especificamente as festas nos distritos rurais) serão abordadas neste trabalho: Festa do Milho, Festa do Café e Frango e Festa da Mandioca.

1.3 FESTAS CÍVICAS E PODER

Um outro tipo de festividade que há registro são as festas cívicas e festas ligadas a fatos históricos, ambas muitas vezes envolvidas com disputa de poder político. Além de ser um momento lúdico para seus participantes,

A festa é também um 'lugar simbólico' através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social. (FERREIRA, 2005, p. 15)

Segundo Ledezma (2009), é durante a Revolução Francesa que surge o culto cívico em torno de homens vivos e não somente mais aos deuses e santos da Igreja. Estas comemorações, segundo o autor, são “[...] como momento no qual se entretence passado, presente e futuro [...]. Seria também o ato máximo criador do espetáculo que nos comunica com o coletivo e nos faz sentir cidadãos, pertencentes a uma nação” (LEDEZMA, 2009, p. 41). Nesta época as festas deixaram de ser realizadas em teatros, onde somente a aristocracia participava, para ir às ruas, buscando a participação do povo.

Na visão de Kraay (2004) os rituais cívicos são “ritos do poder”, nos quais as autoridades representam sua legitimidade, utilizando-as como espaços políticos. Em seu estudo sobre as festas cívicas no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1823 – 1831), o autor salienta que se comemorava a independência do país de uma forma ou outra, discutindo-se nelas a organização política do novo Estado. Herdou-se, da época Colonial, a tradição de comemoração festiva dos fatos políticos importantes com iluminações, arquitetura efêmera, desfiles militares, fogos de artifício e salvas de artilharia. Há uma semelhança em relação a este tipo de manifestação festiva cívica no Brasil também a partir das décadas de 1930 e 1940. Segundo estudo de Vaz (2006) há participação intensiva de trabalhadores, sindicatos, escolas, jovens e crianças nestas manifestações, lotando os estádios de futebol, as praças, as escolas e as ruas. Estas festas contavam “[...] com uma programação rica em discursos, apresentações artísticas e esportivas, declamações, desfiles laudatórios e outros” (VAZ, 2006, p. 1). Quem não se recorda do período escolar em que nas comemorações da Semana da Pátria tanto nos espaços físicos da escola quanto no material didático havia a exaltação da representação do dia da

Independência do país, além dos ensaios dos desfiles que antecediam o feriado nacional?

Nos remetendo aos dias atuais em relação às festas cívicas, Felipe (2008) relata sobre a cidade de Mossoró/RN, onde há uma grande movimentação cívica e seus organizadores são constituídos por um grupo familiar (família “Rosado”) que domina publicamente a cidade há 58 anos. A maneira que a família Rosado conseguiu para influenciar a população local é através da palavra, quer seja nos jornais e rádio locais, nos livros da Coleção Mossoroense e até mesmo nas solenidades cívicas e palanques eleitorais. Utilizam de um discurso que inclui a mostra de dedicação total à cidade, resgatando o passado através da própria história de surgimento da cidade e relacionando com o ideário da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade). Os “Rosado” se auto-intitulam como guardiões da memória local e como animadores culturais através das festas cívicas, solenidades e rituais cultuando os heróis do passado. Para se ter uma ideia da influencia local,

A cidade real é uma geografia de uso político, uma geografia cuja apropriação se dá também pela nomenclatura que cartografa esse espaço social, marcando o nome dos Rosado na nomeação de ruas, praças, bairros, logradouros, conjuntos habitacionais, escolas, auditórios, hospitais e clínicas médicas, além de instituições e monumentos. (FELIPE, 2008, p. 45)

As festas cívicas então desta cidade resumem-se nos desfiles militares e estudantis para comemorarem o 30 de setembro de 1883 (data em que a cidade liberta seus escravos), o Motim das Mulheres em 1875 (revolta das mulheres da cidade contra o alistamento dos maridos na Guerra do Paraguai), a Resistência da cidade ao ataque do bando de Lampião em 1927 e o primeiro voto feminino também em 1927. Para que as comemorações se tornassem mais atrativas foi elaborado um espetáculo teatral, o Auto da Liberdade, tornando-se uma festa tão grandiosa, que no ano de 2002, entrou para o *Guinness Book* como maior espetáculo teatral de rua do mundo. A intenção desta exaltação ao passado retomado todos os anos na ocasião da festa serve para “[...] reanimar mesmo que periodicamente este sentimento da sociedade, que através das lembranças dos feitos gloriosos dos antepassados, sente-se solidária e orgulhosa de pertencer a essa comunidade de

iguais” (FELIPE, 2008, p. 51). Mas mais do que isso, a festa tem a intenção de lembrar a população o papel político que a família Rosado exerce na cidade.

1.4 FESTAS E TRADIÇÃO

Além das festas religiosas, as festas ligadas a produtos agrícolas (gastronômicas) e festas cívicas, há registros de festas relacionadas a manifestações culturais, costumes e tradições. Maia (2004) realizou um estudo sobre a vaquejada em João Pessoa/PB, festa que teve origem nas fazendas de gado sertanejas do sertão nordestino, “[...] onde a pecuária é a atividade econômica dominante, surgiu entre os séculos XVII e XVIII a festa da apartação, origem da festa da vaquejada” (MAIA, 2004, p. 163). A festa da apartação constituía-se em uma reunião de vaqueiros que, ao final do dia, em frente à casa da fazenda, festejavam as perseguições e as derrubadas dos bois. Quando o processo de urbanização se acentua e as cidades começam a centralizar a vida econômica e social, a festa da vaquejada também passa a ser nas cidades, em parques construídos exclusivamente para esses espetáculos e a serem programadas segundo um calendário oficial de eventos. A festa perde um pouco da caracterização original, pois passa de uma festa de vaqueiros para uma festa com um público eclético, de jovens urbanos titulados em universidades, médicos, advogados, agrônomos, entre outras pessoas, que participam das atividades por diversão, chamados de “*agroboys*” ou “vaqueiros inventados” que nada tem a ver com a vivência dos primórdios da festa, relacionados à lida no campo. Como Hobsbawn (1984, p. 14) salienta,

[...] a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas.

A passagem da realização da festa para a cidade, fez com que esta se tornasse um megaevento, conhecido em toda a região Nordeste e segundo Maia (2003, p. 181), “[...] a vaquejada expressa-se através da dialética da festa e do espetáculo e do vivido com o concebido”. Os “vaqueiros inventados” procuram resgatar um passado rural e defendem a sua tradição, que na verdade é uma

tradição inventada. A valorização dos modos de vida, da cultura do homem do sertão nordestino era a razão de existir da festa, apesar de hoje ter perdido muito de suas características no momento em que se tornou espetáculo. Mesmo assim, “[...] toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBSBAWN, 1984, p. 21).

O exemplo da Festa de Peão de Barretos/SP também pode ser considerado neste caso de festas relacionadas a manifestações culturais. Amaral (1998) relata que esta festa teve início em 1956 e hoje é a maior festa de rodeio do planeta. De iniciativa de um grupo de jovens da cidade na época, o propósito da festa é de homenagear as raízes populares, artísticas e culturais do local, pois na época do surgimento da festa, Barretos era conhecida como a “capital da pecuária brasileira” por motivos econômicos e históricos. A localização estratégica da cidade e as pastagens de primeira qualidade fizeram com que fosse parada obrigatória das boiadas que vinham do Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Por ser local de passagem de boiadeiros, foi se instalando um estilo de vida próprio destes trabalhadores, que entre um trabalho e outro de transporte do gado para o frigorífico, organizavam rodeios para se divertirem. Hoje o evento conta, além do rodeio, com grandes *shows* com artistas renomados, feira de exposições, gastronomia, concurso de berrante, de comida tropeira e de viola, exposições de produtos etc. Segundo a autora, mesmo a população mais urbana passou a entrar em contato com a cultura do boiadeiro, como a música, a dança, a alimentação e o modo de vestir.

No Paraná, relacionadas às manifestações culturais, encontra-se o Bon Odori, cavalhadas, Fandango de São Gonçalo, Festa da Cerejeira, Cavalgada do Trabalhador, Festa de Artesanato e Alimentos, Festa da Colheita e Ação de Graças, Festa da Primavera, Festa das Orquídeas, Festa das Flores, Festa das Colônias, Festa do Colono ou do Agricultor, Festa do Peão e Rodeio, Festa Tropeira, Oktoberfest, Festival do Trabalhador, Festa do Arrancada de Tratores, etc.

Além de comemorações também aos imigrantes, como Bucovina Fest, Fest Vin - Festa da Cultura Italiana, Deutschfest – Festa da Cultura Alemã, Festa das Nações, Festival Folclórico Polonês, Polsky Fest – Festa da Cultura Polonesa, Imin Matsuri, Haru Matsuri, Festival Tanabata, entre outros (SECRETARIA, 2009).

No ano de 2008 foram comemorados em várias cidades do Brasil os 100 anos de imigração japonesa no país. Cidades que possuem em sua população

descendentes de japoneses, mesmo que este número não seja expressivo, organizaram eventos para relembrar e celebrar a saga dos migrantes que vieram ao país em busca de uma vida melhor. Em Londrina, dois grandes eventos fizeram parte das celebrações: o IMIM 100, festa realizada no Parque de Exposições Ney Braga e que contou com várias apresentações artísticas, desde dança, música e teatro, até atrativos gastronômicos. Além disso, foi construída uma praça em homenagem a esta data, a Praça Tomi Nakagawa. Outras cidades como Assaí, Terra Boa, Rolândia, Curitiba (todas no Paraná), são algumas das que também buscaram homenagear o povo japonês.

Outra demonstração da influência dos povos migrantes na realização de festas é o caso estudado por Lebrão, Hanada e Bomtempo (2007). Na cidade de Bastos/SP a população de descendência japonesa contribui muito para a economia e cultura local. A cidade é forte produtora na área de avicultura, citricultura, sericicultura, cafeicultura e cotonicultura, entre outros. Além de eventos específicos da cultura japonesa (festas como Shinenkai, Bonenkai, Ireisai, Undokai, Keirokai) é realizada também na cidade a Festa do Ovo (por ser forte a avicultura). A festa é conhecida nacionalmente por sua peculiar exposição de ovos, seda, produtos industriais dirigidos à avicultura, além de atividades culturais como a Cerimônia do Chá, apresentação de cantos e bailados japoneses, exposição de orquídeas e *ikebanas* (arranjos florais), shows artísticos, barracas de comidas típicas da cultura japonesa, o concurso “o maior comedor de ovos”, eventos técnicos de avicultura e também torneios esportivos.

Quando se considera que não são somente os atores (humanos) que interferem nos eventos, a participação dos diversos objetos (ou material não humano) que compõem a festa irá trazer mais elementos que influenciam o fato. A organização da festa, o modo como ela se espacializa, as danças apresentadas, as roupas, as comidas características, os sons, as músicas, as formas de participação direta ou indireta de quem festeja e de quem observa, todos os elementos que definem a festa, enfim, não se limitam a uma “figuração” no evento. Cada um destes elementos possui suas próprias conexões com diferentes redes em diferentes escalas e estabelece com os outros elementos as conexões próprias do evento que se busca compreender (FERREIRA, 2003).

O recorte temático são as festas e o recorte espacial estudado é o espaço rural do município de Londrina. Mas para entender a dinâmica das festas, a

importância e as funções que elas desempenham no lugar, cabe aqui se discutir o estágio em que se encontra a sociedade atual, ou seja, a realidade espaço-temporal que se vive na atualidade, com a rapidez e a efemeridade dominando os espaços do trabalho, relações sociais, produção, consumo etc.

A partir do entendimento das múltiplas funções (lazer, manifestações da cultura, socialização, contribuições financeiras, atrativo turístico) que as festas possuem em suas variadas formas (religiosa, gastronômica, lúdica, cívica etc) é necessário que se entenda as festas contextualizadas no espaço geográfico, no lugar e a caracterização delas no espaço rural.

2 O LUGAR COMO EXPRESSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Desde os anos de intensificação “visíveis” do processo de globalização (aqui se reportando à característica de reordenamento dos espaços para não se ter uma visão simplista de tal processo), há uma modificação nos modos de vida, formas de produção e relações sociais de trabalho. A procura desenfreada do progresso proporcionou sérias catástrofes ambientais e socioeconômicas: a informatização diminuiu em grande escala o número de postos de trabalho; desigual distribuição de renda para a população; más condições de saúde e educação; desmatamento e poluição desregrada; entre outros de uma longa lista.

O fato maior do século XIX é a criação de uma economia global única, que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, uma rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicações, movimentos de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido, nos dizeres de Ortiz (1991).

Neste trabalho considera-se o espaço geográfico a partir de um par de categorias: a configuração territorial como produção histórica da materialidade das obras humanas, tendendo à negação da natureza não tocada pelo homem, substituindo-a por uma natureza humanizada. E as relações sociais como o que dá vida à configuração territorial, ou seja, que intervém, dinamiza e cria a espacialidade de acordo com sua necessidade (natural ou criada), sendo ambas imbuídas de artificialidade e indissociáveis para o trabalho geográfico, perdendo o sentido se vistos isoladamente (SANTOS, 1996). A configuração territorial é cada vez menos natural e cada vez mais artificial, devido ao meio técnico atual. A seguir, pretende-se abordar a realidade espaço-temporal em que a sociedade se encontra, relacionando-se ao tempo de trabalho e de não-trabalho e sua relação com as funções das festas no lugar.

2.1 O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL E A REALIDADE ESPAÇO-TEMPORAL

O período técnico em que o mundo se encontra atualmente é definido por Santos (1996) como técnico-científico-informacional, iniciado após a Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 1970. Caracteriza-

se por ser flexível, autorregulado, polifuncional, com circulação de bens materiais e imateriais (informação), descentralizados e interativos (redes). Mesmo onde se manifesta localmente, ele está presente no funcionamento da rede de relações que dão base ao que se chama de globalização. Porém, a ideia de dissipação da ciência, da tecnologia e da informação para todos os “cantos” do planeta é generalizadora, pois a disponibilidade de tais condições não é homogênea para todos os povos. A face perversa da globalização é a de buscar a estandardização e banalização das características culturais através da produção de protótipos e normas, mostrando-se racional e artificial.

A discussão em torno do desenvolvimento, grande parte das vezes, é associada a algo positivo, um sentido de algo melhor do que o atual, relacionando-se à economia. Porém, não deve ser tratado como sinônimo de desenvolvimento econômico, além de não poder ser reduzido a apenas o crescimento econômico (SOUZA, 2002; CORIOLANO, 2003; RODRIGUES, 2002). Um dos grandes desafios da sociedade atual, segundo Coriolano (2002, p. 14), “[...] é promover o desenvolvimento centrado no homem”. Este pensamento “[...] encerra uma revolução de idéias e práticas sociais, que passam a orientar as pessoas e as organizações para a produção e consumo compartilhados”.

Vê-se que os pensamentos expostos são de definições que não levam em consideração somente o fator econômico. Esta nova abordagem de desenvolvimento propõe a necessidade de os organismos locais intervirem em seus ambientes, para mobilização da sociedade e exploração de suas potencialidades, buscando uma maior autonomia diante da internacionalização da economia (BATISTA JR, 2000).

Contribui também para esta discussão a ideia de desenvolvimento solidário, ou seja,

[...] capaz de produzir formas de desenvolvimento mais justas, ao repartir os benefícios e prejuízos de forma mais homogênea e menos aleatória. Esta forma de desenvolvimento procura priorizar os seres humanos e empreendimentos voltados à promoção dos mesmos, se diferenciando, portanto dos padrões hegemônicos do desenvolvimento capitalista. [...] propõe uma utilização diferenciada das forças produtivas, que devem estar à disposição de todos os produtores (ALVES; ALVES, 2007, p. 43).

Conforme contribui Souza Junior (2006) a esta discussão, é necessário compreender o espaço não somente como estrutura física, paisagem,

mas o espaço do movimento, analisando seus usos e não usos através do tempo, além de suas formas e graus de apropriação pela sociedade.

Indissociável à compreensão do espaço está o tempo, que de acordo com Chauí (2001) não deve ser tido como um receptáculo de instantes, nem uma linha de acontecimentos sucessivos, mas sim o movimento interno dos entes para reunirem-se consigo mesmos.

O avanço tecnológico atingiu espantosos níveis no século XX trazendo uma nova dinâmica frente às relações no espaço e no tempo, cada vez mais caracterizados pela sua fluidez e relatividade. O período atual é marcado, de acordo com Carlos (2001) por uma nova relação espaço-tempo, que, invadida pela quantificação, torna-os abstratos. A condição de instantaneidade transforma o sentido dos termos, podendo-se adjetivar o tempo como efêmero e o espaço como amnésico.

No atual estágio do capitalismo, ao mesmo tempo em que se produz a aceleração do tempo, a expansão capitalista produz também uma ampliação do espaço, ou seja, a lógica expansionista da acumulação se concretiza com a intenção de penetrar todas as esferas da vida social transpondo barreiras políticas, culturais e geográficas (FARIA, 1999).

As informações hoje são processadas numa velocidade inimaginável em outras épocas; o mundo torna-se “fisicamente próximo”, onde o avanço na tecnologia dos transportes e da comunicação possibilitou o “encurtamento” das distâncias, embora isso não signifique maior interação social ou melhoria na qualidade de sociabilidade; vive-se num mundo altamente competitivo, repleto de prazos e metas a cumprir no trabalho, trancafiados em escritórios, salas e apartamentos. Como no dizer de Hansen (2000, p. 54): “Conhecimento, espaço e tempo estão, portanto, mutuamente imbricados e indissociavelmente vinculados”.

Segundo Carlos (2001), o tempo na sociedade moderna é determinado cada vez mais pela técnica em função das necessidades do processo produtivo. A aceleração contemporânea produz na cidade a aceleração das formas trazendo como consequência uma situação de conflito percebida como “estranhamento”, provocado pelas mudanças no uso do espaço, impostas pelas novas funções que os lugares vão assumindo na vida moderna. Os referenciais dos habitantes, produzidos como condição e produto da prática espacial, modificam-se

em uma outra velocidade, produzindo a sensação do desconhecido e do não identificado. Assim,

Espaço e tempo tornados abstratos se esvaziam de sentido, contribuindo para a produção de nova identidade, a identidade abstrata, decorrência da perda dos referenciais, do empobrecimento das relações sociais, e como imposição do desenvolvimento do mundo da mercadoria, definida pelos parâmetros da reprodução do capital no momento atual. (CARLOS, 2001, p. 349).

Uma relação importante é apontada por Ortiz (1991, p. 252) quando escreve que o espaço mundial unificado requer um tempo padronizado. Por isso a questão dos fusos horários torna-se importante. As necessidades políticas, financeiras e comerciais exigem que os movimentos sejam coordenados em nível internacional. Em 1884, os Estados Unidos sediam uma conferência sobre o tema e então o meridiano de Greenwich é escolhido como referência para a hora mundial. Para tal escolha, chega-se a conclusão de que o “tempo do mundo” deve ser mensurado a partir de um ponto matematicamente neutro, mas geograficamente político. A Inglaterra, berço da Revolução Industrial, considera-se a representante “natural” da nova ordem. O tempo da modernidade se impõe a todos: ficar de lado significa estar fora da marcha da “civilização”.

O espaço e o tempo da modernidade não conhecem fronteiras; eles se baseiam em princípios como circulação, racionalidade, funcionalidade, sistema, desempenho. Neste sentido diferem da noção de espaço e de tempo da memória nacional. Enquanto esta última se restringe ao âmbito das sociedades específicas, a modernidade envolve um espaço geográfico extra-fronteiras. Ela inaugura um tipo de civilização que nos anos vindouros irá se transformar numa cultura mundial.

Ortiz (1991) em um estudo sobre cultura e modernidade na França expõe algo interessante sobre a modificação na organização do espaço e do tempo. Em Paris, entre os séculos XVI e XVII, a diferença entre os mercados internos e externos é grande, pois tinham tamanho e funções distintas. Enquanto o mercado externo é competitivo e se baseia na troca de produtos não-perecíveis que eram comercializados a grandes distâncias, o mercado interno era local, sendo comercializado o que era produzido regionalmente. Desta forma, haviam grandes barreiras em Paris com a intenção de isolar a cidade para que os ganhos municipais se fortalecessem ao invés de intensificar o comércio nacional. Não somente em

relação à circulação de mercadorias, mas também em relação ao deslocamento de pessoas. Por motivos profissionais ou religiosos, os deslocamentos se limitavam a ir aos cultos, ao trabalho, às compras, nada que ultrapassasse algumas ruas ou até mesmo seu bairro. Porém, estes deslocamentos se davam da seguinte forma: as mulheres da aristocracia faziam compras em lojas e mercados e circulavam em suas carruagens particulares, enquanto a burguesia às vezes até chegavam a caminhar pelas ruas com suas domésticas. Porém, as compras maiores e mais pesadas eram feitas por pessoas de classes populares, já que o fato de carregar pacotes era sinônimo de subalternidade. Desta forma, cada local da cidade era “um mundo a parte”, que tinha quase nenhuma comunicação com as outras. Somente a partir de 1828 é que o quadro começa a mudar, com a melhoria dos sistemas de comunicação e dos transportes, começando assim o espaço a ser percebido como uma rede. A intensificação da circulação de pessoas e de mercadorias é uma das transformações mais amplas que ocorrem na sociedade, ocorrendo a queda nestas barreiras, tanto internas quanto externas, e a conseqüente reorganização do espaço.

Assim, dentro a nova ordem social o espaço é representado como algo que começa a se desagregar. A duração de um deslocamento é função da técnica de circulação: o que é destruído não é o espaço em geral, mas o espaço intermediário do trajeto. Os homens estavam acostumados a transitar no interior de carruagens a uma velocidade que os permitia visualizar a paisagem. A diligência e o cavalo os havia habituado a contemplar de perto a natureza envolvente. O trem acaba com esta percepção da continuidade, os espaços locais tornam-se elementos descontínuos, pontilhados ao longo da viagem. A velocidade acarreta uma fluidez e uma redução do conteúdo dos objetos; eles tornam-se panoramas, imagens. Nada liga os intervalos existentes de uma rota, a não ser a visão panorâmica do que se descortina lá fora, longe dos sentidos ainda afinados com um sistema técnico que mantinha contato estreito com a terra firme.

Tempo e espaço não se dissociam e se modificam numa velocidade cada vez maior. O tempo como duração da ação no espaço, revelado nos modos de apropriação, é, hoje, um tempo acelerado, imposto pelo quantitativo. A quantificação do tempo e do espaço atravessa as relações presentes na sociedade, penetra o universo da vida cotidiana das pessoas, não só pela constituição de uma rotina organizada, mas pelos atos, gestos, modos de uso dos lugares da vida, já homogeneizados. Como a quantificação do tempo, o capitalismo invade a

sociedade, a necessidade de um novo tempo de produção atinge as relações cotidianas e transforma os usos, porque o próprio espaço, condição e produto da produção, também se transforma. Este novo tempo de produção faz com que a vida da sociedade se divida em diferentes tempos, chamados aqui de tempos sociais: tempo de trabalho e tempo de não-trabalho. Estes se modificam conforme a mudança nos meios de produção, e por nos encontrarmos em pleno capitalismo, não mais claro do que a ênfase no tempo que os homens passam em seu local de trabalho, restando poucas horas do dia para todas as outras atividades necessárias para sua “(sobre)vivência”.

2.2 TEMPO DE TRABALHO E TEMPO DE NÃO-TRABALHO: POR QUE A DIVISÃO DOS DIFERENTES TEMPOS SOCIAIS?

A sociedade atual transformou o tempo em mercadoria, tanto que até o lazer tornou-se um “problema”, ou seja, deve ser programado com antecedência para ser bem aproveitado. A concepção de lazer como tempo de folga, como um tempo livre, que se opõe ao tempo de trabalho, mostra quão aprofundada está a oposição entre vida e trabalho. O medo do ócio, da inatividade, e da “quietude” que os antigos gregos tanto valorizavam, marca a atual sociedade. Mas como compreender essa divisão tão grande entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho? É necessário um breve resgate histórico das relações de trabalho para vir à tona a discussão proposta neste tópico.

A palavra "trabalho" tem sua origem no vocábulo latino "tripalium", um instrumento de tortura formado por três paus. Assim, originalmente, "trabalhar" estava relacionado à tortura.

O trabalho na Antiguidade relacionava-se a esforço físico, cansaço e penalização. Esta atividade era reservada aos escravos e para as pessoas livres a subsistência era através de coleta e caça, ou seja, o tempo de trabalho era o da natureza. Na Grécia antiga, o que diferenciava os cidadãos era o fato de trabalhar ou não (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2009). O escravagismo se constituía na base da produção de bens necessários ao sustento de seus donos. Os gregos podiam então se dedicar às artes, ao debate científico e filosófico, aos esportes e ao ócio; já os escravos mal tinham tempo de descanso, sempre com trabalho árduo para dar suporte às regalias dos ditos cidadãos (os escravos não eram considerados como

tal). Até a Idade Moderna não há sinais de exaltação do trabalho, por ser sinônimo de castigo e estar ligado à pobreza e miséria. Após esta época, o trabalho teve seu significado transformado, passando a ser considerado como algo nobre, fonte de produtividade e riqueza e até hoje é tido como uma atividade valorizada, digna e dignificante. Uma das influências para a mudança da valorização do trabalho foi o papel exercido pela Reforma Protestante, no século XVI, “ao ser instituída uma ética no trabalho com base no livre-arbítrio religioso. [...] Os ensinamentos religiosos dão novo sentido ao sofrimento oriundo do trabalho, transformando-o em conformismo e em motivo de orgulho e sacrifício” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2009, p. 52). A ideologia do trabalho orientada pelas instituições condenava o tempo livre dos trabalhadores, sendo apenas as pessoas da classe dominante que tinham o direito ao lazer. Assim como a religião, a escola também contribuiu para a exaltação ao trabalho:

Moralistas e educadores aderem à luta contra o desperdício de tempo. A escola desempenhava, no século XVIII, o papel da instituição encarregada de treinar as crianças para a disciplina e o trabalho, através de rígidos controles de tempo. Uma vez dentro da escola, a criança entrava num novo universo de tempo, nos moldes da disciplina militar. (CARVALHO, 2008, p. 51)

O processo de valorização do trabalho foi lento e precedeu o sistema de fábrica, com o trabalho assalariado em indústrias. Nos séculos XVIII e XIX, somente se sujeitava ao trabalho assalariado quem estava em situação degradante: o artesão arruinado, o agricultor expulso do campo, os pobres sem posse alguma. A partir então do século XX é que a condição de assalariado tornou-se questão de cidadania, ou seja, “[...] exercício da condição de cidadão protegido pelas leis de um país, expresso nas liberdades individuais, na igualdade de direitos perante a lei e no direito universal à participação na vida pública” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2009, p. 52 - 53).

A substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril constituiu a Revolução Industrial: revolução, em função do enorme impacto sobre a estrutura da sociedade, num processo de transformação acompanhado por notável evolução tecnológica.

A Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e encerrou a transição entre feudalismo e capitalismo, a fase de acumulação primitiva de capitais e de preponderância do capital mercantil sobre a produção. Transformou-se na passagem da economia artesanal para a economia industrial, em larga escala. Como relata Niveau (1969), alguns acontecimentos foram a base para o início desta fase tão turbulenta na economia mundial: a grande produtividade na agricultura aumentou o nível de renda dos produtores, desencadeando a procura por ferramentas e de aperfeiçoamento nas técnicas de produção agrícola, buscando satisfazer as novas necessidades alimentícias. Assim, houve um aumento na demanda de ferro para as ferramentas e também a expansão da indústria têxtil, favorável à produção de algodão e lã, devido ao grande aumento populacional vivido nesta época. Com este aumento de produtividade e populacional, também foi fomentado o desenvolvimento dos meios de transporte (com a construção de estradas de ferro, canais etc) e o surgimento de invenções, buscando respostas a problemas concretos da época (como a indústria têxtil, o ferro, a máquina a vapor etc).

Com a intensificação dos processos industriais, é criado um sistema de produção chamado taylorismo, que visava um método de racionalizar a produção, possibilitando o aumento da produtividade do trabalho, economizando tempo, suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo, ou seja, controlando excessivamente o tempo do trabalhador através da divisão social do trabalho, intensificando assim a separação entre o trabalho intelectual (planejamento, concepção e direção) e o trabalho manual (execução). Assim, cada tarefa é executada por um trabalhador, que terá as instruções de como executa-la e com seu tempo cronometrado, passando por constantes avaliações de produtividade (RAGO; MOREIRA, 1986).

Mas no mundo do trabalho industrial o que mais se destaca é a indústria automobilística e tem o fordismo (criado por Henry Ford em 1913) como uma nova organização na produção e no trabalho, “[...] aplicando os métodos do taylorismo à indústria automobilística para atender a um potencial consumo de massas” (GOUNET, 1999, p. 18). Mais tarde este sistema de produção se espalhou aos demais tipos de indústria por todo o mundo. Para tal feito, Ford intensifica a produção em massa, racionalizando as operações, combatendo os desperdícios, principalmente de tempo; há o parcelamento das tarefas (um operário não fabrica

um veículo inteiro, somente parte dele, não necessitando mais ser um artesão especialista, deixando de lado o “saber fazer”); padronização das peças, dos modelos e dos mecanismos, criando-se uma linha de montagem e a adoção de inovações tecnológicas para regular a produção; assim automatizando suas fábrica. Como bem descrevem Araújo; Bridi; Motim (2009, p. 61):

Os trabalhadores no sistema da indústria fordista não tinham seus direitos reconhecidos. As jornadas eram longas, os acidentes eram fatais e cotidianos, além do trabalho monótono e os baixos salários, que mantinham os trabalhadores em situação de grande pobreza. Essas condições de trabalho explicam o absenteísmo (as ausências) e a alta rotatividade do trabalhador.

Foi dessa forma que a vida do trabalhador transformou-se em tempo de trabalho: a extensa jornada de trabalho, somando-se aos momentos para recompor as energias para o próximo dia de trabalho, não deixando espaço para o lazer.

Bem explicada a colocação de Krippendorf (1989, p. 139), ao demonstrar a insatisfação dos homens em relação à sua vida no trabalho:

A produção de massa e a divisão extrema do trabalho, que reforçam a utilização de novas técnicas e a modernização acelerada dos processos de produção, esvaziam o trabalho de sua substância, reduzindo-o, cada vez mais, a tarefas especializadas. Muitos são aqueles que se sentem cada vez menos ligados ao trabalho, um trabalho que não explora os recursos do indivíduo e que se torna estranho a este.

Para amenizar o problema da rotatividade de funcionários, foi implantada uma jornada de trabalho de oito horas diárias e um pequeno aumento nos salários. Conseguiu assim a assiduidade dos operários, aumento na produtividade e conseqüentemente o estímulo ao consumo. Desta forma, o fordismo além de ser um sistema de produção passa a ser também um estilo de vida, impondo um novo modo de viver, pensar e sentir (tecnológico e massificado) – o “*American Way of Life*” (PADILHA, 2000). A situação da classe trabalhadora começou a mudar seu rumo a partir do momento em que se instaurou a real redução da jornada de trabalho para oito horas diárias, o descanso semanal e as férias remuneradas. Fato que ocorreu após muito tempo de lutas e reivindicações dos trabalhadores, através de grupos organizados.

Com a forte crise econômica na década de 1970, houve grande transformação na maneira de produzir e na organização do trabalho: há uma flexibilização da produção, dos processos de trabalho, dos padrões de consumo, intensificando as inovações comercial, tecnológica e organizacional. A crise deixou de ser somente econômica e ampliou-se para o campo do trabalho, da cultura e da política (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2009). Modifica-se a divisão internacional do trabalho, quando empresas concentradas em países tidos desenvolvidos começam a se instalar em países da América Latina, África e Ásia. Desde os “visíveis” anos de intensificação do processo de globalização (aqui se reportando à característica de reordenamento dos espaços para não ter uma visão simplista de tal processo), há uma modificação nos modos de vida, formas de produção e relações sociais de trabalho (como os trabalhadores autônomos, empregos informais, terceirização, teletrabalho, *home work*, só para citar alguns) e em alguns casos ocorre a flexibilização do tempo de trabalho e conseqüentemente do tempo de não-trabalho. A massificação dos meios de comunicação proporciona um grande aumento do consumo (pela mídia), assim como um maior acesso a informação (televisão, rádio, jornais, revistas, internet: tudo circulando muito mais rapidamente).

Cardoso (2007) comenta que na França, nas discussões sobre a redução do tempo de trabalho, o termo flexibilização é o que mais aparece. Segundo a autora, predominantemente é o desejo dos empresários que demanda e orienta a flexibilização do tempo dos trabalhadores, ou seja, são eles que definem se o trabalhador passará mais ou menos tempo no local. E continua:

Para o trabalhador, como consequência, o tempo de trabalho passa a ser diverso, diferente, desigual ao longo do dia, da semana, do mês, do ano ou da vida. Mas, sobretudo, o novo é que seu tempo de trabalho torna-se mais imprevisível. E se o tempo de trabalho passa a ser mais imprevisível, conseqüentemente, o mesmo ocorre com o tempo de não trabalho, pois como programar um se o outro pode mudar a qualquer momento e a partir da necessidade do outro? (CARDOSO, 2007, p. 75).

Outras modificações ocorrem também, a partir da experiência do Japão, adaptando a sua realidade à indústria, assim nasce o toyotismo, cujas principais mudanças em relação ao fordismo são: a produção ocorre de acordo com a demanda, ou seja, a empresa produz o que é vendido, não havendo estoques, diferente da produção em massa anterior do fordismo; a parcelização das tarefas já não é mais viável, ocorrendo uma flexibilização na produção e na organização do

trabalho, ou seja, a atividade passa a ser em equipe e o trabalhador passa a ser polivalente, operando várias máquinas diferentes (PADILHA, 2000).

A partir deste quadro apresentado, é importante focar a relação entre o trabalho e o modo de vida em que a população se encontra hoje, especificamente em se tratando do tempo de não-trabalho.

Conforme salienta Padilha (2000) o trabalho, na sua forma mais concreta, não pode ser eliminado da vida do homem, independente de qual for a forma da sociedade, pois é ele que possibilita a relação do homem com a natureza e a produção de valores-de-uso necessário à vida humana. Mesmo que o avanço tecnológico seja extremo quanto à utilização de máquinas ao invés de homens (o que já ocorre em muitos setores da economia), ainda permanecerão outras formas de trabalho, como o setor de serviços, o trabalho criativo, além das profissões ligadas à organização da vida social. Em todo o processo de desenvolvimento da humanidade, as relações de trabalho foram mudando, mas foi nas sociedades capitalistas que “A vida no trabalho passou a reger a vida fora do trabalho” (PADILHA, 2000, p. 34).

Atualmente é bastante polêmica a questão da centralidade do trabalho, ou seja, se o tempo de trabalho está diminuindo e realmente dando lugar ao tempo livre, tornando-se atividade-acessório, ou se continuará sempre sendo o centro da vida humana. Polêmicas à parte, o que se tem visto hoje é uma disparidade em relação aos tempos sociais nos diferentes estratos sociais.

Mas afinal, qual seria a diferença de tempo de trabalho e tempo de não-trabalho? A vida toda é marcada pela divisão do tempo em minutos, horas, dias, semanas, meses, anos. Mas não é só em tempo cronológico que a vida se divide, mas também em relação ao espaço. As mudanças no tempo e no espaço se correlacionam, daí utilizar-se o termo espaço-temporais. Assim, na ótica do trabalho, hoje existem dois tempos: tempo de trabalho e tempo de não-trabalho. A intenção nesta pesquisa não é de se ater muito ao tempo de trabalho, mas sim ao tempo que resta aos trabalhadores, que é o tempo de não-trabalho. Mas o que as pessoas fazem no tempo em que não estão (ou não deveriam estar) trabalhando?

Os estudos em geral não levam em consideração as modificações determinadas pelo trabalho e pelos diferentes contextos sociais, a heterogeneidade de sua estrutura e como o lazer se apresenta diferentemente no campo e na cidade. Aquino e Martins (2007) comentam que, antes do surgimento da indústria, as

atividades lúdicas, hoje atribuídas ao lazer, estavam ligadas ao culto, à tradição, às festas e não existia de fato o lazer em si, pois as atividades de trabalho envolviam ludicidade e prazer criativo. Assim como comenta Carvalho (2000), o camponês do século passado orientava seu trabalho pelos tempos da natureza, por isso a demarcação entre trabalho e a própria vida era muito pequena, não existindo conflitos entre o “trabalhar” e o “passar o tempo”, ou seja, não havia nítida separação entre tempo-espço de trabalho (produção) e lazer (atividades contrárias ao trabalho). Mas já os assalariados das indústrias tiveram seu tempo modificado, pois tinham que viver entre o tempo do patrão e o seu próprio tempo.

Há uma grande discussão em torno das concepções de tempo de não-trabalho, tempo livre, ócio e lazer, além de utilização de outros conceitos com significados semelhantes. Para a presente pesquisa é importante frisar que o tempo de não-trabalho engloba todas as atividades que não estejam ligadas às atividades profissionais primárias (o emprego principal), que será chamado aqui de tempos sociais. De acordo com Rodrigues (1989) há uma pluralidade de tempos sociais: tempo de trabalho (profissional ou escolar); tempo obrigatório relacionado ao trabalho (como o tempo de deslocamento); tempo familiar; o tempo biológico (sono, alimentação, reprodução etc); além do tempo livre. No tempo livre, estariam englobadas atividades como as práticas religiosas, participação política e social e também o tempo de lazer. Em meio a todas estas atividades, a autora sugere que deveria haver o tempo discricional, ou seja, “[...] aquele que deveria realmente pertencer ao indivíduo, como um direito único e do qual pudesse dispor como bem entendesse” (RODRIGUES, 1989, p. 19). Mas atentando-se na diferença entre ócio e lazer, pois “Enquanto ócio significa não fazer nada, o lazer supõe o consumo de tempo com alguma atividade” (RODRIGUES, 1989, p. 19). Além disso, o tempo diminuído do trabalho profissional não se transformou inteiramente em lazer. Muitas vezes é substituído por um segundo emprego para complementar a renda da família. De acordo com Gorz (apud LANGER, 2004, p. 20):

O tempo liberado do trabalho não é simplesmente um tempo livre. Ele só se torna tempo livre se nós nos apropriarmos desse tempo livre, tornando-nos senhores, individual e coletivamente, escolhendo os objetivos e usos que dele faremos.

Na sociedade de consumo em que se vive atualmente o ócio tem sido cada vez mais tomado por outros tempos sociais, inclusive pelo próprio lazer. O que se tem visto são pessoas acumulando atividades em seu dia-a-dia, restando menos momentos de pura contemplação; afirma assim Rodrigues (1989, p. 19):

O tempo do ócio foi, gradativamente, expropriado pela sociedade capitalista, que cria a ideologia da necessidade do consumo do tempo livre, quando o tempo livre poderia ser dispendido em pura contemplação, segundo a opção individual. Manipulado pelo sistema capitalista, o homem é impelido a não “perder” o seu tempo.

O desenvolvimento das grandes indústrias acabou com o antigo ritmo de trabalho diário, determinado pelas estações do ano e interrompido pelos jogos e festas. Após longas horas de trabalho diário, só restava o repouso. Hoje o repouso foi substituído por um conjunto integrado pelas mais diversas atividades, não ligadas a necessidades e obrigações, como os deveres familiares e sociais.

O fato de o tempo livre ser distinto nos diversos estratos sociais mostra algumas peculiaridades: em países pobres ou em desenvolvimento, as pessoas têm usado o tempo livre para fazer horas extras ou envolver-se em outro emprego, para aumentar o salário mensal, diminuindo seu tempo com a família, afazeres domésticos e atividades de lazer. Já em países ricos o que se vê é ocupação de todo o seu tempo livre também em atividades somente ligadas ao trabalho, pois “[...] existe o medo diante de um tempo desocupado, o medo do confronto consigo mesmo, o medo da vida” (RODRIGUES, 1989, p. 20).

Langer (2004, p. 4) contribui com esta discussão ao escrever que há necessidade de ir criando uma nova cultura do tempo livre para que a redução da jornada do trabalho não redunde num segundo ou mesmo terceiro emprego:

No fundo, trata-se de dar uma nova importância aos outros tempos da vida e construí-los fora da lógica produtivista. A sociedade está convidada a olhar muito mais para o seu interior, suas necessidades, suas carências, seus desejos, e menos para o interior da fábrica, do escritório e suas necessidades.

A crise entre trabalho e lazer, como salienta Ferreira; Pilatti e Frasson (2009) teve um crescimento com a sociedade capitalista, pois o trabalho passou a ocupar uma posição de destaque enquanto o lazer deixou de fazer parte, pois não havia tempo suficiente para que as pessoas pudessem se dedicar a tal.

A necessidade de lazer cresce com a urbanização e a industrialização, pois estes processos têm proporcionado uma vida “estressante”. O crescimento do lazer está longe de ser igual em todas as camadas da sociedade. De acordo com Dumazedier (1976, p. 46):

O lazer constitui um fato social de alta importância, condicionado evidentemente pelo tipo de trabalho que por sua vez exerce sua influência sobre ele. Ambos formam um todo. O trabalho só será humano se permitir ou suscitar um lazer humano. Porém, o lazer que não passar de uma simples evasão do trabalho, de uma fundamental falta de interesse pelos problemas técnicos e sociais do trabalho só será uma falsa solução dos problemas da Civilização Industrial.

Também, segundo este mesmo autor, existem três funções mais importantes do lazer:

- função de descanso: o descanso libera-se da fadiga. É um reparador das deteriorações físicas e psicológicas provocadas pela tensão das obrigações cotidianas e, particularmente, do trabalho;
- função de divertimento, recreação e entretenimento: está diretamente ligado ao tédio, podendo ser um fator de equilíbrio, um meio de suportar a disciplina e as coerções necessárias à vida social. Daí a busca de uma vida de complementação, de compensação e de fuga por meio do divertimento e da evasão para um “mundo” diferente do enfrentado todos os dias;
- função de desenvolvimento: o desenvolvimento da personalidade depende dos automatismos do pensamento e da ação cotidiana, permitindo uma participação social maior e mais livre, oferecendo novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais.

Gaelzer (1979, p. 46), ao pesquisar o lazer, considerou que este está relacionado à tempo, atividade e atitude. Lazer como tempo “[...] é resultado da organização social do trabalho e uma consequência da revolução tecnológica e do progresso científico”. Com extensa jornada de trabalho como ainda há em grande parte das sociedades, o lazer estaria disponível no tempo em que não se estivesse trabalhando. O lazer como atividade seria um conjunto de ocupações, que sugere uma configuração de atividades, às vezes confundido com recreação. Já o lazer

como atitude é uma questão de valores, relacionado principalmente com o estilo de vida da pessoa, com a motivação e também com a educação.

Infelizmente, a utilização do tempo livre e do lazer não tem necessariamente seguido sua função. Aquino e Martins (2007, p. 481) bem explicam a influência da cultura sob a decisão de como aproveitar o tempo e não-trabalho:

A maior ou menor variação desse tempo de vida dos indivíduos organiza-se e estrutura-se de acordo com padrões assimilados sobre como se deve dispor o tempo para as diversas atividades, além de como o sujeito valora o sentido do tempo cotidiano para si. Desta maneira, as diferentes formas de sentir, pensar, agir e estabelecer o tempo seguem padrões culturais que se refletem na ação do sujeito.

O tempo de lazer pode ser ocupado com várias atividades, sendo o turismo uma delas, dependendo de como a pessoa distribui seu tempo livre. A busca pela atividade turística que vem sendo observada pelo mundo, em sua maioria, está diretamente ligada ao fator econômico. Apesar disso, o turismo é um fenômeno de natureza complexa e multifacetada, que pode ser entendido com contribuições nos campos econômico, sociológico, antropológico, psicológico, cultural, político, jurídico e ideológico, com significativas incidências espaciais.

As motivações para a prática da atividade turística são variadas: lazer, saúde, religião, negócios e eventos, entre tantos outros. Mas ainda o que proporciona um fluxo maior de pessoas no turismo é o lazer. Seja no fim de semana, seja nas férias, as pessoas buscam por lugares fora o de sua residência para se divertirem, descansar e aproveitar com família e amigos. Seja num parque, numa praia, numa fazenda ou numa cidade histórica, a necessidade de sair da habitual rotina preocupante de trabalho, ou seja, viajar, passear, praticar o lazer fora do dia-a-dia, é uma necessidade inerente ao ser humano atual, desde que a pessoa tenha certeza da volta à rotina tranquilizadora, tornando-se assim um paradoxo, já que ao mesmo tempo em que necessita de um tempo fora do cotidiano, também precisa ter a segurança de que terá a sua rotina de volta quando retornar.

O uso do tempo livre, nele incluído o lazer, não é somente um divertimento de uso individual, mas o que se deve evidenciar é o efeito de sociabilidade que envolve. Como salienta Bueno (2008, p. 51), “A festa é uma verdadeira ‘recr(e/i)ação’ ao contrário de muitas formas de lazer pobres em criatividade, convivialidade e comunhão comunitária”.

Desta forma, além do turismo já citado anteriormente, as festas também podem ser consideradas como momento de lazer para a população envolvida. Música, dança, reencontro com amigos, brincadeiras, fazem parte da programação das festas e que se tornam importantes momentos de sociabilidade, principalmente para comunidades onde não há muitas opções de lazer, como é o caso dos distritos rurais. Muitas vezes a festa pode representar algo da vida humana em que o trabalho, o lazer, o lúdico, o riso, o sagrado, o doméstico se misturam e se confundem, principalmente quando se diz respeito às pessoas que estão trabalhando, que possuem profunda relação com o lugar em que vivem.

2.3 O ENTENDIMENTO DAS REPRESENTAÇÕES LOCAIS

A compreensão da categoria de lugar está estreitamente ligada à realização das festas. Lugar, mais do que o espaço vivido, é “Palco dos acontecimentos pela sua dimensão real, prática, sensível e concreta [...] fundamentado nas relações espaciais diretas, no cotidiano e na articulação entre a cooperação e o conflito” (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 53).

É de fundamental importância o estudo do lugar na Geografia, pois “[...] ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos” (CALLAI, 2003, p. 84).

De acordo com Ferreira (2000), com o conceito de lugar pode-se ampliar a capacidade de entendimento de um mundo que se fragmenta e se unifica em velocidades cada vez maiores. Embates tais como globalização x individualismo e homogeneização do ambiente x capacidade de singularização são processos dialéticos que acompanham as discussões sobre o lugar.

Com o processo de globalização e fragmentação do espaço que se tem intensificado há alguns anos, a compreensão do local torna-se relevante, pois, “[...] cada lugar, é, à sua maneira, o mundo... A história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central” (SANTOS, 1996, p. 152). Como bem observa Callai (2003, p. 107):

Na mesma medida em que ocorre este movimento de globalização, que tende a homogeneizar todos os espaços, a diferenciação, pelo contrário, se intensifica, pois os grupos sociais, as pessoas, não reagem da mesma forma. Cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade.

Porém, o lugar não possui um sentido único, assim como as pessoas também não possuem uma identidade única. Pelo fato do lugar estar diretamente envolvido com as relações entre os homens e entre estes e seu meio, a presença de diferentes grupos sociais faz com que o lugar seja entendido no plural, conforme coloca Massey (2009).

O lugar, segundo Harvey (1996), vem adquirindo cada vez mais força no mundo contemporâneo, ao contrário do que aparentemente se expõe nas discussões sobre globalização. O lugar é uma construção social, sendo compreendido como *locus* de elementos de permanência da heterogeneidade, de processos dialéticos e de dinamicidade.

Colabora com este pensamento Carlos quando salienta que o processo definido como globalização materializa-se no lugar, o que significa dizer que “[...] no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem, todavia anularem-se as particularidades” (CARLOS, 2007, p. 14).

A ação dos grupos sociais no espaço é que proporciona uma dinamicidade nas relações entre as pessoas e entre estas e o meio, construindo seu lugar, pois através das relações, grande parte das vezes afetiva, é que se dá valor ao local de vivência. A partir do lugar é que se pode pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo e os processos de apropriação do espaço. Neste sentido, Carlos compara a vida nas metrópoles e conclui que estas não se podem definir como lugar:

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade — vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos. (CARLOS, 2007, p. 15)

A realidade que se encontra então nos distritos rurais é semelhante à descrição de Carlos, pois é o espaço da vida das relações cotidianas mais simples, ou seja, são as relações entre vizinhos, fazer compras, caminhar pelas ruas, encontrar os “conhecidos” por onde passa, o jogo de bola no fim de semana, as brincadeiras entre as crianças, enquadrando-se aqui também os momentos festivos, pois percebe-se que nestes momentos há uma maior solidariedade entre os

grupos através do trabalho coletivo objetivando um bem comum, que é a festa. Bem comum no sentido que Brandão define como “[...] aquilo que não é propriedade de ninguém e nem do poder público, é uma posse e benefício de todos, por igual” (BRANDÃO, 2007, p. 97). No caso das grandes cidades, o processo que vem sendo observado é, segundo Carlos (2007, p. 52):

A atenuação da sociabilidade é marcada pelo fim de atividades que aconteciam nos bairros, com o fim das relações de vizinhança provocado pela televisão, num primeiro momento, e pelo adensamento dos automóveis, em outro, que tirou as cadeiras das calçadas. Constata-se o fim das procissões, onde todos se encontravam; o fim das quermesses que marcaram o período das festas juninas; o fim dos encontros nas esquinas, os ensaios das escolas de samba que antes ocorriam nas ruas dos bairros, hoje ocorrem em quadras cobertas e fechadas, a destruição de ruas e praças em antigos bairros que acabam com pontos de encontro, etc.

Perde-se então o sentido do lugar nas metrópoles, devido à sua amplidão, resgatando-se algumas vezes apenas nos bairros mais distantes do centro “borbulhante” da cidade, além de outras localidades, como no espaço rural e em pequenos centros urbanos.

Por ser dinâmico e envolver grupos sociais diferentes, o lugar apresenta variáveis de tempos diversos, sendo necessário que se considere a dimensão histórica local e que se entenda também que cada um destes grupos terá um ponto de vista diferente de tal realidade que se queira apreender. Para a compreensão da realidade, é crucial que “[...] o que acontece no lugar não pode ser reduzido ao certo e ao errado, mas aos interesses dos envolvidos, econômicos, políticos ou culturais” (CALLAI, 2003, p. 115).

Uma observação relevante de Santos (1988) é de que não existem lugares que possuam somente elementos novos ou somente elementos velhos. Estes fatores ocorrem concomitantemente em um mesmo lugar e o novo não chega a todos os lugares e nem ao mesmo tempo, pois,

O arranjo de um lugar, através da rejeição ou aceitação do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existente nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, a cultura,... Tanto o novo quanto o velho são dados permanentes da história; acotovelam-se em todas as situações. (SANTOS, 1988, p. 98).

Estes elementos “velhos” presentes no “novo” são definidos por Santos como rugosidades, ou seja, “[...] o que fica do passado como forma, espaço

construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 1996, p. 113).

Verifica-se este processo conflitante entre o novo e o velho também nos distritos rurais. Um exemplo: o que muito se encontrava antigamente nas cidades, no final da tarde as pessoas colocando cadeiras em frente às casas, na calçada para ver “o movimento” da rua ou conversar com os vizinhos, hoje já não é tão visto. Mas no espaço rural, em especial nos distritos, este tipo de atitude ainda ocorre, pois há um sentimento de companheirismo e vizinhança muito maior do que na “cidade grande”, onde a agitação e o vai-e-vem das pessoas é muito mais intenso e rápido do que nos espaços com características rurais.

Os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência englobando relações íntimas, tornando-se real a partir da familiarização com o espaço. O espaço “[...] transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6).

O lugar resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam, como usufruem do lazer, como se relacionam, chegando à dimensão da identidade e do pertencimento, ou seja, observando-se como se dá a relação que existe entre os residentes e os lugares. Isto é ratificado por Santos (1996, p. 257), quando explica que:

Através do entendimento desse conteúdo geográfico do cotidiano poderemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam.

Para o entendimento do local é necessário que compreenda que há interferência tanto de fatores internos quanto externos a ele, pois “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1996, p. 273). No caso dos distritos, o processo de mecanização do campo (que se pode considerar como um fator *externo*, por ser um processo global, que ocorre no espaço rural brasileiro como um todo) repercute nas localidades através da mudança nos modos de vida do homem do campo e sua

readequação à “nova” realidade. Muitas vezes, pela proximidade com o centro da cidade, faz com que se mudem em busca de novas oportunidades de trabalho (fator *interno* que é particular a alguns distritos, podendo ser totalmente compreendido se levado em consideração os dois fatores, externo e interno). Com a inter-relação de fatores internos e externos, “Os lugares se diferenciam pela maneira pela qual os fatores internos resistem aos externos, determinando as modalidades do impacto sobre a organização preexistente” (SANTOS, 1988, p. 97), ou seja, o lugar tem grande importância no período técnico-científico-informacional, pois o que vai diferenciar um lugar de outro é justamente a resistência do interno aos fatores externos.

A ligação entre os fatores internos e externos a serem analisados na apreensão da realidade local também é expressa por Ferreira (2000, p. 77) quando escreve que “O estudo geográfico do lugar não deve, assim, se limitar ao estudo do específico e do singular, mas buscar compreender as experiências individuais através das narrativas coletivas e dos discursos públicos”. Compreender o lugar é então relacionar questões políticas e econômicas globais com as teias de significações e vivências expressas localmente. Tratando-se dessa relação entre os acontecimentos globais e locais, Carlos (1996, p. 20) ainda salienta que “O lugar permite pensar o viver, o habitar, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno”.

O lugar do qual se trata no presente trabalho é de características rurais. O espaço rural possui valor tanto para os que dele necessitam sobreviver (como local de moradia, provimento de alimentos, trabalho etc) como também para os visitantes do espaço urbano, quando se trata da atividade turística. Na década de 1970, devido ao intenso processo de mecanização do campo, houve uma desvalorização das atividades agropecuárias, pois estas já não se encontravam tão rentáveis quanto antes. A cidade e o processo de industrialização, assim, tornam-se o foco pela possibilidade maior de empregos. Mas, há alguns anos tem-se visto uma revalorização (simbólica) do espaço rural. Mas por quê? Com o próximo tópico pretende-se compreender tal processo.

2.4 NOVAS ARTICULAÇÕES NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO

Mais expressivamente a partir da década de 1980, há alterações na dinâmica das relações econômicas e sociais que afeta o espaço rural brasileiro, modificando a estrutura agrícola. Graziano da Silva (1997) ratifica isto dizendo que não se pode mais descrever a dinâmica do rural brasileiro como determinada exclusivamente pelo seu lado agrícola, uma vez que surge um conjunto de atividades não-agrícolas que responde cada vez mais pela nova dinâmica populacional do espaço rural.

As transformações no espaço advindas das novas tecnologias resultam em novas formas de organização da produção, afetando diretamente o campo mediante o processo de industrialização da agricultura. A diferenciação entre espaço urbano e rural diminui, acarretando na desmistificação do urbano relacionado ao “novo”, “moderno”, “artificial” e “progresso” e ao rural o “atraso”, “arcaico”, “natural” e “pobreza”. Alentejano (2000, p. 103) confirma a existência desse estereótipo e que características como o “[...] isolamento, visão de mundo provinciana e relações interpessoais restritas, porém densas, atribuídas ao rural, são hoje também altamente questionáveis”.

O crescimento da mecanização no campo e a automação das atividades agrícolas proporcionaram às unidades familiares se individualizarem em relação à gestão produtiva da propriedade, fazendo com que alguns membros da família procurassem fora da localidade outras atividades; e os trabalhadores autônomos reduziram seu tempo dedicado às atividades agrícolas para buscar rendimento e aumento no nível de renda em outras atividades (GRAZIANO DA SILVA, 1997).

Esta modificação é multidimensional, ou seja, deve ser vista pelas diversas óticas, incluindo-se as formas de produção, circulação e consumo. Aspectos tais como formas de ocupação e emprego merecem ser destacados, já que é crescente o número de atividades não-agrícolas, deixando de ser exclusivamente agrícola. Dentre as ocupações não-agrícolas encontram-se a prestação de serviços por meio da venda da mão-de-obra como pedreiro, motoristas, caseiros e também relacionadas às dinâmicas imobiliárias como residências de campo e serviços ligados ao lazer. Há assim “[...] o desenvolvimento

de novas atividades empregadoras no espaço rural que, às vezes, possuem pouca ou nenhuma ligação direta com a agricultura“ (SCHNEIDER; NAVARRO, 2008, s/p).

As atividades agrícolas tradicionais muitas vezes não conseguem proporcionar grandes rendimentos às famílias, assim, surge outra dinâmica que é chamada de “novas atividades rurais”, como pesque-pague, fazendas de caça, criação de plantas ornamentais e animais exóticos, entre outros, conforme exemplifica Graziano da Silva (2008). Neste quadro, a sociedade depara-se com um processo conhecido como pluriatividade, podendo ser definido como um fenômeno:

[...] que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura, em uma mesma unidade de produção por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros, que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) e se identificam como uma família. (SCHNEIDER, 2008, p. 02)

Algumas variáveis que contribuem para a diferenciação da pluriatividade são: o mercado de trabalho e infraestrutura, superfície de terra disponível, grau de escolaridade e número de membros da família, além de sua faixa etária e renda.

A pluriatividade é capaz de promover e incrementar em parte o bem estar e qualidade de vida rural, visto que contribui para a redução do desemprego; elevação da renda familiar; permite o acesso a bens, alimentos e serviços; redução do êxodo rural; auxílio na sazonalidade das colheitas e a execução de atividades não-agrícolas permite a obtenção de renda (SCHNEIDER, 2008).

Em vista desta nova dinâmica faz-se necessário o entendimento das razões das mudanças nas formas de ocupação no espaço rural e o conseqüente aumento da pluriatividade. Schneider e Navarro (2008) apontam como razões a modernização técnico-produtiva da agricultura (que tornou os processos produtivos mais individualizados, utilizando cada vez menos força de trabalho); a terceirização agrícola (contratação de serviços de terceiros que antes eram executados no interior da exploração agropecuária); a queda da renda agrícola (a modernização da agricultura aumentou os custos de produção, em que grande parte dos produtores não conseguiram acompanhar este avanço, tornando seu produto não competitivo no mercado); e mudanças no mercado de trabalho (ampliando o leque de opções de emprego, pela descentralização industrial que busca os espaços rurais).

2.5 A REVALORIZAÇÃO (SIMBÓLICA) DO RURAL A PARTIR DE SUAS PARTICULARIDADES

O desenvolvimento técnico-científico permitiu a criação de facilidades e descobertas nos mais variados ramos: transportes, alimentação, vestuário, lazer e saúde, entre outros. No mundo altamente tecnicista e urbanizado que se vive hoje, toda essa tecnologia beneficiou, por um lado, a população por meio de melhores condições de vida, abrindo um leque de opções nestes ramos e, por outro lado, transformou a sociedade tradicional numa sociedade de consumo (graças ao apelo da mídia), urbanizada (no Brasil, mais de 80% da população se concentra nas cidades) e estressada (em razão da grande agitação do cotidiano das pessoas em busca de melhores condições financeiras).

Nessa sociedade de consumo em massa o tempo livre é capturado por intermédio da fabricação, via publicidade, de novas necessidades de consumo algumas das quais ligadas ao lazer e turismo (MORANDI; GIL, 2000). O crescimento da busca por locais “não-urbanos” mostra que há uma grande necessidade do retorno a uma vida bucólica, reencontro de valores eliminados da vida cotidiana, recuperação da paz interior e vivência com pessoas cujos modos de vida são tidos como simples (RODRIGUES, 2001).

As transformações advindas dos avanços tecnológicos geraram graves problemas, tanto nas cidades como no campo. O Brasil, entre as décadas de 1940 e 1980, “[...] presenciou uma inversão quanto ao local de residência da população brasileira: se pouco mais de um quarto da população era urbana em 1940, na década de 1980 o total passou dos três quartos” (CALVENTE, 2004, p. 4). Essa transformação ocorreu em razão do avanço da tecnologia ao campo, mecanizando as tarefas e provocando o êxodo de milhares de pessoas do campo para as cidades, já que não encontravam mais emprego: as máquinas haviam tomado grande parte dos postos de trabalho.

É clara a tendência do desenvolvimento de atividades não-agrícolas no espaço rural como complemento da renda, nas quais o lazer e o turismo destacam-se. As transformações que vem ocorrendo no espaço rural,

Não podem ser consideradas parte de um processo de proletarização que resulta na decadência da propriedade familiar, mas sim como uma etapa da diferenciação social e econômica das famílias agrícolas, que já não conseguem se reproduzir apenas nos espaços agrícolas do novo mundo rural que está sendo construído a partir de uma valorização de bens não tangíveis antes ignorados, como a paisagem, o lazer e os ritos dos cotidianos agrícola e pecuário. (GRAZIANO DA SILVA; VILARINHO; DALE, 2008, p. 36)

As modificações no âmbito social e econômico dinamizaram a oferta de trabalho. Em locais onde a oferta de emprego já não supria mais a mão-de-obra existente,

Essas “novas” atividades demandaram um número crescente de pessoas para dar sustentação à expansão das atividades turísticas no meio rural, o que possibilitou que os membros das famílias, liberados das atividades rotineiras da exploração agrícola, pudessem ocupar as vagas geradas na expansão do turismo rural (MARAFON, 2006, p. 26).

Perante isso, o turismo e o lazer no espaço rural vêm despontando como atividades não-agrícolas de incremento na renda das propriedades rurais.

O termo turismo em áreas rurais ou turismo rural aparece como amplo, ao se analisar os diferentes conceitos de rural, agrário e agrícola na Geografia, e pode ser utilizado quando se faz referência a qualquer atividade turística que se desenvolve no espaço rural, já no agroturismo devem ocorrer atividades que se identifiquem com as características próprias do mundo agrário. Esta diferenciação de termos ocorre porque no espaço rural outras atividades acontecem, com atrativos como esportes, festas, saúde, eventos etc., que não utilizam de atividades agrárias (CALVENTE, 2004).

Rodrigues (2003) propôs uma classificação para o turismo rural propriamente dito divididos em dois grandes grupos, relacionados basicamente ao patrimônio cultural:

- 1) Turismo rural tradicional: De origem agrícola, de origem pecuarista e de colonização européia;
- 2) Turismo rural contemporâneo: Hotéis-fazenda, pousadas rurais, *spas* rurais, segunda residência campestre, *campings* e acampamentos rurais, turismo de caça e pesca, turismo rural místico ou religioso, turismo rural científico-pedagógico, turismo rural etnográfico.

O turismo rural envolve características do território onde ocorre. Estas particularidades podem ser potenciais para a atração de visitantes. De acordo com Calvente (2004, p. 11),

[...] o turismo rural pode ter como atrativos objetos e costumes herdados do passado, que apresentam um valor simbólico. É um turismo em paisagens naturais e paisagens agrárias, trazendo um retorno ao passado rural ou indígena; é também cultural; de pequenas igrejas e museus de colheitas, festas, costumes e crenças tradicionais, romarias, artesanato e comidas típicas, valorizando os produtos específicos do local. As áreas rurais brasileiras, têm, portanto, por sua gênese e extensão, uma rica diversidade nesses aspectos, desde que o turismo rural não apresente como linha dominante a de ocorrer em um processo de imitação daquele que já existe em outros países, mas aproveite as características próprias de cada local, na riqueza da sociodiversidade e biodiversidade.

O turismo no espaço rural, em toda a sua abrangência, pode vir a incrementar a renda de propriedades rurais, já que a população que mora nas cidades busca estabelecimentos rurais para poderem vivenciar um cotidiano diferente do seu; executando tarefas tradicionais, em contato com valores simbólicos locais. Assim, incluem-se atividades como *spas* rurais, centro de convenções, parques para prática de esportes, visita a parentes e amigos, museus, igrejas, construções históricas, festas, rodeios, gastronomia regional, artesanato e produtos alimentícios, colônias de férias, hotéis-fazenda, fazendas-hotel, esportes de natureza e condomínios rurais de segunda residência (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 2008).

O turismo pode ser uma oportunidade para as pessoas que vivem no espaço rural que procuram uma alternativa de desenvolvimento local que também valorize seu patrimônio, cultura e natureza. Como forma alternativa, as propriedades podem oferecer diversos tipos de serviços, agregando valor ao seu estabelecimento.

Dentro do espaço rural, várias modalidades de turismo podem ser desenvolvidas: turismo rural, agroturismo, turismo de aventura, turismo de saúde, turismo educativo e turismo de negócios e eventos, entre outros.

Verificam-se efeitos positivos diretos do turismo rural como aumento na oferta de emprego; melhoria do acesso à infra-estrutura básica; complemento de renda; valorização da cultura e resgate da memória local; conservação ambiental; desenvolvimento de pequenas e médias indústrias; e assim por diante.

Assim como em qualquer atividade econômica, a atividade turística pode proporcionar impactos negativos como degradação ambiental causada por

resíduos sólidos, ruídos, depredação do patrimônio natural; aumento do trânsito de pessoas e mobilidade populacional; aumento da demanda de serviços básicos competindo com as necessidades da população local; aumento da insegurança e criminalidade pelo aumento do fluxo de pessoas; aumento no custo de vida das comunidades envolvidas diretamente; abandono das atividades agropecuárias, deixando a cargo do turismo a exclusividade de ingresso; além da inclusão e exclusão de áreas, podendo levar ao êxodo rural (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 2008).

Uma das manifestações culturais que se dá no espaço rural são as festas. Podem se tornar importantes para a economia e sociabilidade da população local, como também servir de atrativo para visitantes de outras localidades, como ocorre em alguns distritos rurais do município de Londrina/PR. Mas para tal compreensão é necessário que se entenda a relação entre o patrimônio cultural das comunidades e a possível atratividade destes diante a valorização do espaço rural que se tem visto nos últimos anos.

2.6 O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ATRATIVO

Um dos atrativos para o desenvolvimento do turismo pode ser a cultura de um povo. O turismo se apropria das manifestações culturais em suas diversas formas como atrativo, assim como os agentes culturais também se utilizam do turismo para intensificar sua demonstração e buscar promover a sua localidade.

A cultura, segundo Corrêa (1999) é um conjunto de técnicas, saberes, atitudes, idéias e valores, apresentando componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos, que são transmitidos e/ou inventados, formando sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um. Os valores e crenças são expressões que permitem compreender como certos grupos sociais se organizam no ambiente em que vivem.

A conservação da cultura depende, em se tratando de aspectos materiais e imateriais, em grande parte das vezes, da vontade de seus praticantes, para que ainda sobreviva muito da cultura de um povo. Segundo Figueiredo (2005, p. 44):

A palavra patrimônio deriva do vocábulo latino pater, pai, não no sentido de genitor, mas de uma figura jurídica definida pelo antigo direito romano, como o senhor, o chefe que detinha propriedade privada sobre a terra e sobre tudo que nela habitava. Patrimônio então é o que pertence ao pai, à pátria, termo que já era utilizado antes da invenção histórica do Estado-nação. O que supõe, nas políticas sobre o patrimônio, a apropriação, por parte do Estado, de bens que carregam algum valor simbólico para a coletividade, sendo representativo de uma época, grupo ou cultura.

Fazem parte do patrimônio cultural tanto as manifestações culturais materiais (monumentos, obras de arte, cidades, objetos pessoais de celebridades etc.) quanto as manifestações culturais imateriais (saberes, músicas, festas, danças, crenças etc.). O patrimônio é construído socialmente e tem a participação tanto do saber erudito, como do saber de grupos populares. E cada localidade possui sua singularidade como marcas da diferenciação. O turismo capta essas características para torná-las parte da oferta do mercado.

Entretanto, a atividade turística pode propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente da habitual. Na relação entre a população rural e a população urbana pode haver trocas simbólicas de “condições de vida”. Isto acontece desde que o turismo seja “[...] implementado com muito cuidado, pois deve procurar revalorizar o cotidiano da localidade e não inventar uma manifestação cultural para mostrar ao turista” (BATISTA, 2005, p. 31).

Elementos da cultura passam a ser utilizados como recurso, sendo apropriados por processos de mercantilização, como forma de delimitar a singularidade regional/local ante a globalização. As festas, como uma das expressões da cultura de um povo, muitas vezes acabam sendo recriadas para servir de produto turístico, mesmo não fazendo mais parte da tradição local ou em outros casos sendo “espetacularizada”, como foi o caso do Festival Folclórico de Parintins, relatado por Pimentel (2001).

As análises em relação ao turismo e conservação do patrimônio são paradoxas, pois há autores que colocam a atividade turística como causadora de descaracterização da população em relação aos seus hábitos, costumes, economia etc. Outros já enfatizam os efeitos positivos do turismo sobre os elementos da cultura local, como estimulador da existência e reabilitação de sítios históricos, construções e monumentos, revitalizando também atividades tradicionais de locais em declínio, utilizando-se de antigas instalações para novas funções, buscando

manter a estrutura e características tradicionais. Mas frente a isso, Barreto (2000) questiona: há alguma manifestação humana atualmente que não se transforme, de alguma maneira, num bem de consumo? O que é possível atingir é a minimização dos impactos causados, entre os quais se pode incluir a não padronização dos bens culturais e o bem estar da população local através do desenvolvimento e a valorização das particularidades locais através da educação patrimonial. O desenvolvimento através da valorização da cultura local é salienta por Fonseca (2003, p. 48):

A noção de patrimônio como recurso para o desenvolvimento é uma construção recente e está intimamente associada à especificidade que lhe permite fazer do espaço onde se localiza um lugar diferente de todos os outros, transformando-o numa atração turística que combina elementos tão diferenciados como a arquitetura, o artesanato, a gastronomia, as festas, as crenças, os modos de vida tradicionais e outros bens não materiais que lhe são associados, ensejando a experiência da descoberta, de exotismo, de auto-realização e de evasão do cotidiano.

Com o processo de modernização do campo houve modificações nas formas tradicionais de vida, em virtude dos processos que visam transformar todos em consumidores. Por outro lado, diante desta realidade na qual tiveram alterada sua cultura, essas populações vão criando maneiras de se reunir e resgatar sua identidade. A busca de uma identidade cultural muitas vezes busca a afirmação de uma diferença e de uma semelhança. Quando buscam se reunir, fortalece-se o sentimento de solidariedade, já que procuram realçar suas semelhanças. Ao mesmo tempo, o fato de reunirem-se por serem iguais, mostra que também são grupos diferentes, com características próprias (REICHERT, 2001; DIAS, 2001).

O resgate de sua identidade e das manifestações culturais contribui para o desenvolvimento do turismo, na contradição já explicitada. O fato de haver um resgate ou a continuação de manifestações culturais locais (uma das funções das festas rurais estudadas) faz com que tanto a comunidade se beneficie como também os visitantes que tem a oportunidade de vivenciar ambientes diferentes do seu. No próximo capítulo poder-se-á conhecer e compreender um pouco das funções desempenhadas pelas festas rurais nos lugares em que se realizam.

3 ESTUDO DE CASO: FESTAS NOS DISTRITOS DO MUNICÍPIO DE LONDRINA E SUAS FUNÇÕES

O tema do presente trabalho são as festas realizadas no espaço rural do município de Londrina. Para se compreender a organização do espaço nestas festas e a função que elas exercem para a população envolvida é necessário, inicialmente, tomar conhecimento sobre o lugar em que elas são realizadas. Dessa forma, para melhor entendimento da realidade de cada local será explanado brevemente sobre o processo de povoamento da região norte do Paraná, dando início à “colonização” e posterior criação do município de Londrina, para depois ser contextualizado a particularidade de cada localidade rural e suas festas.

3.1 LONDRINA: SUA GÊNESE E A RURALIDADE

O processo da gênese da cidade de Londrina remete-se ao final da década de 1920, em meio a Grande Depressão de 1929, quando da ocupação das terras do Norte do Paraná.

De acordo com Asari e Tuma (1978) e Arias Neto (1993), há registros de que em 1929 estabeleceram-se os primeiros acampamentos dos trabalhadores (agrimensores, peões das matas, topógrafos etc.) da CTNP (Companhia de Terras Norte do Paraná) que vieram para começar o processo de divisão dos lotes, reconhecimento da topografia, o início dos levantamentos, abertura das primeiras “picadas” para que pudesse começar o grande projeto e descobrir como eram as terras, sua topografia, pois o que eles tinham inicialmente eram apenas idéias, não tinham clareza do que tinham comprado e só sabiam da fertilidade da terra, da exuberância das matas, entre outras poucas características.

Houve expansão das colonizadoras particulares a partir de Ourinhos, fundando várias cidades como Sertanópolis, Primeiro de Maio, Porecatu etc. Estas colonizadoras que vieram não eram da CTNP (a qual tinha capital inglês e capital nacional), estas companhias foram anteriores à chegada da CNTP, que veio para a área por volta de 1929 trazida pelos ingleses, comprando no Norte do Paraná, 515.000 alqueires. Esta companhia já tinha tentado um projeto destes no interior de São Paulo, mas não teve êxito devido, entre outros fatores, a um surto de malária. Então os investidores saem do local e seguem na direção da região Norte do Paraná

e começam a negociar as terras com o governo, compram estas terras e depois negociam a compra do ramal da ferrovia Sorocabana (Ourinhos à Leoflora) com o intuito de valorizar as terras para o escoamento da produção em direção ao grande mercado consumidor em São Paulo (pois a produção de café demandava um eficiente sistema de transportes). Mas a ferrovia só chega em Londrina em 1934, quando o núcleo se torna efetivamente uma cidade.

A CTNP com seus estudos verificou que os alqueires comprados se valorizaram muito devido as estradas de ferro e por ser muito fértil, então ao invés de plantar algodão perceberam que poderiam auferir maior renda se loteassem as terras, já que estavam num período de crise mundial, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, que impunha uma nova estrutura na sociedade brasileira. O sucesso desse projeto (negócio) se deu pelos acontecimentos do período (crise de 1929, revolução de 1930 etc). Estes pequenos lotes seriam vendidos para os produtores rurais (ex-colonos das antigas fazendas de café) que saíam do interior de São Paulo, com seus escassos recursos, em direção a estas terras que eram tão valorizadas. A CTNP monta um grande projeto de *marketing* que chega a ser divulgado em toda a região Centro-Sul do Brasil. Os vendedores saíam de porta em porta para divulgar as terras através de folhetos informativos (Asari e Tuma, 1978).

Os “colonizadores” organizaram as cidades de forma que teriam entre elas uma distância de 100 quilômetros e a existência de glebas e patrimônios a cada 15 quilômetros para que esta distribuição, pudesse dar apoio aos agricultores. As estradas foram construídas nos espigões e os lotes de terras tinham início no espigão, descendo até o fundo de vale, sendo posteriormente desmatado. Este projeto diferenciava-se dos projetos feitos por outras colonizadoras, por exemplo, em Porecatu e Sertanópolis, onde a compra de lotes no espaço rural fazia com que o comprador adquirisse um lote na cidade, tendo dois anos para construir uma casa na cidade. Assim, a cidade se ampliava mais rapidamente porque os trabalhadores tinham que construir sua casa na cidade. Já em Londrina, essa expansão aconteceu naturalmente, com a vinda das pessoas para trabalhar aqui e que construíam suas casas no campo ou na cidade. Londrina foi a primeira cidade que a CTNP criou, localiza-se no início das terras adquiridas pela empresa, no extremo leste dos limites dessas terras, sendo a sede desta e para ser a capital da área em questão.

A cidade era importante para dar suporte ao grande projeto fundiário, fazendo a previsão de que nesta cidade tenham máquinas de

beneficiamento, os armazéns, ferramentas e também, acima de tudo, a estação ferroviária para poder escoar a produção, já que os produtores rurais vinham para a área e iam morar nos seus lotes, precisando de meios de produção que seriam vendidos na cidade. De 1929 até 1934, ou seja, do primeiro acampamento até o núcleo ser elevado à condição de cidade de Londrina, foram apenas seis anos, com uma população de 4.000 habitantes. Segundo Ferreira (1990/91, p. 62),

Todo esse dinamismo da população rural no norte do Paraná se deu em função de alguns fatores como a rápida ocupação de uma região ainda em mata virgem, à cafeicultura, à atividade vinculada basicamente na utilização intensiva de mão-de-obra durante todo o ano e a grande migração interna da população brasileira em direção ao Centro Sul.

O quadro agrário que predominou no Norte do Paraná e, portanto, em Londrina até os anos 1960 e 1970, era expresso pelas pequenas propriedades, onde se empregava o trabalho familiar, e cuja produção era voltada para o mercado (CANDIDO; PAULINO, 2008). Porém, a modernização da agricultura no norte do Paraná alterou a dinâmica do campo. Os cafezais deram lugar às modernas culturas temporárias, principalmente a soja e trigo. Nesse novo quadro no campo estava presente cada vez mais a tecnologia e a informação, além de ter abalado o crescimento demográfico do espaço rural.

Ocorreram dois tipos de ocupação no município de Londrina (incluindo o atual município de Tamarana que até 1994 pertencia à Londrina). Segundo Campos (2002), comparando-se o tamanho das propriedades rurais situadas nas áreas de colonização da CTNP com as demais áreas, percebe-se que a porção sul de Londrina onde se localizam os distritos de Paiquerê, Irerê, Maravilha, São Luiz, Lerroville, Guaravera e o atual município de Tamarana, foram ocupadas inicialmente por grandes propriedades (feita por particulares de regiões de São Paulo, Minas Gerais e outras regiões do Paraná), diferenciando-se da ocupação em pequenas propriedades promovidas pela companhia inglesa. A ocupação de toda porção sul do município de Londrina após o Ribeirão Três Bocas difere do restante que teve sua efetiva ocupação feita pelas companhias colonizadoras.

O surgimento dos distritos no município de Londrina está ligado à maneira como se deu o processo de ocupação que, pela extensão das áreas inexploradas ser muito grande, dificultava o transporte e comunicação, foi necessário a criação desses “aglomerados”. O começo do seu desenvolvimento foi

no final da década de 1920, com a venda de lotes pela CNTP. Além dos imigrantes, a facilidade de pagamento atraiu também trabalhadores do espaço rural paulista, que estavam envolvidos na produção de café. Desta forma, verificou-se a necessidade da formação de pontos de apoio às comunidades rurais. Estes pontos foram criados para suprir as necessidades da população residente nestes espaços e intensificar a produção agrícola em locais mais distantes do núcleo urbano do município (FERREIRA, 1990/91). Estes locais caracterizam-se pela aglutinação de pessoas e pela estrutura básica para atender a demanda local com pequeno comércio instalado. Constituíram-se inicialmente em patrimônios, que mais tarde foram elevados à categoria de distritos. No caso de Londrina, segundo Almeida (1997, p. 42) os patrimônios

São pequenos núcleos populacionais planejados e implantados pela CNTP, onde se localizava a igreja, a escola, o salão de festas, o campo de futebol, o campo de bocha, a venda e a máquina de beneficiamento. Circundados pelos sítios, além de constituírem espaços para atividades lúdico-religiosas dos habitantes rurais, cumpriam a função de intermediar as relações sócio-econômicas entre campo e cidade.

Foi primeiramente o café que deu suporte para o crescimento local, além das culturas de subsistência. As indústrias foram aparecendo na década de 1940, para atender as necessidades básicas da população, como beneficiadoras de café, arroz e feijão, olarias, serrarias etc. Até a década de 1960, a maior parte da população do município se encontrava no espaço rural. A partir de 1970 houve uma grande evasão demográfica, que segundo reportagem de Flores (1993) entrevistando Yoshiya N. Ferreira, deveu-se à erradicação dos cafezais e introdução da cultura de soja e trigo, além da implantação do Estatuto do Trabalhador Rural que levou ao campo as condições de trabalho da cidade. Conseqüência disso é o grande estranhamento e não adequação da população rural, pois

Na cidade tudo é medido em termos de juro, horas, correção monetária, enfim, minuto a minuto. Já no campo, o tempo é todo ligado à natureza e a dimensão da vida é diferente da cidade. No entanto, [...] políticos e administradores não possuem esta compreensão, impondo regras que não são absorvidas pelo campo (FLORES, 1993, p. 5).

Os pequenos produtores, que até a década de 1970 eram a maioria no espaço rural em Londrina, não tiveram condições de acompanhar as transformações na agricultura, já que foi nesta época em todo o país há

transformações no espaço advindas das novas tecnologias que resultam em novas formas de organização da produção, afetando diretamente o campo mediante o processo de industrialização da agricultura. Dessa forma estes pequenos produtores não conseguindo sobreviver com a renda da terra, tiveram que ou se deslocar para a cidade em busca de emprego ou quem tinha um pouco mais de condição financeira mudou sua produção para a cultura de soja, trigo, milho ou outra produção que pudesse proporcionar um pouco mais de renda.

Em muitos aspectos as condições de vida nos distritos melhorou com o tempo, como infraestrutura de escolas, postos de saúde, transporte etc. Até a década de 1980, por exemplo, havia casos de desnutrição, miséria, fome, falta de saneamento básico, energia elétrica, entre tantos outros tratados sempre nas notícias de jornais (ARRUDA, 1981a, 1981b, 1981c). Porém, muito ainda é reivindicado pela população como: melhorias na pavimentação de estradas, construção de creches, aumento no atendimento médico, opções de lazer, entre outros (SANTIN, 2010).

3.2 LUGARES COM FESTAS RURAIS

Atualmente, o município de Londrina é constituído pelo distrito-sede e pelos distritos rurais de Warta, Espírito Santo, São Luiz, Maravilha, Paiquerê, Irerê, Lerroville e Guaravera (LONDRINA, 2008a) (figura 01). Os lugares estudados neste trabalho são: distrito de Warta, distrito de São Luiz, distrito de Paiquerê, distrito de Irerê, o Bairro dos Italianos localizado no distrito de Lerroville e a Comunidade Rural Usina Três Bocas localizada no distrito-sede.

A Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SMAA) de Londrina possui o Programa Vida Rural, com o objetivo de proporcionar alternativas de renda e de comercialização para as famílias rurais. Dentro deste programa, existem alguns projetos como: agroindústria familiar, Feira do Produtor, Feira de Produtos de Época, Feira Rural, capacitação para transformação de produtos, turismo rural e festas rurais, entre outros (LONDRINA, 2008).

Figura 1 - Localização dos distritos rurais de Londrina/PR.



No caso das festas rurais, foco deste trabalho, o objetivo do programa é de organizá-las em parceria com as comunidades rurais, Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SMAA), Secretaria de Cultura e outras entidades, definidas com base na análise das características das tradições culturais e produção agropecuária da localidade. Além disso, busca-se dinamizar a cultura, proporcionando opção de lazer e entretenimento nos distritos e comunidades rurais de Londrina, considerando as características locais de cada comunidade, valorizando a história e a tradição das respectivas comunidades, além da descentralização das festividades para o espaço rural do município.

Estas festas ocorrem em parceria com a SMAA desde 1994; em todo este tempo, algumas foram criadas posteriormente, outras foram extintas, mas os costumes das festividades foram mantidos na maioria dos lugares. Nos primeiros anos, quem organizava e tomava a frente era a SMAA, a extinta AMETUR (Autarquia Municipal de Esportes e Turismo) e a Secretaria Municipal de Cultura, juntamente com pessoas das comunidades envolvidas. Com o tempo, as associações de moradores encabeçaram a organização, ficando a cargo dos órgãos

somente a parte de apoio. Desde 2003 o projeto Festas Rurais é contemplado pelo PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) com recursos financeiros. A infraestrutura é custeada por esta verba e o dinheiro arrecadado durante as festividades provindos da venda de produtos beneficia as comunidades envolvidas, em alguns casos as próprias famílias se beneficiam, quando montam barracas particulares durante a festa, em outros casos a arrecadação é dirigida às obras na comunidade. Grande parte destas festas já ocorriam antes mesmo dos órgãos públicos se envolverem na organização. Porém, elas tiveram maior repercussão a partir do momento que puderam se estruturar melhor, principalmente com a verba do PROMIC. Todos os anos há um calendário programado para que as festas não coincidam nas datas. No quadro 01 encontra-se a programação preliminar dos onze eventos.

Quadro 1 – Local e data preliminar de realização das Festas Rurais

LOCAL	FESTA	REALIZAÇÃO
Distrito de Paiquerê	14ª Festa do Milho	06 a 08 de fevereiro
Distrito da Warta	Festa Rural Costela Fogo de Chão	07 e 08 de março
Distrito de Irerê	Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José	02 e 03 de maio
Distrito de Lerroville	4ª Festa Rural	09 e 10 de maio
Distrito de Guaravera	Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São João	26 a 28 de junho
Distrito de São Luiz	15ª Festa do Café e Frango	10 a 12 de julho
Distrito de Lerroville	38ª Festa Rural do Bairro dos Italianos	05 e 06 de setembro
Bairro do Limoeiro	Festa Rural Costela Fogo de Chão	08 e 09 de agosto
Bairro Heimtal	40ª Festa Rural em Homenagem a São Miguel Arcanjo	26 e 27 de setembro
Patrimônio Guairacá	Festa Rural em Homenagem a Nossa Senhora Aparecida	12 de outubro
Comunidade da Usina Três Bocas	12ª Festa da Mandioca	14 e 15 de novembro

Fonte: Carvalho (2008). Oliveira e Calvente (2009.)

Segundo a proponente do projeto Joelma Carvalho (2008), que também é moradora de um dos distritos que realizam festas, o projeto Festas Rurais tem como objetivo divulgar as regiões de acordo com suas características culturais e

agropecuárias mais marcantes, busca estimular e fortalecer a cooperação e o associativismo entre as entidades organizadoras locais e criar condições para que as associações e grupos comunitários consigam recursos financeiros para aplicar em obras sociais na própria comunidade. Os festejos rurais fazem parte da identidade cultural de cada distrito/comunidade rural envolvida.

Algumas festas do calendário foram extintas, como relata Aníbal Vieira da Cruz, funcionário da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Londrina, que está envolvido na organização das festas desde o início e que muito contribuiu para esta pesquisa. Alguns exemplos são a Festa da Uva do distrito de Guaravera (em razão da queda na produção da uva) e a Festa da Leitoa no distrito da Warta (porque a leitoa não era a produção destaque do local), mas, ao mesmo tempo, como já possuíam a tradição das festividades e um público já cativo, foram criadas outras denominações para as festas, no caso de Guaravera e Warta tornaram-se “Festa Rural”. Vê-se no caso da Festa da Leitoa uma tradição inventada (HOBSEBORN, 1984), ou seja, buscou-se um elemento para dar sentido a festa, porém, este elemento (a leitoa) não era característico do local.

Segundo Joelma Carvalho (2008) a união das atividades agropecuárias dos distritos/patrimônios e apresentações culturais tem obtido um grande resultado, facilitando o acesso do público local e visitantes. As comunidades passam a valorizar sua identidade cultural e a apoiar as diversas manifestações culturais. Isso pode ser visto no momento em que a população residente demonstra sua satisfação em divulgar o distrito aos visitantes, por exemplo.

Para contextualizar as festas estudadas, será apresentado um breve panorama de cada localidade rural, com suas particularidades e logo em seguida os resultados obtidos com os trabalhos de campo e entrevistas realizados para dar embasamento à pesquisa.

Quadro 2 - Localização, área e população do espaço rural estudado

Nome do local	Localização (em relação ao distrito-sede de Londrina)	Área (em quilômetros quadrados)	População (em habitantes)
Warta	23 quilômetros ao norte	27,730	1.497 (565 na área rural e 932 habitantes na área urbana do distrito)
São Luiz	32 quilômetros ao sul	153,361	1790 (1.168 na área rural e 622 habitantes área urbana do distrito)
Paiquerê	35 quilômetros ao sul	211,95	2.479 (1.162 residentes na área urbana e 1.317 na área rural o distrito).
Irerê	25 quilômetros ao extremo sul	135,955	2.190 (765 na área rural e 1425 na área urbana do distrito).
Lerroville	49 quilômetros ao sul	298,590	4.704 (1.686 na área urbana e 3.018 na área rural do distrito).
Comunidade da Usina Três Bocas	15 quilômetros ao sul	Não informado*	Não informado*

*Não há informações oficiais sobre a distância e a população da Comunidade Usina Três Bocas.

Fonte: Londrina (2008b). Org.: Oliveira (2009).

3.2.1 Distrito de Warta

O distrito foi criado em 14 de dezembro de 1953 através do Decreto-lei nº 2. Porém, a história do local começou muito antes, na década de 1930. A CTNP dirigida pelos ingleses proporcionou uma colonização bem organizada, com divisão de lotes rurais e abertura de estradas em todas as direções, onde todas as propriedades tinham acesso à estrada geral e eram servidas de água pelos rios das proximidades. A única exceção se tratava de uma área não abastecida por um rio ou córrego, que foi destinada à instalação da sede do patrimônio. Folhetos divulgando a fertilidade das terras e a facilidade de pagamento foram distribuídos em todas as regiões do país, inclusive em outros países. Assim, em 1932, o polonês Eduardo Cebulski, agrimensor e proprietário rural em Santa Catarina, tomou conhecimento da área e resolveu conhecê-la. Em sua vinda convidou também várias famílias que residiam na colônia polonesa chamada Pinheiro. Em 1933, várias outras famílias começaram a chegar vindas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, oeste do Paraná, São Paulo etc. Em 1938, na área havia boa produção agrícola. O pioneiro João Primo comercializava mudas frutíferas e animais domésticos para os

produtores. O nome Warta foi sugerido por João Langowski, por ser um nome típico polonês (nome de um rio) e significa “que tem valor” (LONDRINA, 1998). Até hoje se encontram descendentes de alemães, italianos e outras nacionalidades na Warta. Vestígios de sua cultura ainda podem ser encontrados nas comidas, nas construções e também em algumas homenagens como por exemplo, a história da chegada dos primeiros colonos na Warta, a família *Strass*, pintada em um painel de 60 metros quadrados na fachada do restaurante *Strassberg*, resgatando uma antiga tradição das famílias do sul da Alemanha, que costumavam pintar a própria saga das fachadas das casas, como se fosse um brasão (LEMES, 2000).

Nas administrações de Hosken de Novaes e Jacídio Correa (Cambé), em 1958 e 1962, os dois prefeitos propuseram às respectivas Câmaras de Vereadores que se criassem leis autorizando uma permuta da área em questão. Esta ficaria com o município de Londrina, e em troca, o município cederia uma faixa de terra à Cambé, situada na cabeceira do ribeirão Jacutinga. Ambas as partes então passaram a obedecer ao compromisso, porém a transação parou, pois precisava da homologação da Assembléia Legislativa e os atos dos dois prefeitos não tiveram validade oficial. As divisas entre Cambé e Londrina continuaram mantidas segundo o Decreto-lei de criação, mas em relação à sua área, a Warta sofreu alteração em 1979, quando o distrito-sede de Londrina avançou suas fronteiras para a região norte, diminuindo então a área do distrito de Warta (LONDRINA, 1998).

Apesar de grande parte da colonização do norte do Paraná ter ocorrido há mais de 100 anos, a história de povoamento é bem mais antiga, já que o local era coberto por florestas densas e extensas, com rios piscosos, com flora e fauna exuberante e com a presença dos indígenas. Indícios arqueológicos indicam que há ocupação indígena desde 8.000 anos atrás. Além destes indícios, há registros históricos de colonização do norte do Paraná com a vinda dos espanhóis em expedições em busca de indígenas como mão-de-obra para as *encomiendas* (CALVENTE, 2004). Há muitos anos atrás, na fazenda Santa Cruz e na fazenda Santo Antonio foram encontrados objetos como panelas, machados, pontas de flechas e cerâmica. Este material que faz parte da história local, por falta de lugar para guardá-los e de estudos acerca deles, acabaram se perdendo (SINAIS..., 2004).

No distrito ainda é possível viver com um pouco mais de tranqüilidade e conforto, sem tanto medo de assaltos e violência como em outras áreas da cidade, num local onde a paisagem bucólica enche os olhos de quem o visita. Segundo a opinião de alguns moradores, pouco falta para eles, a infraestrutura do distrito é boa e quando necessitam de algo que não seja suprido no próprio distrito eles têm fácil acesso ao centro da cidade, que fica apenas 20 minutos dali (LEÃO, 1999). Hoje já não há tanta necessidade desse deslocamento até o centro, pois há proximidade com a região norte do município, especificamente a avenida Saul Elkind, possui uma rede comercial suficiente para suprir esta população. A área, conhecida como “Cinco Conjuntos”, é tida como um subcentro, ou seja, a descentralização de estabelecimentos comerciais e de serviços que antes estavam localizados no centro principal da cidade e que a partir de um grande movimento populacional em certo local juntamente com o investimento de capital de pequenas empresas e até mesmo rede de lojas conhecidas nacionalmente consegue suprir as necessidades locais.

No momento atual a dinâmica populacional registra o inverso do que normalmente se encontra nos distritos rurais de Londrina, ou seja, a população que vive no espaço urbano do distrito é maior do que a população que reside nas propriedades rurais. Entre os motivos para tal inversão está a boa infraestrutura que a Warta apresenta e também pela proximidade com a sede municipal.

Como a Warta não foge à regra quando se trata de divertimento em pequenas localidades, a população aos fins de semana se encontra na praça local, nos bares para beber com os amigos, jogar sinuca, jogar bocha, ir à missa, além do “famoso” jogo de futebol com o time Warta Futebol Clube, que sempre disputa torneios com times de outros locais espaço rural (MARQUEZE, 2000). As crianças ainda têm o privilégio de conseguir brincar na rua com os amigos, sem problemas com atropelamentos, seqüestros, assaltos, como ocorrem em centros maiores, como Londrina.

O que em alguns distritos causa problemas, a falta de emprego, no caso da Warta não é algo que perturbe a população. O fato de terem instaladas no local a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa/Soja) e a Odebrecht Comércio e Indústria de Café tem papel importante na geração de postos de trabalho (LEÃO, 1999).

A atividade econômica na Warta está ainda fortemente ligada à agricultura. Culturas como a do milho, arroz, feijão podem ser encontrados, mas o forte mesmo é a soja e o trigo. O café também está consolidado como atividade agrícola, no entorno do espaço urbano, além de se destacarem na horticultura e fruticultura, assim como o distrito de Guaravera (PISSNINI, 1996). Mas diferente de Guaravera, ainda há produção forte no local. Seu principal produtor, Eloy Muller, que iniciou a produção de uva Niágara, há 16 anos atrás, para consumo *in natura*. Para aproveitar as safras da uva, deu início então a produção caseira de vinho, da maneira que seus pais e avós fabricavam para consumo próprio da família. A notícia então se espalhou e o sr. Muller começou a aumentar a produção e também a melhorar a estrutura da vinícola. A primeira safra de vinho foi em 2003 e hoje além de diversificar os tipos de uvas para consumo *in natura*, o produtor comercializa vinhos, licores e sucos em vários pontos (mercados, feiras etc) de Londrina e proximidades (O VINHO..., 2003). Além disso, há produção de morango e maçãs e a propriedade está sendo incluída na rota gastronômica da Warta, já que abre suas portas para os visitantes que queiram fazer degustação de vinhos e obter conhecimento sobre a cultura da uva, da maçã e do morango (VINÍCOLA CASA MULLER, 2010).

Outro destaque no distrito para atividades artesanais é a introdução da soja na alimentação. Através do programa municipal Economia Solidária, um grupo de mulheres produz alimentos à base de soja (salgados, bolachas, almôndegas, tofu etc) e vendem no distrito e também através de encomendas também de clientes de outras regiões de Londrina. A iniciativa deu-se a partir de um curso de culinária à base de soja da Embrapa e a ação tem contribuído para a renda destas mulheres envolvidas (SOJA..., 2006). Outro ponto que mostra a diversificação na obtenção de renda dos produtores na Warta é a produção de ovos de codorna, que com produção de 18 mil ovos por dia, abastecem restaurantes e bares de grande parte do Paraná. A iniciativa é de Shizuo Fukuda, proprietário da granja Hikari, que participa do programa Agroindústria Familiar – Fábrica do Produtor, da Secretaria de Estado da Agricultura (WARTA..., 2006).

Todo esse dinamismo no setor agrícola é causado pelas transformações no espaço rural advindas das novas tecnologias que resultaram em novas formas de organização da produção, afetando diretamente o campo mediante o processo de industrialização da agricultura. Muitos produtores não conseguiram

acompanhar o andamento desta tecnologia (devido ao custo) e muito se perdeu de postos de trabalho no campo devido à utilização de máquinas. A diversificação de culturas como havia antigamente (até a década de 1970) deu lugar a extensas áreas com cultivo de soja, trigo e pastagem. As atividades agrícolas tradicionais não mais estavam conseguindo proporcionar grandes rendimentos às famílias, surgindo assim outra dinâmica que é chamada de “novas atividades rurais”, ou seja, ocorre um processo de pluriatividade no campo, deixando de ser estritamente agrícola com culturais tradicionais como soja, milho, trigo, passando a produção de outros alimentos e até mesmo de atividades consideradas não-agrícolas, como o caso do turismo, conforme Graziano da Silva (1997). Além das atividades já citadas como produção de ovo de codorna, embutidos, alimentos à base de soja e vinhos, o que tem se destacado na Warta é o interesse pelo turismo rural e gastronômico. Só para se ter uma ideia da potencialidade local, somente nos restaurantes que compõem a área entre Heimtal e a Warta serviam (na época da reportagem, não há registros oficiais de dados recentes), em média, três mil refeições nos almoços de domingo, empregando em torno de 250 pessoas (WARTA..., 2003).

O interesse em se constituir uma rota gastronômica na área que abrange a Warta e o Heimtal já é antigo, pois as duas localidades são muito próximas e muitas vezes se confundem em relação à localização das propriedades. Desde 1995, vários proprietários de estabelecimentos rurais reivindicavam por um projeto que possibilitasse a estruturação da área: além de recapeamento da rodovia, melhoria na iluminação e sinalização turística adequada, também buscavam a construção de um portal turístico. Em 1997, foi criada a lei 7.122/97, que daria início à zona gastronômica, porém a lei não especificou padrões de ocupação, uso de sinalização, incentivo ao patrimônio histórico (ZONA..., 2003). Somente em 2002 é que foi dado o início das obras do portal (DEPOIS..., 2002). A intenção do Portal, quando de sua instalação, era a de ser um ponto de referência para informações turísticas. Porém, muita polêmica em relação à sua localização foi gerada durante a construção. No projeto a localização se daria no km 59 da BR 323, mas os envolvidos reivindicavam que fosse construído na divisa entre Londrina e Sertanópolis, pois no local onde se instalou, algumas propriedades ficaram de fora da rota. Discussões a parte, o Portal foi construído conforme projeto inicial e hoje acabou se tornando um “elefante branco” (em linguagem popular). Segundo uma reportagem no Jornal de Londrina de 29 de março de 2007, a casa de madeira que

faz parte do Portal seria retirada do local para evitar que vire esconderijo, abrigo ou que seja deteriorada, já que a atividade inicialmente planejada para ela (posto de informações turísticas) não está sendo efetivada por falta de funcionários (SILVEIRA, 2007).

Os atrativos na rota gastronômica Heimtal / Warta são bastante diversificados: Restaurante do Pituka I e II, Rancho do Gaúcho I e II, Rancho do Manduca, Restaurante do Mirim, Restaurante Strassberg (com comida típica alemã), Rancho Seleção (com produção e comercialização de leite tipo A e aberto à visitação), Pesque-Pague Peixe Bom, Aeroporto 14 Bis, Estância Ecológica Ferraz (com chalés para hospedagem), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Alambique da Saúde (com produção de cachaça e aberto à visitação), Vinícola Casa Muller (com degustação de vinhos e passeio pelo vinhedo), Sítio Rei do Alface (passeio pela horticultura e comercialização), Igreja Santo Antônio, Portal Turístico da Warta, além das festas rurais.

O distrito de Warta tem o costume de realizar festas na comunidade há mais de 50 anos. Festa de São Sebastião, Festa da Padroeira Nossa Senhora Aparecida, Festa de Santo Antonio, Festa Rural (antiga Festa da Leitoa), além de outras comemorações menores como almoços sertanejos fazem parte do calendário de festividades locais. O público de todos estes festejos mescla-se entre moradores do distrito, parentes, amigos e demais visitantes de outras localidades. O que chama a atenção sempre é o interesse dos frequentadores em participar de festas rurais, pois mesmo que elas ocorram no espaço urbano do distrito, elas possuem características rurais, mesmo que muitas delas estejam no imaginário de quem esteja participando. A dinamicidade das festas, por envolverem a cultura da população que vive no lugar, não se desprende dos processos externos ao lugar, ou seja, acontecimentos globais acabam, direta ou indiretamente, afetando o andamento (interno) das festas e sua representação.

A Festa de São Sebastião é celebrada no distrito no mês de fevereiro (apesar da comemoração do santo ser no dia 20 de janeiro), que apesar de ter Santo Antonio como padroeiro, também homenageiam o outro santo, pois na época (há mais de 50 anos) havia muitos animais pequenos no local e a comunidade pedia sua intercessão para proteção destes animais (DISTRITO..., 2003), apesar de que São Sebastião é conhecido como protetor contra as pestes, fome e guerras. No altar da igreja Santo Antonio, este tem lugar de destaque no

altar, dividindo a fé dos moradores com São Sebastião e com Nossa Senhora Czestoshowa (trazida pelos pioneiros poloneses). A festa, ano após ano, atrai muitas pessoas tanto pela gastronomia oferecida como também pela bênção dos veículos, realizada logo após a missa.

A Festa de Nossa Senhora Aparecida é uma das mais importantes para a comunidade, comemorada há cerca de 20 anos. Recebem pessoas de vários bairros de Londrina, outros distritos, Cambé e outros municípios próximos. Na programação da festa há sempre a celebração da missa, seguida da procissão e coroação da imagem que tem lugar de destaque na igreja local. Após as atividades religiosas é servido um almoço no salão paroquial, com as pessoas da comunidade auxiliando no preparo dos alimentos e atendimento das mesas (SAVICKI, 2004).

Outras festas que ocorrem no distrito são os almoços sertanejos, que são realizados geralmente com intuito de reunir os moradores e visitantes para verem apresentações musicais, degustarem a gastronomia local e arrecadarem dinheiro para reformas e a restauração da igreja de Santo Antonio (DOMINGO..., 2007). Estes almoços geralmente contam com várias duplas sertanejas, inclusive no dia 21 de outubro de 2008, completando 55 anos a dupla “Pedro Bento e Zé da Estrada” fizeram um *show* com músicas que misturavam a música caipira de raiz com músicas mexicanas (55 ANOS..., 2008).

3.2.1.1 Festa rural da Warta

A Festa Rural da Warta, integrante do calendário do Programa Festas Rurais da SMAA, está em sua 10ª edição (2009). Normalmente a festa era realizada no salão paroquial, mas nesta última edição o local escolhido foi o campo de futebol localizado ao lado do salão paroquial. A Associação de Moradores do distrito, juntamente com a população local é que organizaram a festa com apoio da SMAA e algumas empresas do município de Londrina.

Nos dias 15 e 16 de agosto de 2009 foram realizados trabalhos de campo até o distrito de Warta. No dia 15 de agosto houve um evento técnico no salão paroquial destinado aos produtores rurais locais com duas palestras: “Adequação ambiental nas propriedades agrícolas” e “Cultivo do Amendoim”. O objetivo da SMAA é de incentivar e auxiliar a produção de amendoim no espaço rural da Warta e do distrito Espírito Santo, locais onde o cultivo tem tido êxito.

Segundo Ruy Seiji Yamaoka, palestrante pesquisador do IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná), o foco principal para o cultivo do amendoim seria para a produção de óleo. No caso deste tipo de evento, as palestras técnicas, o período que antecede a festa também proporciona um envolvimento da população local nas relações que envolvem as atividades agrícolas, como o caso do cultivo do amendoim.

No dia 16 de agosto foi realizado outro trabalho de campo com intuito de visitar a festa para fazer observações, fotografar, aplicar questionários e entrevistar alguns visitantes e moradores locais.

A festa se iniciou no sábado a noite, quando foram montadas barracas com venda de bebidas, salgados, defumados e doces (figura 02, 03 e 04), além das tendas onde foi servido o almoço no domingo (figura 05) com o mais esperado atrativo: a Costela Fogo de Chão (figura 06). Havia também um *stand* da Embrapa Soja com materiais de demonstração dos trabalhos realizados pelo órgão com intuito de se aproximarem da comunidade, já que se localiza no distrito (figura 07).

Figura 2 - Barraca com venda de alimentos à base de amendoim na Festa Rural da Warta.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 3 - Barraca da Vinícola Muller com venda de vinhos, licores e suco de morango durante a Festa Rural da Warta.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 4 - Barraca do Rancho do Gaúcho com venda de embutidos na Festa Rural da Warta.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 5 - Tenda montada para o almoço no domingo durante a Festa Rural da Warta.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 6 - Espaço destinado à preparação da Costela Fogo de Chão – atrativo principal da Festa Rural na Warta.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 7 - Stand da Embrapa Soja durante a Festa Rural na Warta.



Autor: Oliveira (2009).

A programação da festa contou, além da parte gastronômica, com parque infantil, *shows* musicais (Banda Impacto e Adriano Moraes e Banda) e apresentações de teatro e dança.

Estas festas sempre possuem um público muito grande, porém, segundo informações de alguns entrevistados, apesar de ter muitos moradores do local participando da festividade, a maioria dos visitantes presentes no almoço do domingo são de fora do distrito, vindos principalmente do espaço urbano de

Londrina e de outros municípios próximos. Alguns entrevistados relataram que grande parte das pessoas do distrito acabam almoçando em casa e só na parte da tarde (no domingo) vão até à festa para poder aproveitar a estrutura montada.

Nas últimas edições tem dado um público bastante grande, muitas vezes chegando até faltar comida. O almoço servido no domingo, quando acaba, beneficia as outras barracas que vendem porções, pois as pessoas vão todas para lá procurarem petiscos. Estes eventos grandes beneficiam também os restaurantes rurais que se localizam nas proximidades, como Restaurante do Mirim, Restaurante do Manduca, Rancho do Gaúcho (FESTA..., 2004).

Esta festa, até alguns anos atrás, era conhecida como Festa da Leitoa, onde eram oferecidos para os visitantes no almoço toneladas de leitoa assada, pernil recheado, porco no tacho e complementos. Era um atrativo muito grande da festa, chegando a receber em 2004, quase oito mil visitantes. Mas, segundo Aníbal Vieira da Cruz em entrevista durante trabalho de campo, a leitoa não é um produto característico da Warta, então preferiram mudar o nome para Festa Rural somente e tentar continuar com o mesmo público. Como alternativa, tem sido oferecido no almoço a Costela Fogo de Chão, prato bastante conhecido em várias cidades do Paraná. Além disso, outros alimentos fabricados em propriedades locais são vendidos na festa, como os já mencionados anteriormente. Mesmo com o atrativo gastronômico que a Festa da Leitoa possuía, outros elementos continuaram a existir e chamar a atenção da população para participar da festividade. Algumas características do momento festivo perduraram, outros se modificaram com a mudança do nome da festa, mas a relação entre o lugar em que ela ocorre (Warta) e os moradores e a maneira com que os moradores e os visitantes interagem entre si nos mostra outras funções que a festa proporciona.

Durante o trabalho foram entrevistados alguns visitantes (tanto residentes do distrito quanto vindos de outras localidades). Quando questionados sobre o principal motivo de terem ido à festa, foram levantadas as seguintes opiniões: domingo é dia de almoçar fora de casa e por isso é bom ir até lá, pois a comida é boa; receberam convite de parentes; vontade de conhecer o local; gostam deste tipo de festa, então não perdem nenhuma; outros foram pelo atrativo principal da festa que é a costela; ou pela diversão que a festa proporciona; porque já conhece bastante gente e tem familiares residentes no local etc. No caso da Warta, é passível de concluir que a festa tem potencial para ser um atrativo turístico local.

Relembrando os fixos e fluxos de Milton Santos (1996) as festas como fluxos que ocorrem esporadicamente no lugar, interagindo com os fixos que podemos considerar como sendo os outros atrativos turísticos locais como os restaurantes, pesque-pagues, chácaras etc.

Na opinião da população local que trabalhava durante a festa, ou na cozinha, ou no atendimento, ou na limpeza, o motivo da participação foi que, como estão envolvidos nas atividades da igreja, estão ajudando também na festa; por querer contribuir com benefícios na comunidade, algo que melhore a situação atual; e outros pelo simples fato de se sentirem realizados trabalhando e se serem acolhidos pelas pessoas que trabalham na organização. Nas observações de campo, pode-se averiguar as relações de hospitalidade da comunidade perante os visitantes da festa e a vontade de se relacionar com a atividade, mesmo sabendo que esta é voluntária.

Sobre os benefícios que a festa poderia proporcionar à comunidade local, os visitantes disseram que a festa poderia fazer parte de um roteiro de turismo gastronômico; gerar recursos financeiros para a comunidade; ser positivo para a imagem do lugar, que passa a ser mais conhecido por outras pessoas já que o fluxo destas é grande.

Já quando feita a mesma questão às pessoas que estavam trabalhando na festa (residentes locais), os benefícios seriam as melhorias na infraestrutura local devido ao dinheiro arrecadado; divulgação do distrito; dinamização do comércio local e lazer para a população. Percebe-se que a população residente nos distritos tem uma grande necessidade de ser reconhecida em outras regiões, aparecer na “mídia”, ser divulgada. Este fato está relacionado ao sentimento de pertencimento ao lugar, a necessidade de mostrar o que tem de melhor, um orgulho do seu lugar de vivência.

Em um momento foi perguntado aos moradores se a festa com o passar dos anos havia mudado em relação aos costumes e tradições culturais. Disseram que antigamente nas festas os visitantes eram dos sítios vizinhos, estes eram os principais frequentadores. Hoje já mudou bastante, sendo mais pessoas do espaço urbano, que querem ter contato com o ambiente rural, com a comida “do sítio”. Este processo de modificação dos visitantes é uma tendência que vemos no ambiente rural já discutido anteriormente, onde a revalorização das características,

como a comida “do sítio”, são buscadas pela população residente nos grandes centros urbanos.

Conclui-se a partir da análise realizada no lugar que a festa tem a função de atrativo turístico, já que a Warta constitui-se em uma rota de restaurantes e estabelecimentos rurais que exploram algum tipo de atividade importante para o turismo. A festa também proporciona um sentimento de bem estar no lugar de residência, pois são nos momentos festivos que a população do distrito consegue mostrar aos visitantes como é seu local de moradia. A contribuição financeira é sempre um dos principais motivos pelo qual a festa é realizada. É uma das formas de a comunidade arrecadar fundos para reformas na igreja e às vezes na creche. Mas não é somente com fim beneficente que esta festa é realizada, mas também existem proprietários rurais com suas barracas particulares cuja renda obtida durante a festividade é revertida para a família, como o caso da barraca da Vinícola Muller. Os próprios moradores e visitantes reconhecem que a festa possibilita uma maior sociabilidade entre os participantes da festa. Isto se percebe durante o momento festivo, com o encontro dos familiares, com o reencontro de amigos, com as conversas dos atendentes de mesa e os visitantes que acompanham pela primeira vez a festividade. Este tipo de festa já está integrado no cotidiano da comunidade da Warta há muitos anos, por isso mesmo a tradição de comemoração, de importar-se com a reunião de pessoas que residem na mesma localidade, compartilhando momentos de alegria, convidando seus conhecidos e ampliando isso à divulgação ao público em geral com intuito de arrecadar dinheiro para benefícios locais mostra que os costumes e manifestações em geral do modo de vida local pode possibilitar uma troca de experiências entre os participantes. Trocas estas que podem ser desde uma simples receita de alguma comida caseira que se aprenda com alguma das cozinheiras ou mesmo uma conversa entre um senhor residente no distrito desde criança (senhor João Hereck) para contar sua história ligada ao desenvolvimento do distrito para nós que estávamos realizando a pesquisa. A função lúdica da festa pôde ser observada na programação, pois havia para todas as idades: brincadeiras no parque para as crianças e jovens e bailes para os adultos. Nestes momentos é observada a interação entre os participantes da festa, na hora de dançar, de brincar e de conversar.

3.2.1.2 Festa de Santo Antonio

A Festa de Santo Antonio, padroeiro do distrito de Warta escolhido pelos próprios pioneiros, é tradição no local há 30 anos, atraindo cerca de três mil pessoas todos os anos.

A programação da festa conta com a missa, seguida de procissão pelas ruas ao redor da igreja e ao final há a benção dos carros. O almoço acontece no salão paroquial e no cardápio há sempre várias opções de carne como leitoa, costela, frango e bisteca, além de porções de arroz, maionese e salada (figura 08). Há também parque infantil e barracas com venda de doces (que são doados pela comunidade e vendidos pra arrecadar dinheiro para o grupo dos Vicentinos). Após o almoço há apresentações musicais e festival de prêmios. Na última edição da festa, em 2009, houve também cavalgada para transportar a imagem do padroeiro até a igreja matriz (figura 9).

Figura 8 - Almoço no salão paroquial durante a Festa de Santo Antonio na Warta.



Autor: Oliveira (2009)

Figura 9 - Concentração de alguns cavaleiros para a cavalgada na Festa de Santo Antonio na Warta.



Autor: Oliveira (2009)

Esta festa, diferentemente das outras que serão analisadas neste trabalho, não está envolvida na programação das Festas Rurais do PROMIC e da SMAA. A organização da festa fica a cargo da comunidade local, principalmente os envolvidos com a igreja. O dinheiro arrecadado é para a manutenção do local. O motivo pelo qual esta festa não foi contemplada no calendário de festividades da SMAA é que cada comunidade deveria ter somente uma festa contemplada e também pelo fato de que a festa de Santo Antonio já tem tradição na região e um

público cativo e consegue “andar com as próprias pernas”, ou seja, não necessita de tanto do auxílio financeiro proporcionado pelo PROMIC.

No dia 14 de junho de 2009 foi realizado um trabalho de campo durante a festa para fotografar, aplicar questionários aos visitantes da festa e entrevistar alguns envolvidos na organização da festa.

Quando questionado aos visitantes sobre o motivo da ida até a festa, disseram que por ser da religião católica sempre participam para ajudar a igreja; outros possuem parentes que residem no distrito ou mesmo já moraram no local e resolveram retornar para reencontrar amigos; pela curiosidade de conhecer uma festa rural; e pela diversão.

Na opinião dos visitantes (tanto moradores quanto residentes de outros locais) sobre os benefícios da festa para a comunidade estão: o entrosamento entre os visitantes de fora e a população local; reencontro de amigos; auxílio financeiro à igreja; preservação da cultura; manutenção da infraestrutura da igreja; e a divulgação do lugar.

A população local que estava trabalhando na festa também foi entrevistada. Na opinião das pessoas abordadas, o principal motivo do envolvimento com a festa que foi citado por todos foi pela ajuda na arrecadação de dinheiro para a igreja, pois participam das atividades frequentemente.

Já sobre os benefícios para o local, a comunidade tem uma opinião bem parecida: a renda arrecada na festa que beneficia as obras na igreja e também pela divulgação do distrito.

Observou-se, assim, a partir da análise desta festa, que a principal atração da festa não são as apresentações musicais, mas sim a reunião para o almoço, a missa e a cavalgada. As demais atrações tornam-se coadjuvantes no evento que tem então como principal função a contribuição financeira para as atividades ligadas à igreja e também pelo convívio social com pessoas do distrito e também com os visitantes. O momento torna-se lúdico tanto para os participantes como para as pessoas que estão trabalhando na festa, retomando-se alguns aspectos tradicionais da não divisão entre trabalho e lazer, como abordado anteriormente.

3.2.2 Distrito de São Luiz

O distrito foi criado em 11 de junho de 1951, através do Decreto-lei nº 666. Há indícios da presença de criadores de porcos há tempos antes do efetivo povoamento local, mas a ascensão deu-se com o café até o início da década de 1970, quando com a grande geadada de 1975, grande parte da produção de café acabou e a população local começou a decair vertiginosamente (LONDRINA, 1998). Por ser um dos distritos mais antigos, o local guarda muitas lembranças da história da colonização da cidade. Um projeto chamado “Tempo de lembrar, tempo de aprender: memórias da cidade”, em sua segunda fase, visa a interação entre alunos do Ensino Fundamental e idosos cadastrados nos programas sociais do município e que residem no espaço rural em busca do resgate de aspectos históricos, além de contribuir para a conservação da memória e identidade local. Moradores do distrito São Luiz descreveram um pouco de como era na época em que eram crianças, através de histórias e de objetos como fotografias, pilão, máquina de moer café, lampião, discos de vinil, entre outros artefatos. Foram registrados os depoimentos dos idosos e a intenção é de que o material seja distribuído nas escolas do município para ser utilizado nas aulas de História e Geografia. (VICENTINI, 2009b).

As atividades agrícolas predominantes são granjas de frango, lavouras anuais, pastagens, horticultura e café. Mesmo com a decadência do tempo áureo do café no município de Londrina, parte do distrito de São Luiz deu continuidade à produção do mesmo, com incentivos ao aumento da produção (SCHWARTZ, 1995a). Juntamente com Lerroville, são os distritos com maior produção de café atualmente. Em 80% dos casos de pequenos produtores o café “[...] É comercializado para os maquinistas no sistema quilo-renda [...]” e no caso dos médios e grandes produtores “[...] são beneficiados e comercializados diretamente com corretores de Londrina” (MRTVI, 2005, p. 93). O destaque nas atividades avícola e cafeeira faz com que o distrito seja conhecido pela Festa do Café e Frango, tradicional já na área. Segundo pesquisa preliminar de Candido e Paulino (2008), as lavouras permanentes estão presentes em 37% dos estabelecimentos, as temporárias (soja, milho e trigo) em 85% e em 38% dos estabelecimentos são encontradas pastagens. Em relação à pecuária, o que tem maior representatividade são bovinos e suínos.

No distrito também são desenvolvidos trabalhos artesanais, como crochê, tricô, costura e bordado, contribuindo para a renda familiar. Parte da produção é destinada para o próprio uso, além de serem vendidas no próprio distrito e também na sede do município (LONDRINA, 1998). O Programa Municipal de Economia Solidária, que tem como objetivo desenvolver a economia local, estimulando o potencial produtivo das regiões, valorizando as capacidades locais, vem desenvolvendo junto à comunidade atividades de fabricação de bolachas e geléia caseira, produção de mel, entre outros alimentos, que ajudam na renda de grupos do distrito (ECONOMIA, 2009).

3.2.2.1 Festa do café e frango

A Festa do Café e Frango do distrito de São Luiz teve sua primeira edição em 1994, por iniciativa de moradores, que queriam tornar o distrito e sua produção mais conhecida. O local tem na cafeicultura e na avicultura uma das principais fontes de renda. A festa é um marco tradicional do início da colheita do café. São Luiz sempre produziu muito café, mas aos poucos as granjas começaram a surgir no distrito, por dois principais motivos: primeiro porque a renda mensal na produção de aves garante o rendimento para os meses em que não há produção de café (pois este acontece uma ou duas vezes ao ano) e o segundo motivo é que o esterco produzido nas granjas é utilizado na lavoura de café (SANTIN, 2007).

A intenção das festas rurais, incluindo a de São Luiz, é caracterizar cada distrito pela sua cultura e produção, além de ser uma alternativa de renda para os produtores, segundo o Secretário de Agricultura e Abastecimento da época, Nilson Ladeia, em entrevista ao Jornal de Londrina (ARAUJO, 2001). Os preparativos da festa se dão vários meses antes, desde a organização dos grupos para as barracas, escolha das receitas que serão comercializadas, entre outros.

Entre os dias 10 a 12 de julho de 2009 foi realizada a 15ª edição da festa. No dia 12 de julho de 2009 foi realizado um trabalho de campo com o intuito de conhecer um pouco da realidade festiva com a realização de entrevistas, aplicação de questionários, além de fotografar e observar como ocorre a dinâmica local.

Os três dias de festa contaram com uma variada programação: barracas com venda de produtos alimentícios derivados de café e frango, bebidas,

roupas e brinquedos; parque de diversões; Concurso “Rainha da Festa” (figura 10); shows musicais de Gilson Pires e banda, Roberta & Santiago, Grupo Balladeros, Sonia Marcondes e Tony & Renan; show pirotécnico; celebração da Santa Missa no domingo com cânticos sertanejos; almoço nas barracas e almoço no Salão Paroquial; Concurso “Melhores Pratos de Café e Frango”; Festival de Prêmios; apresentações de dança e teatro do Colégio Estadual Cap. Euzébio B. Menezes e Escola Municipal Francisco A. Toledo (figura 11 e 12).

Figura 10 - Concurso “Rainha da Festa do Café e Frango”.



Autor: Cruz (2009)

Figura 11 - Apresentação de dança com mulheres do distrito São Luiz – Festa do Café e Frango.



Autor: Cruz (2009)

Além desta programação, foram realizados os eventos técnicos: 16º Encontro de Cafeicultores, com discussões sobre a situação atual da propriedade cafeeira, medidas a serem tomadas com o governo municipal, estadual e federal e organizações da cadeia produtiva; quarta edição do evento “Melhores Cafés de São Luiz” e o 1º Encontro de Avicultura de Corte, com discussões sobre oportunidades e crise na produção, regularização ambiental dos aviários e programa de avicultura noturna (figura 13). Estes eventos tiveram a participação da comunidade local e de funcionários da EMATER, SMAA e IAPAR.

Figura 12 - Apresentação de dança típicas com crianças – Festa do Café e Frango.



Autor: Cruz (2009)

Figura 13 - 16º Encontro de Cafeicultores de São Luiz durante a Festa do Café e Frango.



Autor: Cruz (2009)

O atrativo principal da festa é a gastronomia. Desde as primeiras edições da festa há o incentivo à comunidade local em comercializar pelo menos um produto que seja à base de café ou frango em suas barracas. As famílias buscam todos os anos criar uma receita diferente, como a família de Maria Santa Pieroli. Sua família é uma das pioneiras no distrito no plantio de café e ela cresceu auxiliando a família nas lavouras (FINARDI, 2004). Na barraca de Maria Santa e de muitas outras existentes no local pode-se encontrar produtos derivados do café como: cocada, brigadeiro, doce de leite, bolo, pudim, licor, batidas, *mousse*, bombom, paçoca, bolacha, café expresso, *capuccino*, café em pó, entre outros alimentos, além de *souvenirs* como xícara decorada com a logomarca da festa (figura 14). Já em relação ao frango, também há sempre receitas diferentes nas barracas, principalmente no almoço de domingo: frango ensopado, frito, assado, na moranga, *stroganoff*, quibe, torta, pastel, galopinho (pequenos pedaços de peito de frango temperados com café), lanches etc (JUNIOR, 2004) (figura 15). O vínculo da festa com os processos de colheita, plantio e criação tradicionais mostra novamente a reinvenção de uma tradição que ocorria antigamente, relacionada a repetição dos ciclos agrícolas, que se envolvia a comunidade em busca de agradecer a boa colheita de determinada época, transformando-se assim, em um festejo.

Figura 14 - Barraca de Maria Santa Pieroli com venda de alimentos á base de café – Festa do Café e Frango.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 15 - Pratos típicos à base de frango – Festa do Café e Frango.



Autor: Oliveira (2009).

Segundo informações obtidas com Aníbal Vieira da Cruz e também de informações obtidas em trabalho de campo³, geralmente no almoço realizado no domingo quem ficava responsável pelo preparo dos alimentos era a escola da comunidade (com a ajuda dos professores e demais funcionários na elaboração das comidas, atendimentos nas mesas, entre outros serviços), mas como começou a dar muito trabalho, devido ao aumento do público, a organização da festa passou a arrendar (este ano o *Buffet Adriano* ficou responsável pelo preparo da refeição). Percebe-se neste caso, um processo de terceirização da festa, uma das características do processo de *toyotismo*. O que ficou a cargo das famílias da comunidade foram as barracas, porém alguns “barraqueiros” destas últimas edições da festa não são moradores do distrito. Estes vendedores de fora do local necessitam pagar uma taxa para poder instalar seu ponto de venda nos dias de festividade (uma forma que a comunidade encontrou de arrecadar dinheiro e tentar “barrar” um pouco a entrada de pessoas de fora na comercialização). Sendo assim, a disputa fica grande, entre quem é morador e quem é de fora da comunidade. Segundo Maria Santa Pieroli, uma das pessoas responsáveis pela organização da festa, o ano de 2008 houve muitas pessoas na festa e acabou faltando comida, já neste ano (2009) a chuva que ocorreu nos dois primeiros dias de festa atrapalhou bastante, sobrando bastante comida e como solução resolveram estender a festa até o final de semana seguinte para não terem prejuízo.

³ Em entrevista concedida durante o trabalho de campo do dia 12 de julho de 2009.

Por ser já bastante conhecida, a festa conta com um público bastante variado: além da participação da população local, tanto como visitantes como “festeiros” (termo utilizado para designar as pessoas que trabalham durante as festas), há presença marcante de pessoas vindas do espaço urbano de Londrina, de outros distritos e também de municípios próximos. A presença de pessoas de outros locais na festa não é somente como visitante, mas também como “festeiro”, já que existem muitas barracas que não são de moradores locais. E em outros casos, há barracas de famílias do distrito, mas que convidam parentes e amigos residentes em outros locais para auxiliar nos dias de festa devido ao grande fluxo de pessoas para atender (figura 16).

Dentre as pesquisas feitas com os visitantes da festa, foi questionado qual a principal motivação do deslocamento até a festa: alguns dos entrevistados relataram que possuem parentes que residem no distrito e que por isso freqüentam há muitos anos; outros comentaram que gostam deste tipo de festa (no espaço rural, por causa da comida que lembra a infância) e outros já mencionaram o lazer que a festa proporciona já que além de contar com um grande número de pessoas participando (figura 17), tem também boa comida, baile e é um momento de socialização para sair da rotina.

Figura 16 - Pessoas da comunidade no atendimento aos visitantes durante almoço na Festa do Café e Frango.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 17 - Presença de grande número de visitantes na Festa do Café e Frango durante apresentação teatral.



Autor: Cruz (2009).

Já na opinião da comunidade local trabalhando na festa, o principal motivo do envolvimento com a festa é a renda extra que a venda dos produtos proporciona; auxiliar nas atividades da igreja, pois o dinheiro arrecadado no almoço no Salão Paroquial é destinado às obras na comunidade; ajudar na divulgação do

distrito e mostrar que os produtos agrícolas (café e frango) não são somente para ser consumidos da maneira tradicional que se conhece, mas que as pessoas tem criatividade de elaborar pratos saborosos onde os dois ingredientes são os principais. Percebe-se uma das funções da festa como momento de solidariedade e de socialização entre os integrantes que se reúnem para um bem comum que é beneficiar o lugar em que moram. Segundo Ribeiro Jr “A festa é um mecanismo social, onde pode-se vivenciar a solidariedade, tanto na fase da preparação como em outras práticas sociais” (1982, p. 43).

Isto também pode ser verificado quando questionado à comunidade se haveria maior integração/socialização nos momentos festivos: as pessoas foram unânimes em dizer que o momento proporciona um engajamento maior às causas relativas à comunidade; há maior união das pessoas; todos acabam ganhando direta ou indiretamente com a festa (por exemplo, cabeleireira, costureira etc); além de saber que podem contar uns com os outros no momento em que precisam, pois o distrito é pequeno e a maioria das pessoas se conhece.

Foi questionado também quais os benefícios que os visitantes acham que a festa poderia proporcionar à comunidade local: divulgação do distrito; dinheiro que cada família arrecada e para a comunidade de maneira em geral; oportunidade de reunião para conhecer mais pessoas que moram em outros locais; para que os visitantes conheçam a cultura e a produção local. Já na opinião da própria comunidade local, os “festeiros”, a festa proporciona renda para os envolvidos; é uma opção de lazer para eles, pois não há muita diversão nos outros dias do ano; divulgação do distrito; comida saborosa; solidariedade entre a comunidade, um ajudando o outro; além de proporcionar o crescimento da comunidade.

Foi possível visualizar ao final da análise da Festa do Café e Frango que pela sua abrangência e infraestrutura, apresenta condições de constituir-se como um atrativo turístico, inclusive pelo número de visitantes que recebe todos os anos e pelo diferencial da gastronomia, que utiliza alimentos produzidos no local para que os pratos sejam elaborados, contribuindo assim para a economia da comunidade. Alguns destes alimentos à base de café ou frango já se constituem em particularidades da festa e conseqüentemente da localidade, que possibilita ser uma marca registrada do distrito, ligada às manifestações culturais que lembrem o café (principalmente) como base da economia local. A própria história de Londrina está

intrinsecamente relacionada ao “ouro verde” como foi conhecido o café. As apresentações artísticas dos grupos das escolas também demonstraram uma relevância no quesito resgate cultural da comunidade. O lazer não pode ser descartado como função da festa, pois as apresentações musicais, de dança e de teatro que constam sempre na programação possibilitam momentos de diversão com os bailes, *show* de palhaços para as crianças e a agitação que ocorre nos três dias de festa é tão grande que os moradores ficam ansiosos para a sua chegada. A contribuição financeira, assim como na Festa Rural da Warta, acontece de duas formas: a oferta de refeições no salão paroquial é destinada à igreja e nas demais barracas a renda arrecadada fica com os proprietários. Por ser já uma festa bastante conhecida e ter pessoas de fora do distrito montando seu ponto de comércio de alimentos e bebidas, há certa concorrência na venda dos produtos, gerando muitas vezes insatisfação por parte dos moradores. Há também o engajamento da comunidade em querer divulgar o que de melhor tem no distrito, como no caso da criação de pratos feitos com os dois principais ingredientes locais, café e frango. Sabe-se que nestes momentos há grande socialização da população local pelo sentimento de pertencer àquele lugar e também de mostrar ao “outro” o que de bom há no distrito.

3.2.3 Distrito de Paiquerê

Foi criado em 21 de dezembro de 1964, pelo Decreto-lei nº 4 992. Inicialmente chamava-se Cruzeiro do Sul, passando posteriormente a ser chamada de Paiquerê, que em tupi-guarani significa “terra da fartura” (LONDRINA, 1998).

O distrito de Paiquerê é formado pelo patrimônio Guairacá e pelo Bairro dos Nogueiras. A sede urbana do patrimônio Guairacá foi fundada em 1954 com o nome oficial de Manoel Gomes dos Santos e a função inicial do patrimônio era ser um núcleo comercial para abastecer os colonos da Fazenda Guairacá. Iniciou-se com a construção de um empório para compra e venda de produtos alimentícios e com o passar do tempo algumas pessoas foram construindo casas ao redor deste empório e a partir de 1970 foram sendo construídas a praça e a igreja católica. Uma característica marcante é que elas se dão em meio a plantações de café, milho, arroz, feijão e árvores frutíferas.

Desde antes do início da colonização, encontravam-se safristas, praticando uma agricultura de subsistência e ao mesmo tempo que plantavam também para alimentar os porcos (tanto na região norte do Paraná como na região central do estado também era constante a presença dos safristas). Porém, a partir de 1950 com a expansão da cultura cafeeira e também um aumento na concentração de terras, os grandes proprietários aderiram ao plantio de café e os safristas ou ficaram com terras menos férteis e continuaram com sua agricultura de subsistência ou tiveram que vender suas terras para os grandes produtores (CAMPOS, 2002).

A modernização/industrialização da agricultura alterou também os números em relação à população residente em Paiquerê, principalmente em meados da década de 1990. Muitos trabalhadores que eram empregados nas lavouras de café, algodão e rami perderam seus empregos, pois estas culturas deram lugar à soja, que já não necessitava de tanta mão-de-obra devido à intensa mecanização. De acordo com matéria publica no Jornal de Londrina de 19 de julho de 1995, após a queda no cultivo do café e do algodão e sem fazer a transição para agroindústrias o distrito perdeu 19,74% de sua população em 1980, onde “[...] predominam as fazendas, o café é pouco e as pequenas e mini propriedades estão perdendo a expressão com a crise do rami. Três caminhões levando trabalhadores de Paiquerê e vizinhanças partiram recentemente para Minas Gerais [...]” (SCHWARTZ, 1995b, p. 3).

Apesar da existência dos pequenos produtores de subsistência no patrimônio Guairacá, em outras regiões do distrito o que se tem como ponto forte é a soja, que substituiu a cultura do café (LONDRINA, 2008b).

Segundo Manaia e Paulino (2008), a população apresenta grandes vínculos com o campo, pois a ocupação de cerca de 80% da população refere-se ao trabalho assalariado temporário no campo, ou seja, os bóias-frias. E 20% da população total de Paiquerê trabalham na sede municipal (empregadas domésticas, serviços gerais etc) e homens sem qualificação formal que trabalham, na maioria, como catadores de latas de alumínio ou papel, segurança, serviços gerais, entre outros. Segundo os mesmos autores, Paiquerê é um caso de desigualdade decorrente da concentração de uso e propriedade da terra, ou seja, “[...] O distrito é “ilhado” por quatro enormes propriedades, onde a menor apresenta cerca de 250 hectares e a maior, cerca de 950 hectares, praticamente tomadas com a produção

de trigo e soja” (MANAIA; PAULINO, 2008, p. 4). Apresentando mais dados importantes, em pesquisa dos autores isso explica o motivo da falta de trabalho e a baixa renda per capita da população:

[...] Já que aproximadamente 160 famílias participando de Projetos de Assistência Municipal e Federal, representando cerca de praticamente metade da população do Distrito. Entre estas, 40 famílias são beneficiadas pelo Renda Mínima, Programa de Assistência que direciona R\$ 100,00 para as famílias que recebem menos de um salário mínimo, das quais uma pequena proporção encontra-se em situação de alta vulnerabilidade social.

De acordo com a pesquisa de Campos (2002), o processo de modernização/industrialização da agricultura se deu de forma diferenciada e parcial dentro do próprio município de Londrina, por exemplo, no patrimônio Guairacá, distrito de Paiquerê, onde existem 34 propriedades cujos donos encontram-se naquele espaço há mais de 30 anos. São produtores que resistiram ao processo de incorporação da pequena propriedade pelos grandes proprietários e que hoje continuam produzindo através do trabalho familiar e cultura de subsistência, cujo excedente permite às famílias uma pequena inserção no mercado local.

Enquanto o espaço urbano de Londrina há um crescimento populacional de 2,02%, ocorre um déficit no espaço rural, onde possui um índice de - 3,85%. No caso de Paiquerê é de - 0,268%, estando abaixo da média geral do espaço rural do município (LONDRINA, 2008b). Este fato é uma realidade de grande parte do espaço rural do Brasil, cujo processo de esvaziamento do campo decorreu diante do processo de modernização das atividades agrícolas, substituindo grande parte da mão-de-obra por maquinários. Em muitos casos a terra não estava mais sustentando as famílias em suas propriedades, tendo que grande parte delas se mudar para a cidade em busca de colocação no mercado de trabalho. É desse processo que muitas favelas surgem em grandes cidades, pois a remuneração destes trabalhadores não possibilita que tenham condições dignas de vida, como provavelmente tinham quando residiam no espaço rural e dependiam do campo para sua subsistência.

Segundo o levantamento de dados para o Plano Diretor de 2008 (LONDRINA, 2008b), o distrito possui alguns atrativos para o lazer, como o Espaço Recreativo Paiquerê, Capela São José, a Festa do Milho (na sede do distrito), a Festa de Nossa Senhora Aparecida (no patrimônio Guairacá) e o Rio Taquara.

Apesar de ser inexpressiva a atividade turística no local por ter apenas um local que recebe visitantes, o local possui paisagens cênicas na estrada que dá acesso ao distrito, podendo ser contemplada pelos admiradores de paisagens rurais. A Festa do Milho é uma das que mais atrai visitantes no calendário de Festas Rurais do projeto da prefeitura municipal.

3.2.3.1 Festa do milho

A Festa do Milho em Paiquerê teve sua primeira edição em 1995. A intenção da realização desta e de outras festas nesta época era a de caracterizar as festas com produtos de cada local, buscando ser uma festa da colheita e mostrar às pessoas da cidade como vivem os moradores do espaço rural (MORAIS, 1995), como muito bem já havia explanado Teixeira (1988) em seus estudos sobre festas gastronômicas.

De 06 a 08 de fevereiro de 2009 foi realizada a 14ª Festa do Milho do distrito de Paiquerê. No dia 08 de fevereiro foi realizado trabalho de campo durante a festa no período da manhã e da tarde com objetivo de observar, fotografar e pesquisar um pouco da organização da festividade: alimentação, mão-de-obra utilizada, opções de produtos a venda e manifestações culturais, entre outros aspectos. Foram realizadas entrevistas com participantes da festa e também com pessoas da comunidade que estavam trabalhando nas barracas.

De acordo com o Jornal de Londrina (FESTA DO MILHO, 2009), mais de 35.000 pessoas participaram nos três dias de festa (10 mil a mais do que na edição do ano passado) (figura 18). Segundo o organizador do evento e presidente da Associação de Moradores do distrito, Josias Pereira da Silva, em entrevista ao Jornal de Londrina, além do almoço no domingo (figura 19) que arrecadou fundos para a reforma da Igreja Católica local, nas barracas de comidas também houve grande procura pelos visitantes por produtos como curau, bolo, pamonha, suco de milho etc. A renda obtida com o almoço no salão paroquial destina-se às obras da comunidade e a renda obtida nas barracas é particular para cada família. Além disso, segundo Josias, em entrevista à Folha de Londrina (ITO, 2008, p. 11), “É uma festa muito importante para o distrito, porque trás uma renda extra para os moradores, para pagar IPTU, os materiais escolares e as contas. Por isso o pessoal

se empenha muito”. Cerca de 80% dos 2,5 mil habitantes do distrito participam do evento e são usadas quase 20 toneladas de milho.

Figura 18 - Barracão ao lado do salão paroquial com serviço de almoço para os visitantes da Festa do Milho.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 19 - Organização em fila dos visitantes para serem servidos pelas “festeiras” na hora do almoço na Festa do Milho.



Autor: Oliveira (2009).

Um dos principais atrativos da festa é a gastronomia, pois o ingrediente principal de vários pratos é o milho: milho verde cozido e assado, pamonha doce e salgada, espetinho de calabresa com bolinho de milho, suco, pães, bolos, curau, entre outros. (figura 20). Barracas foram montadas em frente à igreja matriz com o intuito de vender estes produtos, além de outros alimentos e bebidas. No domingo, foi realizado um almoço no salão paroquial da igreja com o cardápio a base de frango com polenta, arroz e salada, também tradicional na festa.

Em Paiquerê além da soja, café, poncã, laranja, criação de avicultura e piscicultura, o milho é um dos principais produtos. Dias antes da realização da festa as famílias produtoras já se preparam para vender seu produto (milho) ou elas mesmas montam barracas nas festas para comercializar os produtos derivados de milho (pamonha, bolo, suco, etc). Durante o trabalho de campo foram visitadas algumas residências próximas ao local da festa, podendo-se verificar entes da família toda colaborando no preparo dos bolos, ralando o milho, fritando o espetinho de calabresa, entre outras atividades (figura 21). Mesmo as pessoas que já não residiam mais no distrito, durante a época da festa, retornam ao local para auxiliar a família no preparo dos quitutes, já que o trabalho é intenso durante os três

dias e os que antecedem a festa. Esta atitude contribui na renda familiar e promove a interação entre atuais e ex-moradores locais. Assim, nos dizeres de Ribeiro Jr (1982, p. 44),

Na medida em que a festa se alarga, até alcançar o todo da vida do povo, ela será capaz de manifestar o *habitus-de-ser-povo* e de transferi-lo para seu cotidiano, fazendo com que a festa e a vida se interfecundem. Este alargamento será viável se a festa for um evento totalizante, não direcionado.

Figura 20 - Vários foram os atrativos gastronômicos da Festa do Milho como pão, curau, bolo etc.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 21 - Nas residências próximas ao local da festa as famílias auxiliavam no preparo dos alimentos, como descascar e ralar o milho.



Autor: Oliveira (2009).

Porém, fortes mudanças foram percebidas na produção do milho em Paiquerê. O número de produtores do grão vem diminuindo, assim como em todo o país, perdendo espaço para a soja. Por exemplo, na nona edição da festa, em 2004, as 15 toneladas de milho destinadas à festa foram adquiridas em Guairacá, distante 13 quilômetros de Paiquerê (NAVARRO, 2004). Apesar da safra não ter sido boa neste ano por conta da estiagem, os participantes da festa tiveram motivos para comemorar, pois tiveram um público de 30 mil pessoas.

Na parte cultural a festa contou com shows musicais de Edílson Pires, banda Arrasta Pé, Mulatinho e Peão do Carro, Gilson e Fabiano e Banda City Brasil. Além de apresentações de dança pelo grupo de jovens da Comunidade de Paiquerê e apresentação de teatro de palhaços, a Família Show Riso.

O público participante da festa se mescla entre moradores locais do distrito e visitantes de outras localidades como o espaço urbano de Londrina, Tamarana, outros distritos próximos como Irerê, Guaravera, Lerroville, etc, segundo informações de Aníbal Vieira da Cruz⁴ e de levantamento por entrevistas em pesquisa de campo.

As principais motivações para a participação na festa em relatos dos visitantes foram: a animação da festa (relacionando-se ao lazer, pois a festa já é bastante conhecida pelo grande fluxo de pessoas, música e diversão); a gastronomia local também foi um motivo bastante citado, já que o milho e seus derivados são o principal atrativo da festa; além da curiosidade de conhecer uma localidade rural, algo que fosse tradicional na área. Já em depoimento de pessoas da comunidade que estavam trabalhando em barracas com venda de alimentos, como as barracas em sua grande maioria são particulares, a motivação principal foi a renda extra que a festa proporciona pelo grande fluxo de venda dos produtos nos dias festivos. No caso do almoço que é oferecido no salão paroquial, algumas pessoas que trabalhavam na cozinha e no atendimento disseram que se envolveram na festa, pois fazem parte das atividades da igreja e ficam felizes em ajudar.

Em relação aos benefícios que a festa poderia proporcionar à comunidade local, na visão dos visitantes, seriam a ajuda financeira, tanto para os proprietários das barracas quanto o dinheiro arrecadado com o almoço organizado pela igreja para melhorias na comunidade; a festa é um meio de divulgação do distrito; é uma maneira de haver a união da população local, trabalhando em conjunto para um bem maior; um meio de manter as manifestações da cultura local e mostrá-la para quem mora fora; além de ser um momento de lazer. Esta mesma questão foi feita para pessoas da comunidade local que trabalhavam na festa. Mencionaram que é uma forma de arrecadar dinheiro para a comunidade; o distrito passa a ser mais conhecido, devido à divulgação; e também por ser um momento de confraternização e solidariedade.

A integração entre comunidade local e os visitantes também foi um ponto abordado na pesquisa. Esta questão foi aplicada aos dois públicos: tanto os visitantes entrevistados quanto pessoas da comunidade local disseram que há sim formas de interação entre eles, desde o contato no atendimento das mesas durante

⁴ Em entrevista concedida durante o trabalho de campo do dia 12 de julho de 2009

a refeição, atendimento nas barracas, mesmo durante os *shows* acabam fazendo amizades, até uma conversa entre amigos (um amigo apresenta o outro que mora no distrito). Isso pode ser relacionado com o fato de terem um pouco da vivência de outro modo de vida, por exemplo, uma pessoa que mora no centro de Londrina e não está acostumada com a vida no campo pode conhecer alguém que resida em algum sítio de Paiquerê e durante a conversa tome conhecimento da vivência deles como trabalho, lazer, vestimentas, costumes etc, e vice-versa.

A socialização entre a comunidade local é um importante ponto a ser destacado neste caso. Durante a organização da festa, que se dá meses antes de sua realização, as pessoas já se dividem em grupos para dividir as responsabilidades para que a festa aconteça. Há grande participação da comunidade em ajudar no festejo, mas já houve dias melhores. Hoje existem barracas que são de pessoas que não residem no distrito e que estão presentes em outras festas também, como na Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina. Estes “barraqueiros” tomam conhecimento de locais que terão festas e alugam um espaço para montar sua barraca.

Na visão dos moradores locais, com o passar dos anos houve modificação nos costumes e tradições da comunidade, mas de maneira positiva, pois o público foi ampliado, o distrito passou a ser mais conhecido e mais apresentações culturais passaram a existir. Porém, sabe-se que nas primeiras edições da festa havia a eleição da rainha da festa, artesanato, concurso de “Maior e menor pamonha”, concurso do “Mais rápido degustador de milho cozido”, concurso de “Quantos grãos tem na espiga de milho?”, entre outros; e mais produtos à base de milho eram comercializados como brigadeiro, pudim e queijadinha. Hoje estas atrações não mais acontecem e a variedade de alimentos à base de milho diminuiu.

A partir do que foi visto e pesquisado na Festa do Milho, a função principal observada foi a do envolvimento com a gastronomia local, por ser um grande atrativo e diferencial, podendo a festa ser considerada como um atrativo turístico, já possuindo até um grande público em seus dias de realização. A contribuição financeira também ocorre de duas formas: no almoço realizado no salão paroquial, a arrecadação é direcionada às obras da igreja e nas demais barracas particulares, a renda é centralizada na família. É interessante observar a dinâmica que ocorre com o envolvimento das pessoas na produção dos alimentos, adaptando utensílios domésticos cômodos dentro das residências para a fabricação dos

quitutes, já que necessita de um espaço grande para o “entra e sai” de matéria-prima e produtos: conforme vai acabando a oferta de alimentos na festa, a produção nas casas vai “à todo vapor”. Sobre o lazer, podemos observar que no caso de festas maiores como é a Festa do Milho, a quantidade de atrações musicais e apresentações é maior, proporcionando maiores chances de momentos de diversão nos bailes, conversas, e tudo mais. A possibilidade de descontração, relaxamento, diversão que a festa proporciona aos participantes é bastante evidenciado nos relatos e também verifica-se fortemente na animação das barracas com um “vai e vem” de pessoas muito intenso, em alguns momentos chegando até a ficar “congestionado” os corredores.

3.2.4 Distrito de Irerê

Localizado onde era a antiga Fazenda Marrecas, de propriedade do engenheiro agrônomo Aristides Carvalho de Oliveira, o distrito foi fundado em 1932/1933 (informação do Plano Diretor de 1998 não constava a data correta). Porém foi elevado à condição de distrito em 10 de outubro de 1947, através do Decreto-lei nº 2. Faz parte também do distrito, o patrimônio de Taquaruna. O marreco (uma espécie comum à África tropical, Antilhas e América do Sul, no Brasil a ave é conhecida como Irerê pelo seu grasnar repetir as sílabas do nome popular) é a ave que simboliza a história do início do povoamento da área. Na época, a criação de marrecas pelo proprietário da fazenda, deu nome ao ribeirão que banha a área também. Como já existia no estado uma localidade chamada Marreco, optou-se pela sua tradução para o tupi-guarani: Irerê (LONDRINA, 1998).

O distrito tem uma peculiaridade em relação à dinâmica populacional, pois foge à regra do espaço rural de Londrina: a população residente na sede do distrito é o dobro da população que reside em propriedades rurais locais. Pela proximidade com o espaço urbano de Londrina, grande parte da população se desloca até a cidade para ocupar postos de trabalho, já que o campo só consegue absorver a menor parte da mão-de-obra local. Além da proximidade com a cidade, a mecanização da lavoura e a ampliação da pecuária foram também fatores para a diminuição da população. No setor agrícola hoje o que predomina são as pastagens. Na década de 1960 o distrito chegou a ter 10.657 habitantes, grande parte deles empregos nas fazendas de café. Com a queda na produção a partir de meados de

1970, os cafezais foram dando espaço às criações de bovinos e igualmente a população do espaço rural foi se esvaziando. Hoje o distrito conta com 2.190 habitantes. Como disse Augustinho Vieira Gomes morador desde 1951, em entrevista para Schwartz (1995c, p. 8): “Aparece a pata do boi, desaparece o pé do homem”. Na época da reportagem, em 1995, mesmo Irerê tendo boa infraestrutura, na periferia do distrito “[...] encontram-se moradias precárias e até barracos principiando favela” (SCHWARTZ, 1995c, p. 8).

Em reportagem da Folha de Londrina de 29 de maio de 2007, moradores reclamavam sobre a falta de moradia no local, já que o crescimento habitacional não acompanhou o crescimento populacional, que no espaço urbano do distrito desde o início da década de 1990 é maior do que no espaço rural. Amadeu Rodrigues de Oliveira, morador há mais de 16 anos no local, afirmava, na reportagem, que a construção de um terminal urbano, a integração do transporte coletivo e a instalação de duas indústrias nas proximidades do distrito fizeram com que parte da população resolvesse não sair mais de Irerê e permanecer morando lá. O que antigamente era um fator complicador para os habitantes, como transporte, falta de emprego e outras necessidades básicas, hoje, segundo o relato, já não impede que pessoas morem no local, contanto que haja a construção de novas casas (BORGES, 2007).

Relatos de moradores sobre o sentido de continuar morando no distrito, mostram que é por ser um lugar de sossego, sem violência, onde todos se conhecem. Os poucos momentos de lazer da população distribuem-se ou em jogar futebol aos fins de semana assistindo o Grilo Esporte Clube disputando com outros times do espaço rural londrinense, ou se encontrar com os amigos nos bares e praças localizados na Avenida Paraná (principal rua local) e até mesmo nos bailes, que é o que o pessoal jovem mais gosta (HORTA, 1999). Além disso, em Irerê também tem anualmente a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.

O Programa Municipal de Economia Solidária, que tem como objetivo desenvolver a economia local, estimulando o potencial produtivo das regiões, valorizando as capacidades locais, vem desenvolvendo junto à comunidade atividades de confecção de camisetas que ajuda na renda de grupos do distrito (ECONOMIA, 2009).

3.2.4.1 Festa rural em homenagem ao padroeiro São José

A Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José já está em sua sétima edição no distrito de Irerê. É uma comemoração que envolve não só moradores locais, mas também de outros distritos próximos como Paiquerê, Guaravera, Lerroville, pessoas do espaço urbano de Londrina e também de municípios vizinhos como Tamarana.

O Dia de São José é comemorado na data de 19 de março, mas o evento é realizado em maio para aproveitar a data da Festa Rural, além de prestar uma homenagem aos trabalhadores, cujo dia é lembrado em primeiro de maio e a população associa o fato do padroeiro ter sido carpinteiro e bastante trabalhador, assim juntando as duas celebrações (BORGES, 2008). Percebe-se aqui um indício de invenção da tradição, já que se desloca a data de comemoração do padroeiro para o mês que foi estipulado para ser a Festa Rural e para coincidir com o mês que celebra do trabalhador.

No dia 17 de maio de 2009 foi feito um trabalho de campo à festa com intuito de analisar a dinâmica da festa e também realizar entrevistas com visitantes e população local e fotografar.

A festa começa no sábado à noite com *show* musical, parque infantil e barracas com venda de churrasco, salgados, doces e bebidas. Estas barracas são particulares, ou seja, a renda obtida fica com as famílias ou instituições que montam as barracas (por exemplo, uma das barracas era da creche do distrito e o dinheiro arrecadado era para melhorias em sua infraestrutura). No domingo, já em sua terceira edição, é realizada uma cavalgada com cerca de 150 cavaleiros (entre eles, homens, mulheres e crianças) com saída do distrito de Paiquerê com destino ao local da festa em Irerê com a imagem de São José sendo transportada num veículo que seguiu em frente à cavalgada (figura 22). Ao chegarem em frente à igreja há a benção dos cavaleiros e dos cavalos pelo padre John Jairo Garcia (figura 23), a premiação para o melhor cavaleiro, a melhor cavaleira e a criança que cavalgou melhor. A partir daí que se dá início a festa com almoço no salão paroquial, cujo cardápio é a costela assada “Fogo de Chão”, mandioca, farofa, arroz, salada e pão (figura 24). No período da tarde a programação cultural conta com *show* musical, apresentação de dança e teatro com a família *Show Riso* (figura 25).

Figura 22 - Saída da cavalgada de Paiquerê para Irerê durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.



Autor: Cruz (2009).

Figura 23 - Bênção dos cavaleiros e cavalos pelo padre John Jairo Garcia durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.



Autor: Cruz (2009).

Figura 24 - Almoço no salão paroquial durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.



Autor: Cruz (2009).

Figura 25 - Diversão para as crianças com a família Show Riso durante a Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José.



Autor: Cruz (2009).

Os visitantes foram questionados em relação à motivação que os levaram a festa: por ser uma festa religiosa; pelo fato de alguns já terem morado no sítio fez com que buscassem a comida caseira do espaço rural; a cavalgada também foi um atrativo comentado; levar os filhos para conhecer a festa e também se divertirem no parque de diversões; para ajudar a igreja, pois sabem que o dinheiro arrecadado vai para benfeitorias na comunidade; pelo momento de reunião entre pessoas da localidade e os visitantes, podendo conhecer pessoas diferentes.

Na visão dos moradores locais que trabalhavam durante a festa, os motivos de participarem da organização foram: por ser um momento de confraternização entre os moradores; oportunidade de divulgar o distrito e

principalmente pelo envolvimento com a comunidade e com atividades ligadas à igreja ou à creche. Ribeiro Jr (1982, p. 115) afirma isso quando salienta que,

Os momentos dotados de maior socialidade, as festas da padroeira, as promoções feitas em prol de alguma obra religiosa, abrem espaço para as iniciativas individuais e são também desaguadouro do investimento afetivo de toda a coletividade [...].

Os benefícios possíveis para a comunidade local, do ponto de vista tanto dos visitantes como dos moradores locais foi de que a festa tem a função de auxiliar na renda para melhorias da igreja e da creche; fazer com que as pessoas de fora conheçam o distrito; possibilidade de mostrar as manifestações da cultura local; lazer; e união das famílias do distrito.

Com as observações feitas em campo e a partir dos resultados da pesquisa feita nas entrevistas pode-se afirmar que se encontra uma dinâmica um pouco diferenciada no caso de festas religiosas, se comparadas às festas gastronômicas. As pessoas participam desta festividade principalmente pelo envolvimento da homenagem ao Santo, com a missa, cavalgada, benção e almoço em prol de melhorias locais. A função de o momento festivo ser uma celebração à religiosidade já é muito antiga no Brasil e vincula-se também fortemente ao rural. Os vilarejos iam se formando e uma das principais construções era a “igrejinha”, que após a missa era feito um almoço para reunir os vizinhos. Mas percebe-se que as funções desta festa muito se mesclam umas com as outras, pois ao mesmo tempo em que contribui financeiramente para os participantes (igreja e famílias “barraqueiras”), também propicia o envolvimento com os familiares e amigos que moram no distrito ou que vêm visitá-los durante a festividade, havendo inclusive um possível intercâmbio de vivências, hábitos e costumes, como por exemplo a participação na cavalgada e a degustação da comida caseira com “gostinho do sítio”. Durante a realização da cavalgada havia pessoas que nunca tinham andado a cavalo e que se sentiram emocionados de participarem deste ato.

Assim como a comida caseira oferecida no almoço, justamente por ser preparada e servida por um grupo de pessoas do distrito unidas voluntariamente, já proporciona um “gosto” todo especial à refeição. Irerê se localiza há 25 quilômetros do espaço urbano de Londrina e, pela distância, no caminho se pode contemplar a paisagem cênica de plantações, parte da cidade de Londrina pode ser

vista no horizonte, além de pequenas áreas de mata e morros ao fundo, por se localizar ao sul de Londrina e ser uma área de relevo suavemente ondulado. O visitante, ao se aproximar da festa, já tem a possibilidade de adentrar em um ambiente diferente do centro urbano de Londrina e incorporando o “espírito” da festa. O lazer também se toma uma função da festa, principalmente se relembramos de alguns depoimentos em reportagens de jornais locais, quando alguns moradores de distritos lamentam que nos locais onde moram não há grandes opções de lazer e muitas vezes os jovens acabam tendo que se deslocar uma vez por mês a Londrina ou outra localidade mais próxima para participarem de algum baile. Isso é realidade em vários distritos rurais de Londrina, principalmente quando se trata de locais mais distantes como Paiquerê, Irerê, Lerroville e Guaravera.

3.2.5 Distrito de Lerroville

O distrito foi criado em 29 de novembro de 1963, pela Lei nº 4783/63. A colonização da área, bem como a evolução de sua população, está intimamente ligada à introdução e erradicação do cultivo do café. A área foi ocupada antes mesmo da criação do distrito, por volta de 1920, sendo uma área importante para suprir as necessidades dos agricultores na estrada entre Tamarana e Paiquerê. Eloy Nogueira da Silva, um dos pioneiros, foi encarregado de cuidar de uma área chamada de “Mil Alqueires”, desde o fim da década de 1920. A área do distrito inicialmente chamava-se Londrinópolis, passando a ser nomeado Lerroville a partir de sua efetivação como distrito. A atual sede do distrito era destacada do resto da área e de propriedade do engenheiro Nicolau Lerro, de quem deriva o atual nome Lerroville ou Vila de Lerro (LONDRINA, 1998).

Com grande destaque no plantio do café, em 1963 abrem-se novas áreas de plantio, havendo uma fase de prosperidade para a população. Só para se ter uma ideia, em 1970 o distrito contava com uma população de 12.161 habitantes, sendo a grande maioria residente no espaço rural do distrito (96,64%). Porém, com a geada de 1975 diminuindo drasticamente a produção de café e a introdução de lavouras temporárias, a população começa a diminuir em grande número, em direção ao espaço urbano do município e a outras frentes pioneiras do estado (LONDRINA, 1998).

De forma diferenciada dos outros distritos, Lerroville preservou de certa forma o cultivo do café, mesmo após a introdução de lavouras temporárias como a soja. Além disso, o distrito se destaca por se relacionar com atividades ligadas à fruticultura, olericultura, pastagens e granjas de frango (MRTVI, 2005).

O café de Lerroville é reconhecido até mesmo na França, chegando até a valer o dobro do preço do mercado nacional. Em 2004, segundo Avansini, foi fechado uma parceria com a ONG francesa “Monde Diplomatique” para a venda do café beneficiado para empreendedores franceses. Isso foi possível através de um projeto que levou ao distrito a ideia de “[...] Um mercado solidário de comércio justo” (AVANSINI, 2004, p. 5) que trata de uma negociação que busca aproximar produtores (através de associações) e consumidores, eliminando atravessadores. Além disso, os produtores tiveram que se adequar às exigências ambientais e sociais, e em alguns casos até convertendo sua produção para orgânica.

Conforme explicam Pacífico e Dal Soglio (2007) em sua pesquisa sobre a agroecologia ligada à produção cafeeira em Lerroville através da COASOL (Cooperativa Agroindustrial Solidária de Lerroville), os cafeicultores são encontrados, em maior número, nos bairros Água da Limeira, Água da Laranja Azeda e Água da Sede. A cooperativa busca contribuir para o desenvolvimento local e geração de renda.

Apesar de ser o maior distrito em área e população, hoje o distrito de Lerroville sofre pela distância em que se encontra da sede urbana do município de Londrina, diferente do que acreditavam alguns moradores do local há alguns anos atrás, pensando que “[...] Lerroville passaria a ser mais bem atendido na condição de maior distrito” (SCHWARTZ, 1995d, p. 8). O acesso a melhor infraestrutura em relação à escola, saúde, compras etc, (necessitando se deslocar até o centro da cidade) se dificulta pela distância, sendo hoje um dos distritos mais pobres de Londrina, segundo relato de Aníbal Vieira da Cruz⁵, funcionário da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento. Isso se retrata até na realização das festas, tema que será tratado no próximo tópico.

Apesar de Londrina apresentar o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) tido como um dos mais altos do país (0,824), distritos mais distantes do espaço urbano, como é o caso de Lerroville, chegam a possuir índice um dos mais

⁵ Em entrevista concedida durante o trabalho de campo do dia 06 de setembro de 2009.

baixos do Estado (0,683). Pela distância em relação à sede municipal, os pequenos produtores têm dificuldade no acesso aos meios de produção (insumos, assistência técnica, comercialização etc), de acordo com pesquisa de Mrtvi (2005), ocasionando a queda na produtividade e possivelmente na baixa renda dos moradores.

E não é de hoje que a população do distrito vem sendo prejudicada pela distância e conseqüente descaso por parte do poder público. Em 2003, trouxe à tona as discussões sobre o processo de emancipação. A justificativa era pelo “[...] estado de ‘abandono’ em que se encontra o distrito e com o ‘desprezo’ da atual administração [...]” (SARIS, 2003, p. 4A), acreditando assim que a emancipação seria a solução do problema, já que segundo depoimento de um morador do distrito, “Somos ricos em território, temos produtos agrícolas, mas não temos recebido a assistência devida da administração” (KINDLEIN, 2003, p. 3). Em contrapartida, o secretário de Planejamento da época, Marcos Defreitas, comentou que é contra a emancipação, pois a arrecadação do distrito é muito pequena, não justificando tal processo de emancipação solicitado (SARIS, 2003). A reivindicação da população até hoje não foi aceita, pois o distrito continua fazendo parte da administração do município de Londrina.

Para amenizar em parte a dificuldade em que vive alguns moradores do distrito, há cinco anos um grupo de pessoas residentes no distrito, vem construindo casas voluntariamente através de doações (ITO, 2007). As pessoas escolhidas para serem beneficiadas com a nova moradia são pessoas pobres do distrito. Os “Amigos Solidários de Lerroville” (AMISOL) conciliam suas atividades diárias com o trabalho voluntário, sem fins lucrativos, com seriedade e de boa vontade, segundo relatos em reportagem de Santin (2007). A iniciativa partiu do professor Acyr Plath que resolveu construir uma casa para a aposentada Judith da Costa, que morava em uma casa precária de madeira. A partir disso, outras pessoas se interessaram e o movimento vem aumentando (SANTIN, 2007).

O Programa Municipal de Economia Solidária, que tem como objetivo desenvolver a economia local, estimulando o potencial produtivo das regiões, valorizando as capacidades locais, vem desenvolvendo junto à comunidade atividades de marcenaria e fabricação de salgados e doces, que ajudam na renda de grupos do distrito (ECONOMIA, 2009).

A área em que se localiza o distrito se destaca pela potencialidade para o turismo. A estrada de acesso tem paisagem cênica, além de apresentar os

seguintes atrativos: Rio Apucarana, Salto Apucarantina, Capela Santa Isabel da Hungria, além das festas rurais (uma delas, no Bairro dos Italianos, que foi estudada neste trabalho e será abordada no próximo tópico). O que também tem feito parte dos atrativos turísticos locais são a produção de café orgânico, que tem atraído pessoas interessadas no cultivo. Segundo Aníbal Vieira da Cruz, funcionário da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, algumas propriedades de Lerroville vão fazer parte da Rota do Café, projeto que vem sendo desenvolvido pelo SEBRAE.

Não somente estas duas festas manifestam elementos culturais locais. Em 2003, aconteceu a 1ª Mostra Cultural de Lerroville, cuja programação contou com apresentações de grupos locais e também de outras regiões de Londrina. Fizeram parte da Mostra grupos como o Ballezinho de Londrina, Encontro de Corais, Maracatu Nação Terra Vermelha, Folia de Reis, grupo de forró, teatro com o grupo Arte e Vida, capoeira, Afoxé Ilê Ogum, Boi da União e dança de salão (SEGLIN, 2003). A intenção do evento, além de buscar a valorização da cultura local, era de arrecadar fundos para custeio de material para outras apresentações culturais. Além disso, havia no distrito o bar, restaurante e espaço cultural “O Homem da Tapioca”, com a típica comida nordestina sendo servida. Quem estava a frente do estabelecimento era o nordestino Arundu Terceiro, que chegou a Londrina em 2002 para coordenar os grupos Afoxé Ilê Ogum, Maracatu Não Vermelha e Arte e Vida, todos no distrito de Lerroville (LEMES, 2003).

3.2.5.1 Festa rural do bairro dos italianos

O Bairro dos Italianos localiza-se no distrito de Lerroville. O local é conhecido por este nome, pois os primeiros moradores eram descendentes de italianos; alguns vindo de Ribeirão Preto/SP e outros de Alvorada do Sul/PR. Estas famílias (seis famílias, todos irmãos, totalizando 47 pessoas) se estabeleceram no local, formando algo como um bairro rural, o Sítio São Pedro.

Um bairro rural geralmente é composto por famílias que estabelecem atividades sociais comuns, como missas, terços, novenas, jogos de futebol, aniversários e casamentos. Estas atividades, além de aproximar as pessoas, também proporcionam relações de compadrio e parentesco (PACÍFICO, 2008). Pode-se verificar a existência destes laços no Bairro dos Italianos, segundo relatos

de alguns membros da família Siena⁶, lembrando a época em que chegaram em Lerroville, as primeiras casas eram de palmito, iam de carroça até Tamarana para fazerem compras, plantavam arroz e trocavam produtos que produziam entre os vizinhos, o lazer principal era jogo de bocha, o pai era carpinteiro e também trocavam favores entre os vizinhos.

Sobre o início das primeiras comemorações da festa, esta começou há quase quarenta anos atrás, com uma missa na porta da casa de uma das famílias. Juntavam os vizinhos e após a missa havia uma confraternização entre as pessoas. Com o tempo conseguiram construir uma capela, reunindo mais pessoas para festejar.

Infelizmente hoje o sítio será vendido para a empresa produtora de insumos agrícolas Belagrícola e não se sabe se a festa continuará (tudo vai depender do novo proprietário e de como será a atividade). A família Siena já está idosa, os jovens estão na cidade e não tem quem cuide das atividades do espaço rural. As crianças e jovens vão estudar no espaço urbano do distrito, no espaço urbano de Londrina ou em outras cidades, perdendo a realidade da propriedade rural, pois seguem com outras profissões.

Este fenômeno é bastante comum em todo o Brasil a partir da década de 1970, pois a realidade do espaço rural muitas vezes não permitia que os integrantes da família conseguissem um bom emprego, deslocando-se até a cidade em busca de melhores oportunidades e não retornando à propriedade dos pais para dar continuidade às atividades.

No dia 06 de setembro de 2009 foi realizado um trabalho de campo durante a festa no bairro. Estava um fim de semana bastante chuvoso, então neste dia de campo a estrada estava em péssimas condições, dificultando a chegada de muitas pessoas à festa.

A festa é organizada pela comunidade em parceria com a SMAA no salão paroquial da capela Nossa Senhora Aparecida. Dias antes da realização da festividade, a comunidade se organiza para realizar uma novena em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, que vai culminar com a celebração da Santa Missa e com uma procissão em homenagem à padroeira. Além disso, foi realizada uma palestra com o tema “Desenvolvimento e Melhorias da Comunidade”. Essa iniciativa

⁶ Em entrevista durante o trabalho de campo realizado no dia 06 de setembro de 2009.

partiu da SMAA (não só nesta localidade, mas também em outras comunidades rurais, com temas que contribuíssem para o desenvolvimento local). Durante a noite do sábado a festa iniciou com a venda de churrasco, salgados, sorvetes e bebidas, acompanhado de *show* musical e baile. No domingo, a programação iniciou-se com o tradicional torneio de futebol (figura 26), logo após o almoço com macarronada, salada, frango assado e churrasco (os alimentos em sua maioria são de doações dos próprios moradores). No período da tarde, apresentações de teatro e dança e em seguida *show* musical com baile (figura 27).

Figura 26 - Tradicional torneio de futebol na Festa do Bairro dos Italianos.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 27 - *Show* musical com baile foi um dos atrativos para a Festa do Bairro dos Italianos.



Autor: Oliveira (2009).

No caso da festa do Bairro dos Italianos, o local é de difícil acesso, pois as estradas rurais na área de Lerroville não estão em boas condições e no fim de semana da festa choveu bastante, então a situação estava um pouco mais complicada. Alguns visitantes entrevistados comentaram que tiveram dificuldades para achar a localização da festa (sem sinalização) e também problemas com o deslocamento nas estradas. Inclusive uma das pessoas entrevistadas disse que todos os anos frequenta o local e desta vez chegou a ir à festa de trator com a família porque sabia que de carro ficaria difícil.

Os visitantes, nesta edição da festividade, foram do próprio distrito de Lerroville, alguns do espaço urbano de Londrina e vários da cidade de Tamarana, por ser bem próximo ao local (lembrando que até 1994, Tamarana era distrito rural

de Londrina, emancipando-se em 1995, então os moradores de ambos os lugares ainda possuem bastante ligação).

Aos visitantes, foi questionado a respeito da motivação de terem ido à festa, houve relatos de que tinham amigos ou parentes que residem no local e que foram convidados a participar; alguns estavam alojados em acampamentos do MST (Movimento Sem Terra) em Tamarana, ouviram falar da festa e aproveitaram para conhecer; outros disseram que a própria união da comunidade foi um atrativo para ir à festa (isto se torna interessante, pois demonstra que ações internas da comunidade como a união acaba refletindo no acolhimento aos visitantes); o próprio fato de ser um dia festivo é uma motivação bastante comentada, pois geralmente no espaço rural não há muitas opções de lazer (figura 28).

Quando esta questão foi feita para a comunidade local que estava trabalhando na festa, ou seja, qual o motivo do envolvimento com a organização (trabalhando na cozinha, no atendimento, no caixa, na limpeza etc), a ligação à religiosidade está bastante presente: vários informaram gostar de se envolver por fazer parte das atividades da igreja. Já outros comentaram que gostam de ajudar na organização de festas, principalmente porque não é todo mundo que se solidariza e trabalha voluntariamente. Outros comentários foram que a festa é um momento de socialização, ou seja, permite que as pessoas que não se conhecem possam fazer amizade e que também é bom, pois o bairro fica bastante movimentado (figura 29).

Figura 28 - O dia festivo se torna uma opção de lazer para os visitantes.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 29 - Momento de socialização também durante o trabalho na cozinha durante a Festa no Bairro dos Italianos.



Autor: Oliveira (2009).

As festas proporcionam vários benefícios à comunidade local, segundo a opinião dos visitantes: diversão, pois é a única festa que acontece no bairro; renda para a igreja poder aplicar em benefícios para a comunidade; união entre as pessoas da comunidade; além do resgate do ambiente familiar; oportunidade de entrosamento entre os visitantes e os moradores locais.

Já na opinião dos “festeiros” os benefícios são: união e reencontro de amigos; diversão; oportunidade de continuar com a tradição da festa e mostrar aos jovens os costumes rurais; valorização e divulgação do distrito. Neste caso, somente uma das pessoas chegou a mencionar o benefício econômico da festa. Segundo informações obtidas com Leninha⁷, uma das responsáveis pela organização da festa, em alguns anos a festa dá um pouco de lucro para ajudar a igreja, mas que em 2009, devido à chuva que teve no sábado e poucas pessoas terem comparecido ao local, no domingo pensaram em nem fazer o almoço. Mas para não acabar com a tradição, todos levantaram cedo no domingo e se dividiram para fazer as tarefas e receber os visitantes. O sentido de comunidade se expressa mais fortemente, pelo engajamento dos seus participantes em não deixar que fatores externos à festa, como no caso a chuva, deixe apaziguar a tradição de todos os anos.

Percebe-se que este é o caso tradicional de festa no campo. As demais festas estudadas acontecem no espaço urbano do distrito, com ruas asfaltadas, casas, comércio etc. Já no caso do Bairro dos Italianos, a festa é realizada em um dos sítios (figura 30), fazendo com que o ambiente rural fique mais rústico, mais característico com o que há no imaginário dos visitantes quando se pensa em “festas rurais”. Sobre a função de contribuição financeira para a comunidade, pouco se observou como característica evidente na festa. O que se verifica no lugar é um entrosamento entre seus participantes, tendo como consequência a socialização, divertimento e inclusive oportunidade de ter contato com uma cultura mais rústica do que a encontrada muitas vezes na cidade, por exemplo, o churrasco oferecido na festa era feito em espeto de bambu (figura 31), podendo-se observar o que Milton Santos (1996) coloca como a presença simultânea de elementos velhos presentes no novo num mesmo lugar.

⁷ Em entrevista cedida durante trabalho de campo no dia 06 de setembro de 2009.

Figura 30 - Casas dos moradores do Sítio São Pedro – Bairro dos Italianos.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 31 - Churrasco feito em espeto de bambu – Festa no Bairro dos Italianos.



Autor: Oliveira (2009).

Há também a função do sentimento de pertencer ao lugar, pois a festa, assim como as demais, é uma possibilidade de se tornarem conhecidos por outras pessoas, principalmente no caso do distrito de Lerroville, que por ser muito distante de Londrina, poucas pessoas conhecem como pertencente à cidade. Tanto é que grande parte da população que mora no campo, quando necessitam de algum produto com mais urgência se deslocam para Tamarana, pois é mais próximo e tem uma pequena oferta de supermercados, farmácias, lojas etc, que se necessitassem se deslocar até o centro de Londrina demorariam mais tempo.

3.2.6 Comunidade da Usina Três Bocas

A Comunidade Rural da Usina Três Bocas está localizada no distrito-sede, na região sudeste do município, distante 15 quilômetros do centro da cidade de Londrina.

Segundo Carvalho (2008), o bairro nasceu praticamente junto com o município de Londrina, com uma colônia de russos, primeiros habitantes do local. Esse povo pioneiro fugiu da Rússia por conta do regime comunista implantado em 1928 em busca de oportunidades que lhes proporcionassem melhores condições de vida do que em seu país de origem, mesmo sabendo que passariam por dificuldades. A família Polskikh, umas das primeiras a se estabelecerem na área, começaram a fugir dentro do território russo até chegarem na fronteira da China, Afeganistão e Índia. Somente em 6 de julho de 1935 desembarcaram no porto de

Santos/SP, vindo dias depois para a proximidades da área de Londrina, descendo do trem com alemães que vinham para se instalar em Heimtal. A família Polskikh é uma das treze famílias que se instalaram na área, mas somente oito permaneceram. Com o tempo, foram sendo abertas estradas, derrubando matas para dar lugar às casas e lavouras de milho, feijão e arroz. Passaram muitas dificuldades em relação à comunicação, pois ninguém na comunidade falava português e só se comunicavam através de mímica. A partir de 1941, parte das famílias foi deslocada da área para que fosse construída a barragem da usina (Usina Três Bocas), iniciada em 1943. Retornando tempos depois, houve um período de grande prosperidade da colônia russa, se dissolvendo a partir da década de 1950/60 atraídos pelo processo de urbanização que se fortalecia. A partir disso, começaram a chegar grupos de paulistas, mineiros e outros migrantes para se instalarem no local, trazendo consigo seus costumes. Conforme comenta Carvalho (2008, p. 76),

Os mineiros trouxeram muitos costumes do seu estado de origem, entre eles o de fazer polvilho de mandioca para o preparo de biscoitos. Sendo assim, dentre os produtos que plantavam – milho, arroz, feijão, abóbora e mandioca – a mandioca era o de maior utilidade e diversidade de uso.

A chegada dos mineiros fortaleceu novamente à área, principalmente a partir da aquisição de lotes de terras por 20 famílias, que a comunidade Três Bocas se desenvolveu e puderam manter seus laços familiares e culturais. Hoje não há mais registro de famílias descendentes de russos na comunidade, pois após a construção da barragem as famílias se mudaram para outras cidades ou para o centro de Londrina.

As famílias mantiveram seus costumes vindos de seu local de origem, continuando a produzir mandioca, batata-doce, inhame, cará etc. Nas décadas de 1970/80 a mandioca de mesa ganha destaque no comércio e passa a ser bastante aceito no mercado, fazendo com que na década de 1990 este fosse o alimento mais produzido na agricultura familiar local, correspondendo a 90% da raiz comercializada no município. A fatura na produção da mandioca é representada através da realização da Festa da Mandioca, já bastante tradicional na comunidade. Quando questionados sobre a importância do evento, moradores disseram que “[...] mobiliza muitas pessoas e anima os moradores; ajuda a divulgar o nome da Comunidade da Usina Três Bocas; faz aumentar o consumo da mandioca; garante a tradição da localidade como produtor de mandioca [...]” (CARVALHO, 2008, p. 130).

Carvalho (2008, p. 152) comenta que há um diferencial em relação à população moradora do local,

[...] São extremamente dedicados ao trabalho, possuem amor e respeito pela terra e valorizam os momentos de lazer, garantindo assim a manutenção das tradições relativas a sua cultura, quer seja com o jogo de truco aos sábados à tarde ou através da já tradicional 'Festa da Mandioca' [...].

Em relação às características físicas, a comunidade está localizada em uma das áreas mais baixas em relação ao relevo, isso explica porque o café não teve sucesso entre os produtores. O clima caracteriza-se por ser mesotérmico úmido, com verões quentes e chuvosos e invernos secos com possibilidade de ocorrência de geadas. O clima ameno foi um grande atrativo para os grupos russos que chegaram ao local.

O Parque Ecológico Dr. Daisaku Ikeda é um dos diferenciais desta comunidade. É o local onde se instalou a Usina Três Bocas, segunda usina hidrelétrica do município de Londrina, desativada em 1983, e que hoje recebe visitantes de todo o município.

Segundo o levantamento preliminar do Plano Diretor de 2008 (LONDRINA, 2008b), a comunidade da Usina Três Bocas possui alguns atrativos turísticos como o Pesque Pague Recanto do Paraíso, Pesque Pague Tanaka, Restaurante Fogo da Roça, Spa Rural Shangri-lá, Parque Ecológico Dr. Daisaku Ikeda, além da Festa da Mandioca. A localidade possui potencial para o turismo rural, desde a paisagem observada no trajeto da estrada que dá acesso ao "bairro" até o distrito Maravilha, até as propriedades que desenvolvem atividades de lazer.

3.2.6.1 Festa da mandioca

A Festa da Mandioca é realizada na Comunidade Rural Usina Três Bocas. A festa, que caracteriza o local como referência regional na produção de mandioca de mesa, já está em sua 12ª edição e é muito conhecida em Londrina e proximidades (figura 32). No dia 15 de novembro de 2009 foi realizado um trabalho de campo com intuito de participar da festa, entrevistando os visitantes, pessoas da comunidade local que estavam engajados no trabalho festivo, além de fotografar e analisar a dinâmica local.

No primeiro dia de festa houve o evento técnico “Adequação Ambiental das Propriedades Rurais”, com objetivo de discutir assuntos ligados à agricultura familiar, em especial legislação ambiental, que prevê a preservação da mata ciliar e da reserva legal. À noite, início da programação da festa com a apresentação teatral “A saga dos mandiogueiros”, que aborda a história da cultura da mandioca na Comunidade Usina Três Bocas. Esta peça foi produzida pela própria comunidade.

No segundo dia de festa houve barracas com venda de produtos alimentícios à base de mandioca como coxinha, pão, torta, biscoito, brigadeiro, bolo e pudim. O almoço contou com o cardápio à base de mandioca bastante variado: mandioca frita, vaca atolada (mandioca cozinha com carne de panela), nhoque, Catarina (lasanha de mandioca com recheio de frango, carne etc), sopa de mandioca, carne de porco, farofa, arroz e tutu de feijão (figura 33). Além do atrativo gastronômico a festa também contou com *shows* musicais, apresentações teatrais e de dança, além de um festival de prêmios. Segundo uma das organizadoras da festa, Joelma Carvalho⁸, o dinheiro arrecadado com a venda dos produtos será revertido em reformas na Capela São Sebastião (figura 34). Ela comenta que cerca de 100 famílias da comunidade Usina Três Bocas participam da organização e produção da festa e que a intenção da festa, além de valorizar a produção local é de que seja um divertimento para as pessoas do espaço rural e urbano e a própria integração entre o campo e a cidade.

Figura 32 - Convite para almoço da Festa da Mandioca.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 33 - Fila para os visitantes se servirem no almoço com direito a um cardápio com alimentos à base de mandioca.



Autor: Oliveira (2009).

⁸ Em entrevista cedida durante trabalho de campo no dia 15 de novembro de 2009

Foram feitas algumas entrevistas com visitantes da festa e uma das questões foi em relação ao motivo da ida até a festa: alguns disseram ser a comida num estilo rural e à base de mandioca; outros porque tinham amigos ou parentes residentes na comunidade; uma visitante disse que gosta destas festas, pois foi criada no sítio e este é um momento de lembrar a infância; além de ser considerado um momento de lazer, pois há *shows* musicais e sempre pessoas diferentes para conhecer.

Já na visão das pessoas que estavam trabalhando na festa, ou seja, moradores locais, alguns motivos para participação na organização é pelo fato da união com a comunidade, que por fazer parte das atividades da igreja, gostam de participar e estarem integrados.

Quanto aos benefícios proporcionados pela festa, na opinião dos visitantes, está a renda arrecada com a venda dos alimentos para ser revertida na igreja; a divulgação que a comunidade tem com o fluxo de pessoas (figura 35), podendo mostrar suas manifestações culturais; proporciona união entre as famílias.

Figura 34 - Capela São Sebastião e barracão ao lado para realização da Festa da Mandioca.



Autor: Oliveira (2009).

Figura 35 - Presença de pessoas da comunidade no atendimento e de visitantes no horário do almoço no domingo na Festa da Mandioca.



Autor: Oliveira (2009).

Já na opinião da comunidade local sobre os benefícios que sentem com a realização destas festas: a comunidade vira referência em relação à produção de mandioca, atraindo inclusive mercado consumidor; o lucro que a festa gera para ser aplicado na igreja, que neste ano seria para a reforma do barracão; ser uma opção de lazer para a população que não tem muitas opções no local; ser um

momento de união da comunidade, isso pode até ser verificado no fato de que muitos alimentos da festa são de doações da própria comunidade (outros são comprados no espaço urbano de Londrina); além de ser uma forma de mostrar a tradição festiva que já tem há 12 anos.

No caso da Festa da Mandioca é perceptível a influência que a festa tem na produção agrícola local, tanto em relação ao aumento da produção e conseqüente incentivo ao aumento da produtividade, quanto também à divulgação do local como grande produtora de mandioca de mesa. A função de contribuição financeira não está somente associada ao momento da festa em si como vemos em outras localidades, mas também às conseqüências que esta envolve antes e depois de sua realização. O caráter passageiro da festa é apenas coadjuvante neste processo, pois os benefícios se estendem num tempo anterior à festa com a produção e beneficiamento da mandioca; um tempo presente à festa com a venda das refeições e demais produtos; e um tempo posterior à festa com a divulgação dos seus produtos por parte de quem os visitou. Além da função econômica que a festa estabelece com o lugar, há também manifestações culturais que envolvem os participantes da festa, como na apresentação teatral “A saga dos mandioqueiros” que retratou a história da mandioca e sua influência na dinâmica espacial local. Ambas as atrações, gastronomia à base de mandioca e apresentação teatral, já podem ser considerados como atrativo para a festa. A Comunidade Usina Três Bocas ainda tem um ponto positivo devido à sua localização, ou seja, está há 15 quilômetros do espaço urbano de Londrina, com um possível público que não necessitaria de longas distâncias para degustar os “sabores do campo” e vivenciar algo diferente da rotina habitual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa a intenção era de se investigar o caráter turístico que as festas rurais tinham nos distritos, buscando compreender as transformações no espaço geográfico a partir desta atividade, já que se imaginava que todas as festas do calendário festivo tinham como público não somente a comunidade local, mas também um número grande de visitantes de outras localidades. Elas apresentam sim visitantes de outras áreas, como foi já exposto no terceiro capítulo, porém em muitas delas (várias inclusive que não estão contempladas neste trabalho) este público “exterior” não era tão expressivo. Quando se observa “de fora”, superficialmente, ou seja, quando não estudamos a fundo os processos que ocorrem no espaço geográfico, podemos ter uma impressão errônea de que em todas as localidades rurais as festas se constituem como um produto turístico formatado, passível até mesmo de ser divulgado na mídia como atrativo. Para que uma cidade ou um atrativo (em potencial) possa ser divulgado e “explorado” como turístico deve-se analisar a estrutura que este lugar possui para averiguar se comporta receber um número maior de pessoas que não seja somente a população local. Além disso, é necessário ter a opinião de todos os envolvidos na localidade (poder público, iniciativa privada e sociedade civil) para saber até que ponto eles tem o interesse de que seja desenvolvida a atividade turística naquele lugar, pois sabe-se que como qualquer outra atividade, o turismo pode gerar impactos positivos e negativos no âmbito econômico, social, ambiental, político etc.

Desta forma, com os primeiros olhares para o objeto de estudo verificou-se que algumas festas rurais que estavam começando a serem pesquisadas não possuíam mesmo um caráter turístico, pois muitas delas não ofereciam uma estrutura mínima para recepção de visitantes e o público freqüentador não era em sua maioria de pessoas de outras localidades, mas sim do próprio distrito, caracterizando-se mais como uma festa local, com outras funções variadas que não fossem de atrativo turístico. A partir do que se começou a verificar nos trabalhos de campo, buscou-se analisar então as funções que estas festas desempenhavam nos distritos e não mais olhar somente para a questão de sua atratividade como turística.

As festas populares são realizadas para celebrar um acontecimento que faz parte do cotidiano possuindo sua organização no meio da comunidade, a

partir da arrecadação de recursos e do apoio do poder municipal. As festas refletem muito da dinâmica espacial local, pois não se pode dissociar do espaço, as relações sociais que se entrelaçam. Estes acontecimentos coletivos esporádicos, que são as festas, estão enraizados na vida cotidiana da população local e tornam-se pertencentes na vida dos visitantes a partir do momento em que decidem ter a vivência no local, mesmo que por pouco tempo.

Próximas às grandes cidades, estas festas também se tornam importantes atrativos para seus moradores. Nestes locais (as grandes cidades) consegue-se visualizar bem a diferença entre o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho dos habitantes. Os locais de vivência de um e de outro são diferenciados, não existindo a possibilidade de se pensar em um trabalho prazeroso, que possa ser mesclado com momentos de descontração. Os momentos festivos, quando pensados sob a ótica desta população que vive nos grandes centros, são realmente para ser os momentos opostos ao do trabalho, ou seja, hora de descanso, esquecer do trabalho, tanto que se houve sempre “Agora é proibido falar de trabalho”. A lógica do capitalismo é de que se trabalhe mais e se distraia menos.

Em cidades pequenas e também no campo esta lógica capitalista acontece, mas talvez a passos mais lentos. Ainda consegue-se visualizar a mescla que há entre os tempos sociais, pois ao mesmo tempo em que as pessoas estão trabalhando, elas também estão se divertindo, conversando, descansando, sem o processo neurótico de trabalho, trabalho, trabalho. Num mesmo espaço compartilhando-se atividades de cunho profissional e de bem-estar pessoal e social. Como exemplos disso se pode citar as festas rurais: pois a população local que estava trabalhando no atendimento das mesas, na cozinha, na limpeza, na montagem das barracas etc, ao mesmo tempo em que estavam colaborando na organização, também estavam em um momento de descontração, confraternização, relação com o seu lugar, de acordo com seus próprios depoimentos.

Este estudo das festas rurais demonstra também a valorização do rural que se tem percebido nos últimos anos e que é reflexo do processo de intensificação da urbanização e dos processos produtivos (incluindo-se o avanço da tecnologia que o proporcionou). A preponderância na exaltação que se faz ao urbano, ao moderno, ao *high tech*, tem mudado um pouco de perfil, pois muito se busca hoje do rústico, do simples, do tradicional, que pode ser encontrado no campo ou em pequenas cidades. A “estressante” vida nas cidades grandes proporcionou

uma intensa busca por áreas tranqüilas, afastadas dos centros urbanos, como possibilidade de momentos de relaxamento. Daí aparecer um “boom” do turismo no espaço rural. É o caso das festas rurais estudadas, que segundo a pesquisa realizada, muitas pessoas têm buscado como forma de lazer e contato com os costumes do campo. Apesar de a maioria destas festas ocorrem no espaço urbano dos distritos, elas possuem características do ambiente rural em que estão inseridas.

Londrina, apesar de uma cidade relativamente nova, possui muita ligação com o rural em seu processo histórico, principalmente no que tange à cultura cafeeira. Muitos migrantes se deslocaram até a área em busca da “terra promissora” (como era divulgada em outras regiões do país) e aqui se instalaram, desenvolveram suas atividades econômicas e sociais, contribuindo para que Londrina seja o que temos hoje. Muitas características históricas ainda estão presentes no espaço londrinense, constituindo-se como patrimônio cultural de nossa população, tanto na cidade como no campo.

Encontramos no espaço rural de Londrina festas ligadas à religiosidade, fato que ocorre em todas as regiões do Brasil. Estas festas, além da liberação momentânea do cotidiano, também apresentam um caráter ideológico, pois comemorar é uma forma de a fé e a devoção se tornarem vivas na mente do povo através de suas particularidades e simbologias. A festa do distrito de Irerê (Padroeiro São José) e do distrito de Warta (Padroeiro Santo Antonio) demonstram a função que a festa religiosa tem em unir a população local e os visitantes, buscar recursos financeiros para a igreja e melhorias na comunidade, assim como propiciar momentos de lazer aos envolvidos. O que se diz na literatura é que as festas eram banidas pela igreja, pois eram consideradas profanas. Com o tempo passou-se a encará-las como algo benéfico, já que não era possível se estabelecer uma distinção entre costumes profanos e costumes sagrados, pois eles caminham juntos nas festas. Hoje, pelo menos nas festas estudadas, as atividades religiosas caminham juntas com os momentos festivos, para seu próprio benefício.

No espaço rural londrinense também se encontram festas ligadas à produção agropecuária, como é o caso da Festa do Café e Frango (distrito São Luiz), Festa da Mandioca (Comunidade Usina Três Bocas) e a Festa do Milho (distrito de Paiquerê). O que a princípio estas festas representavam a reunião da comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção para a semeadura e a colheita, hoje a realidade é outra. Com o avanço na tecnologia, os produtos

agrícolas têm uma frequência maior de plantio durante o ano e um tempo de desenvolvimento e possibilidade de colheita mais rápidos, fugindo um pouco dos processos naturais de antigamente que seria uma vez ao ano. Este tipo de festa tem como principal atrativo a gastronomia, mas também são importantes para a socialização da comunidade e dos visitantes também, já que são festas grandes e que possuem intenso fluxo de pessoas.

O espaço-tempo da festa é também presente no cotidiano dos habitantes dos distritos, pois são lugares do acontecer solidário, da co-participação, das relações de vizinhança. Este espaço da festa cria uma interdependência e solidariedade geradas pelo compartilhamento do mesmo entorno, ou seja, as pessoas que estão envolvidas na festa tem possibilidade de experienciar as mesmas comidas, as mesmas músicas, as mesmas conversas, o mesmo divertimento, o mesmo trabalho, entre outras coisas, processo este que Milton Santos chama de relações comunicacionais (1996). Elas (as relações) resultam do ambiente em que estão inseridas e quando muda de lugar se modifica também as relações existentes. As funções que as festas desempenham nos lugares estão relacionadas diretamente com estas relações comunicacionais de Milton Santos, pois as particularidades de cada distrito são refletidas no andamento de cada festividade.

O movimento que se observa em todas as localidades em relação às funções das festas: contribuição econômica, lazer, manifestação da cultural local, socialização, sentimento de pertencimento ao lugar, melhoria da auto-estima e possibilidade de atrativo turístico, permite-nos considerar que pode contribuir muito mais caso a comunidade consiga fortalecer sua união horizontal (termo utilizado por Milton Santos) (1996), pois os lugares podem se unir, buscando reconstruir a base de vida comum, criando normas locais, em contraposição à união vertical que tende a afetar a coesão horizontal que está posta ao serviço da sociedade civil (um exemplo disso são as Associações de Moradores destes distritos que sempre estão envolvidos na organização das festas).

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. “Nos requebros do Divino”: lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. (org). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002. p. 247 – 280.
- ALENTEJANO, P. R. R. O que há de novo no rural brasileiro? *Terra Livre*, São Paulo, n. 15, p. 87-112, 2000.
- ALMEIDA, A. M. C. de. *A morada do vale: sociabilidade e representações – um estudo sobre as famílias pioneiras do Heimtal*. Londrina: EDUEL, 1997.
- ALVES, M. B.; ALVES, C. R. Desenvolvimento local solidário: resistência e espaços de solidariedade no distrito do Pradoso, em Vitória da Conquista - BA. *Geonordeste*, ano XVIII, nº 1, 2007.
- AMARAL, R. C. M. P. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. de. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. VII, nº 2, p. 479 – 500, set 2007.
- ARAUJO, F. Festa reúne delícias de café e frango em São Luiz. *Jornal de Londrina*, Londrina, Caderno Cidade, 04 jul. 2004, p. 5.
- _____. Festa do Frango e Café movimentam São Luiz. *Jornal de Londrina*, Londrina, Caderno Nosso Bairro, 06 jul. 2001, p. 8A.
- ARAUJO, S. M. de; BRIDI, M. A.; MOTIM, B. L. O trabalho para viver. In: _____. *Sociologia: um olhar crítico*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 45 – 79.
- ARIAS NETO, J. M. *O eldorado: Londrina e o norte do Paraná – 1930/1975*. 1993. Dissertação (mestrado em história). FFLCH – USP, São Paulo.
- ARRUDA, J. Distritos abandonados. *Folha de Londrina*, Londrina, 18 jun. 1981a, Caderno Cidade, p. 20.
- _____. Distritos abandonados – parte 02. *Folha de Londrina*, Londrina, 20 jun. 1981b, Caderno Cidade, p. 20.
- _____. Distritos abandonados e cada vez mais vazios. *Folha de Londrina*, Londrina, 23 jun. 1981c, Caderno Cidade, p. 24.
- ASARI, A. Y.; TUMA, M. M. *Aspectos históricos, físicos, econômicos e institucionais do município de Londrina*. Londrina: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

AVANSINI, C. Café de Lerroville vale o dobro na França. *Folha de Londrina*, Londrina, 14 mar. 2004, Caderno Economia, p. 5.

ÁVILA, J. Safra 2001 renderá 400 toneladas de uva. *Jornal de Londrina*, Londrina, 14 jan. 2001, Caderno Geral, p. 7 – A.

BALESTRA, O. S. A redução da jornada de trabalho e a defesa do tempo livre. *Direito & Deriva*, ano 1, nº 1, p. 1 – 15, 2008. Disponível em <http://www.uniguacu.edu.br/deriva/Ensaios/Convidados/Oriana_rabalho.pdf> Acesso em 26 jan 2010.

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural*. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

BATISTA, C. M. Memória e identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*, vol. 5, nº 3, p. 27-33, 2005.

BATISTA JR. Imposições do terceiro milênio: apresentando o cenário. In: FURTADO, R. (org.). *A intervenção participativa dos atores – INPA. Uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento local sustentável*. Brasília: IICA, 2000. p. 23 – 39.

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, nº 23, p. 7-18, jan/jun de 2008.

_____. Festa e identidade: a busca da diferença para o mercado de cidades. In: ARAUJO, F. G. B, de; HAESBAERT, R. (orgs). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007.

BORGES, F. Cavaleiros prestam homenagem à São José. *Folha de Londrina*, Londrina, 12 maio 2008, Caderno Paraná/Geral, p. 6.

BORGES, G. Moradores reclamam da falta de casas. *Folha de Londrina*, Londrina, 29 maio 2007, Caderno Cidades, p. 5.

BOULLÓN, R. C. *Atividades turísticas e recreativas: o homem como protagonista*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

BRAGA, A. M.; CANÔAS, J. W. Reflexões acerca do tempo de não-trabalho. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 17, nº 2, p. 27 – 45, 2008.

BRAGA, A. S. R. (coord). *O Tambores do Piqui, cartas de liberdade: memória e trajetória da comunidade Piqui da Rampa*. São Luiz: Gênese, 2007.

BRANDÃO, C. R. *O vôo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.

BUENO, M. S. Lazer, festa e festejar. *Cultur*, ano 02, nº 2, p. 47 – 59, jul. 2008.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 83 – 131.

CALVENTE, M. C. M. H. *Turismo e excursionismo rural: potencialidades, regulação e impactos*. Londrina: Humanidades, 2004.

CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. *Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor*. Disponível em <<http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/NEA/pesquisas/rurbano>> Acesso em 20 out 2008. s/p.

CAMPOS, M. C. *A permanência do pequeno produtor familiar*. Patrimônio Guairacá – Londrina/PR. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANDIDO, J. L.; PAULINO, E. T. Uso do solo e recriação camponesa no distrito São Luiz – Londrina. In: Encontro de Bolsistas do Programa de Apoio a Ações Afirmativas para Inclusão Social, 3., 2008, Londrina. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008, p. 1 - 4.

CARDOSO, A. C. M. *Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007.

_____. *A. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CARNEIRO JR, R. A. (coord). *Festas populares do Paraná*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

CARVALHO, N. R. L. *A sustentabilidade no espaço rural com a agricultura familiar: estudo de caso da comunidade Três Bocas – Londrina/PR*. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

CASTELLI, G. *Turismo: atividade marcante do século XX*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CEZAR, L. S. *O velado e o revelado: imagens da Festa da Congada*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CHAUÍ, M. *Cidadania cultural – O direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. *Convite à filosofia*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

CIRCO rural na Festa do Café e Frango. *Folha Norte*, Londrina, Caderno Circulando, 12 a 18 jul. 2008, p. 2.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: _____. *O turismo de inclusão e o desenvolvimento local*. Fortaleza: Premius, 2003. p. 13 – 28.

CORRÊA, R. L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: _____. ROSENDAHL, Z. (orgs). *Manifestações da cultura do espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DEPOIS de 5 anos, começa a construção do Portal. *Folha Norte*, Londrina, 20 a 27 jul. 2002, Caderno Comunidade, p. 9.

DIAS, R. Turismo, identidade e folclore. *Turismo & Desenvolvimento*, Campinas/SP, v. 1, nº 1, p. 11 – 20, 2001.

DISTRITO da Warta faz sua homenagem a São Sebastião. *Folha Norte*, Londrina, 15 fev. a 21 fev. 2003, Caderno Repórter Norte, p. 5.

DISTRITO da Warta faz festa em louvor à Nossa Senhora. *Folha Norte*, Londrina, 223 out. 2004, Caderno Repórter Norte, p. 18.

DISTRITOS de Londrina ganham oficina do Sebrae. *Folha de Londrina*, Londrina, 24 ago. 2004, Caderno Cidades, p. 3.

DOMINGO tem almoço sertanejo na Warta. *Folha Norte*, Londrina, 20 out. a 26 out. 2007, Caderno Festas e Eventos, p. 10.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECONOMIA SOLIDÁRIA – Londrina/PR. Disponível em <<http://economiasolidaria.londrina.pr.gov.br/home.aspx>> Acesso em 21 jun 2009.

ELORZA, T. Maravilha, até no nome! *Folha de Londrina*, Londrina, 20 ago. 1999, Caderno Cidades, p. 4.

EM GUARAVERA, uva vira principal cultura. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 02 mar. 1991, Caderno Economia, p. 5.

FARIA, L. A. E. Capitalismo, espaço e tempo. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 261 – 283, 1999.

FELIPE, J. L. A. Festa e poder político. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 23, p. 43-52, jan/jun de 2008.

FERREIRA, A. H. de S. O teletrabalho e o enclausuramento nas relações sócio-espaciais: três vias de análise. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, nº 4, p. 33 – 43, jul/dez 1998.

FERREIRA, C. L.; PILATTI, L. A.; FRASSON, A. C. O direito à preguiça: uma análise do tempo de trabalho x tempo livre. *Tecnologia e Sociedade*, nº 8, p. 1- 13, 1º sem 2009. Disponível em <http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/rev08/06_direito_pregui%C3%A7a.pdf> Acesso em 26 jan 2010.

FERNANDES, N. da N. Geografia cultural, festa e cultura popular: limites do passado e possibilidades do presente. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 15, p. 23-32, jan/jun de 2003.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 15, p. 7-21, jan/jun de 2003.

_____. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Território*, Rio de Janeiro, ano V, n. 09, p. 65 – 83, julho/dezembro 2000.

FERREIRA, M. N. *As festas populares na expansão do turismo – A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

FERREIRA, Y. N. O papel dos distritos na reestruturação da fronteira e o seu significado urbano. *Geografia*. Londrina, v. 6, o. 55 – 66, 1990/91.

FESTA da Mandioca. *Jornal de Londrina*, Londrina, Caderno Mosaico, 09 nov. 2009a, p. 3.

FESTA dos Italianos. *Jornal de Londrina*, Londrina, Caderno Mosaico, 01 set. 2009,b p. 3.

FESTA do Café e Frango em São Luiz. *Folha de Londrina*, Londrina, Caderno Cidades, 13 jul. 2006, p. 2.

FESTA da Leitoa movimentada rota gastronômica da Warta. *Folha Norte*, Londrina, 25 set. a 01 out. 2004, Caderno Nossa Região, p. 9.

FESTA para ajudar a manter capela. *Jornal de Londrina*, Londrina, 07 nov. 2003, Caderno Cidades, p. 3-A.

FIGUEIREDO, A. M. L. A função turística do patrimônio: questionamentos sobre a idéia de sustentabilidade do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 5, nº 4, p. 43-49, 2005.

FINARDI, P. Macarrão com café na festa de São Luiz. *Folha de Londrina*, Londrina, Caderno Cidades, 09 jul. 2004, p. 2.

FLORES, M. Apogeu e queda da zona rural. *Folha de Londrina*, Londrina, Folha Rural, 19 jun. 1993, p. 5.

FONSECA, M. L. Patrimônio, turismo e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (org). *Turismo rural: práticas e perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 47 – 68.

GABARRA, L. O. Congado: a festa do batuque. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 3, nº 2, p. 1 – 7, 2003.

GAELZER, L. *Lazer: bênção ou maldição?* Porto Alegre: UFRGS, 1979.

GAZOLLI, J. Londrina recupera suas capelas antigas. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 14 maio 2000, Caderno Cidades, p. 6.

GONÇALVES, E. P. *Iniciação à pesquisa científica*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GOUNET, T. *Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.

GOUVEA, M. C. Um patrimônio cercado pelo mato. *Folha de Londrina*, Londrina, 14 maio 2009, Caderno Cidades, p. 1.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. *Nova Economia*, Belo Horizonte, 7 (1), p. 43-81, maio 1997.

_____. *Velhos e novos mitos do rural brasileiro*. Disponível em <<http://www.grupochorlavi.org>> Acesso em 12 nov 2008. s/p.

_____.; VILARINHO, C.; DALE, P. J. *Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil*. Disponível em <<http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/NEA/pesquisas/rurbano>> Acesso em 20 out 2008. s/p.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I. & KANTOR, I. (orgs). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001.

GUERIN, M. São Luiz celebra sua produção agrícola. *Folha de Londrina*, Londrina, Caderno Paraná/Geral, 11 jul. 2005, p. 7.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

HANSEN, G. L. Espaço e tempo na modernidade. *Geographia*, Rio de Janeiro, ano II, nº 03, p. 51 – 67, 2000.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBBSAWN, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HORTA, L. ‘Irerê só precisa de mais opção de lazer’. *Folha de Londrina*, Londrina, 24 set. 1999, Caderno Cidades, p. 4.

ITO, A. Moradores de Lerroville doam mais uma casa. *Folha de Londrina*, Londrina, 22 maio 2007, Caderno Cidade, p. 3.

_____. O pão nosso de cada dia em Maravilha. *Folha de Londrina*, Londrina, 30 jun. 2006, Caderno Cidades, p. 4.

_____. Milho é sinônimo de festa em Paiquerê. *Folha de Londrina*, Londrina, 10 fev. 2008, Caderno Paraná/Geral, p. 11.

JUNIOR, E.; PORTO, E. Feira de São Cristovão: patrimônio cultural, histórico e artístico. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 2, nº 3, p. 11 – 16, 2002.

JUNIOR, R. Café e frango movimentam distrito de São Luiz. *Folha de Londrina*, Londrina, Caderno Paraná/Geral, 12 jul. 2004, p. 6.

KINDLEIN, G. Festa em São Luiz reúne idosos. *Folha de Londrina*, Londrina, Plantão de domingo, 10 nov. 2003, p. 5.

_____. Lerroville quer se desligar de Londrina. *Folha de Londrina*, Londrina, 14 set. 2003, Caderno Política, p. 3.

KRAAY, H. O Ritual Político e a Política dos Rituais: Festas Cívicas no Rio de Janeiro, 1823-1831. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 11., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 1 – 10.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAFARGUE, P. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1999.

LANGER, A. Redução do tempo de trabalho e a nova cultura do tempo livre. *Revista Eletrônica Vinculando*, 27 ago 2004. Disponível em <http://vinculando.org/brasil/conceito_trabalho/reducao_tempo_trabalho.html> Acesso em 26 jan 2010.

LEÃO, S. Distrito rural mistura o campo com a grande cidade. *Folha de Londrina*, Londrina, 03 set. 1999, Caderno Cidade, p. 4.

_____. Padaria comunitária muda rotina de Maravilha. *Folha de Londrina*, Londrina, 21 ago. 2006, Caderno Cidades, p. 6.

LEMES, F. No arraiá do Seo Zico. *Folha de Londrina*, Londrina, 26 jun. 2009, Caderno Folha 2, p. 1.

_____. Venda dos pretos também tem história. *Folha de Londrina*, Londrina, 22 jan. 2006, Folha Especial, p. 9.

_____. Lerroville capital do Nordeste. *Jornal de Londrina*, Londrina, 10 out. 2003, Caderno Fim de Semana, p.4-C.

_____. Paineis recupera a saga da família Strass. *Jornal de Londrina*, Londrina, 06 nov. 2000, Caderno Cultura, p. 7-A.

LEBRÃO, A. C. V.; HANADA, T.; BOMTEMPO, D. *Revista Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 4, nº 2, p. 18 – 26, dez. 2007.

LEDEZMA, G. G. Religiosidade Cívica na Bahia: Comemorando o Primeiro Centenário da Independência a 2 de Julho de 1923. Entre a memória nacional e a memória regional. *Esboços*, v. 16, n. 21, p. 41 – 68, 2009.

LIMA, A. R. P. *Organização espacial da área rural do município de Londrina*. Estudo de caso: criação do distrito Espírito Santo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

LONDRINA. *Perfil do Município de Londrina - 2008*. Londrina: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008a.

_____. *Plano Diretor Participativo de Londrina*: levantamento de dados e informações para subsídio na implementação do PDPML. Londrina, 2008b. Disponível em <http://home.londrina.pr.gov.br/homenovo.php?opcao=home&item=plano_diretor> Acesso em 24 set 2009.

_____. *Plano Diretor – um documento para discussão*. Londrina: IPPUL, 1998.

LONDRINATUR. Turismo rural. Disponível <http://www.londrinatur.com.br/Londrina/Roteiros_Turisticos/2.htm> Acesso em 20 abr. 2010.

LOPES, K. Anonimato é passado, elas são as personalidades de 2009. *Folha de Londrina*, Londrina, 23 nov. 2009, Caderno Top de Marcas, p. 14.

MACHADO, M. C. T. (Re) significações culturais no mundo rural mineiro: o carro de boi — do trabalho ao festar (1950-2000). *Revista Brasileira de História*, v. 26, nº 51, s/n, jan/jun. 2006.

MAIA, C. E. S. *Vox populi vox dei*: A romanização e as reformas das “festas de santo” (implicações nas práticas espaciais das festas do Divino Espírito Santo e do Divino Pai Eterno de Goiás). *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 17-18, p. 89-106, jan/dez de 2004.

MANAIA, M. S. R.; PAULINO, E. T. *Tecnificação agrícola e transformações no campo*: o caso do distrito de Paiquerê, Londrina. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 17., 2008, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu, Unioeste, 2008. p. 1 – 4.

MARAFON, G. J. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. *Campo-território*: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 17-60, fev 2006.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e humanização*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MARQUEZE, S. Warta: bucolismo aos pés de Londrina. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 05 nov. 2000, Caderno Cidades, p. 2.

MASSEY, D. *A global sense of place*. Disponível em <http://www.aughty.org/pdf/global_sense_place.pdf> Acesso em 26 out 2009.

_____. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. *Revista Discente Expressões Geográficas*, Florianópolis, n. 03, p. 142 – 155, maio de 2007.

MATTEI, L. *Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas*. Disponível em <<http://www.nead.org.br>> Acesso em 06 mai 2008. p. 1 - 7.

MENDONÇA, G. Para espantar o frio com elegância. *Folha de Londrina*, Londrina, 04 jun. 2009, Caderno Economia, p. 4.

MENEGHEL, S. Distrito pode ser “engolido” pela Cidade. *Jornal de Londrina*, Londrina, 08 set. 2002, Caderno Cidade, p. 3-A.

MICHETTI, E. Vinícola instala-se em Guaravera. *Jornal de Londrina*, Londrina, 19 jan. 1994, Caderno Cidade, p. 8.

MORAIS FILHO, M. *Festas e tradições populares do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

MORAIS, P. Festa do Milho muda perfil de eventos rurais. *Jornal de Londrina*, Londrina, 19 fev. 1995, Caderno Cidade, p. 4.

MORANDI, S.; GIL, I. C. *Espaço e turismo*. São Paulo: Copidart, 2000.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como uma construção social. *Formação*, n. 14, v. 02, p. 48 – 60, 2007.

MOURA, A. de P. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, P. P.; PINKSKY, J. (orgs). *Turismo e patrimônio cultural*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 37 – 49.

MRTVI, P. R. *Impactos ambientais gerados pela nova conformação das atividades na microbacia do ribeirão Jacutinga, região norte do município de Londrina, 1989 a 2002*. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

NAVARRO, V. Festa do Milho supera expectativas. *Folha de Londrina*, Londrina, 09 fev. 2004, Caderno Plantão de Domingo, p. 6.

NEM BEM começou, portal divide opiniões. *Folha Norte*, Londrina, 05 a 11 abr. 2003, Caderno Nossa Região, p. 4.

NICOLAS, D. H. Tempo, espaço e apropriação social do território: rumo à fragmentação na mundialização? In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (orgs). *Território: globalização e fragmentação*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 85 – 101.

NIVEAU, M. A revolução industrial na Inglaterra (1760 – 1830). In: _____. *Histórico dos fatos econômicos contemporâneos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969. p. 15 – 38.

O VINHO da nossa terra está saindo dos tonéis. *Folha Norte*, Londrina, 13 a 19 set. 2003, Caderno Região Norte, p. 8.

OLIVEIRA, A. U. Espaço e tempo: compreensão materialista dialética. In: SANTOS, M. (org). *Novos rumos da Geografia brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 66 – 110.

OLIVEIRA, C. D. M. A geografia das festas do interior: mediações culturais entre religiosidade, turismo e educação. In: SILVA, J. B.; DANTAS, E. W. C; ZANELLA, M. E.; MEIRELES, A. J. A. (orgs.). *Litoral e sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. p. 127-137.

OLIVEIRA, D. R. de. *A inserção do Patrimônio Heimtal na cidade de Londrina – PR pela mobilidade de suas fronteiras rur-urbanas*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

ORTIZ, R. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PACÍFICO, D. A. *Impasses na transição para uma agricultura de base ecológica: o projeto Café de Lerroville – PR*. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PACÍFICO, D.; DAL SOGLIO, F. K. O pacote ecológico e os cafeicultores de Lerroville – PR. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 2, n. 2, out. 2007. p. 1 – 5.

PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas, SP: Alínea, 2000.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. *Festas populares do Paraná*. Disponível em <http://www.prdagente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=316> Acesso em 16 dez 2009.

PEIXOTO, E. M. de M.; PEREIRA, M. F. R. Trabalho e tempo livre no contexto do estágio de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção capitalistas. ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO, 4., 2009, Marília. *Anais... Socialismo e Educação na América Latina: Coletânea de Textos do IV EBEM - Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo*. Marília: UNESP, 2009. p. 1 – 4.

PIMENTEL, A. C. B. Parintins: cultura e turismo. In: FARIA, I. F. (coord). *Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001. p. 149 - 158.

PIRES, A. G. M. G.; CALCIOLARI JR, A. *As doutoras da quermesse*. Londrina: Sport & Lazer, 2006.

PISSNINI, S. Guaravera e Warta dão a uva londrinense. *Jornal de Londrina*, Londrina, 14 jan. 1996, Caderno Cidade, p. 4.

PRUDENTE, H. A. A Festa do Pinhão na Estância Climática de Cunha como atributo cultural e atrativo turístico. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, p. 1–20, 2º sem 2007. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/henrique.pdf>> Acesso em 15 dez 2009.

RAGO, L. M.; MOREIRA, E. F. P. *O que é taylorismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REICHERT, I. C. Legado cultural e turismo: sobre lugares, memórias e outras histórias. In: ASHTON, M. S. G. (org). *Turismo: sinais de cultura*. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2001. p. 39-51.

RIBEIRO, H. Rotas de fé: festas juninas. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 2, nº 3, p. 24 – 35, 2002.

RIBEIRO JR, J. C. N. *A festa do povo: pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

RIBEIRO, M. Festas populares e turismo cultural – inserir e valorizar ou esquecer? O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. *Pasos: Revista de Turismo y Patrimônio Cultural*, v. 2, n. 1, p. 47 – 56, 2004.

RIGI, C. Missa marca comemoração do padroeiro da Warta. *Folha de Londrina*, Londrina, 21 jun. 2004, Caderno Paraná/Geral, p. 4

RODRIGUES, A. B.. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: _____ (org). *Turismo rural: práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 101 – 116.

_____. Turismo local: oportunidades para inserção. In: _____. *Turismo: desenvolvimento local*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 55 – 64.

_____. Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. In: ALMEIDA, J. A.; FROELICH, J. M.; RIEDL, M. (orgs). *Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 111-126.

_____. Tempo livre como objeto de consumo e lazer dirigido como oportunidade de manipulação. *Boletim Paulista de Geografia*, AGB, São Paulo, nº 67, p. 17 – 25, 1º sem 1989.

SÁ, C. N. de.; BARROCO, H. E. A quebra do cacau em Camacan: entre a labuta no campo e a diversão na cidade. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2., 2004, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. p. 1 – 8. Disponível em <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/charles_nascimento_de_sa.pdf> Acesso em 16 dez 2009.

SALVI, R. F. Os estudos do tempo na Geografia humana brasileira. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 250 – 259, set. 1994.

SANTANA, A. T. de; MENDONÇA, M. R. *Geografia e trabalho: uma leitura a partir das transformações territoriais*. In: Centro de Estudos de Geografia do Trabalho. Disponível em <www4.fct.unesp.br/ceget/A01.pdf> Acesso em 08 fev 2010.

SANTANA, P. V. de. Da necessidade da festa à necessidade do espetáculo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, nº 85, p. 87-93, 2006.

SANTIN, W. A vida na Londrina rural. *Folha de Londrina*, Londrina, 14 jan. 2010, Caderno Cidades, p. 3.

_____. Hoje tem frango no almoço em São Luiz. *Folha de Londrina*, Londrina, Caderno Paraná/Geral, 08 jul. 2007, p. 11.

_____. Voluntários de Lerroville entregam mais uma casa. *Folha de Londrina*, Londrina, 21 jan. 2007, Caderno Geral, p. 11.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SARIS, S. Lerroville é o distrito com mais moradores. *Jornal de Londrina*, Londrina, 23 abr. 2003, Caderno Cidade, p. 4-A.

SAVICKI, A. Tempo bom garante festa na Warta. *Folha de Londrina*, Londrina, 20 set. 2004, Caderno Paraná/Geral, p. 6.

SCHNEIDER, S. *Políticas públicas, pluriatividade e desenvolvimento rural no Brasil*. Disponível em <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/21%20GT%20Schneider-Sergio.pdf>> Acesso em 20 out 2008. s/p.

SCHNEIDER, S.; NAVARRO, Z. *Agricultura e novas formas de ocupação no meio rural: um estudo sobre as tendências recentes*. Disponível em <<http://www.portaldoagrovot.com.br>> Acesso em 08 nov 2008. s/p.

SEABRA, O. C. de L. O irreduzível da festa. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12., 2002, João Pessoa. Anais... João Pessoa, 2002, p. 1 – 4.

SEGLIN, J. Mostra cultural agita Lerroville hoje e amanhã. *Folha de Londrina*, Londrina, 06 set. 2003, Caderno Evento, p. 2.

SERPA, A. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHWARTZ, W. Café ganha perspectiva em 1.200 ha. *Jornal de Londrina*, Londrina, 26 ago. 1995a, Caderno Cidade, p. 8.

_____. Economia não muda; população foge. *Jornal de Londrina*, Londrina, 19 jul. 1995b, Caderno Geral, p. 5.

_____. Desolação e saudade do café. *Jornal de Londrina*, Londrina, 26 jul. 1995c, Caderno Cidade, p. 8.

_____. Tiros e muito café na “Londrinópolis”. *Jornal de Londrina*, Londrina, 13 ago. 1995d, Caderno Cidade, p. 8.

SEHN, C. Criação de distrito gera rivalidade. *Folha de Londrina*, 17 dez. 1993, Caderno Política, p.5.

SILVA, M. M. da. As cavalhadas de Pirinópolis: um estudo sobre sociedade, festas e espaço urbano (1940 – 1988). *História Revista*, v. 6, n. 1, p. 135-162, jan./jun. 2001.

SILVEIRA, F. Casa de madeira será retirada do Portal da Warta. *Jornal de Londrina*, Londrina, 29 mar. 2007, Caderno Cidades, p. 5.

SINAIS da presença dos índios na Warta. *Folha Norte*, Londrina, 11 a 17 set. 2004, Caderno Nossa Região, p. 4.

SOIHET, R. Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural (1890 – 1920). In: CUNHA, M. C. P. (org). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002. p. 341 – 370.

SOJA gera renda para mulheres na Warta. *Folha Norte*, Londrina, 19 a 25 ago. 2006, Caderno Cidadania, p. 3.

SOUZA, M. J. L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B. *Turismo: desenvolvimento local*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 17 - 22.

SOUZA JUNIOR, X. S. et al. A produção do espaço na perspectiva da relação espaço-tempo. *Formação*, Presidente Prudente, v. 1, n. 13, p. 98 – 108, 2006.

TEIXEIRA, S. A. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Folclore, 1988.

TUAN, Y. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

VAZ, A. C. Festividades cívicas em Minas Gerais (1937 - 1945): escola, culturas e práticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UCG, 2006. p. 1 – 9.

VICENTINI, C. Capelas rurais: espaços de integração da comunidade. *Folha de Londrina*, Londrina, 25 ago. 2009a, Caderno Cidades, p. 1.

_____. Projeto resgata história dos distritos. *Folha de Londrina*, Londrina, 23 maio 2009b, Caderno Cidades, p. 3.

VINÍCOLA CASA MULLER. Disponível em <<http://www.vinicolacasamuller.com.br>> Acesso em 23 mar 2010.

VINICOLA GUARAVERA. Disponível em <<http://www.vinicolaguaravera.com.br>> Acesso em 23 mar 2010.

VOGT, D. I. Folia no meio rural: apontamentos sobre a memória da festa carnavalesca no meio rural de Santa Cruz do Sul na primeira metade do século XX. In: IV ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL, 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2007, p. 01 – 13. Disponível em <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul>> Acesso em 22 fev 2009.

WARTA e Heimtal servem três mil almoços. *Folha Norte*, Londrina, 20 a 26 nov. 2003, Caderno Comunidade, p. 7.

WARTA tem produção de ovos de codorna. *Folha Norte*, Londrina, 20 a 26. maio 2006, Caderno Região Norte, p. 9.

WARTA faz festa para santo casamenteiro. *Folha Norte*, Londrina, 09 a 15 jun. 2007, Caderno Variedades, p. 5.

WESTPHALEN, C. M.; BALHANA, A. P. *Lazer e festas de outrora*. Curitiba: Beija-Flor, 1983.

ZONA gastronômica: nem bem começou, portal divide opiniões. *Folha Norte*, Londrina, 05 a 11 abr. 2003, Caderno Nossa Região, p. 4.

55 ANOS de música sertaneja na Warta. *Folha Norte*, Londrina, 27 set. a 03 out. 2008, Caderno Circulando, p. 8.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário aplicado aos visitantes

LOCAL:

DATA:

Sou aluna do mestrado em Geografia da UEL. Estou pesquisando sobre as festas rurais nos distritos de Londrina. Gostaria de fazer algumas perguntas a você a respeito desta festa, tudo bem?

1-) Qual seu local de residência?

- () na sede do distrito () na área rural do distrito
 () outro distrito de Londrina, Qual? _____ () na sede de Londrina
 () outra localidade. Qual? _____

2-) Qual seu local de trabalho?

- () na sede do distrito () na área rural do distrito
 () outro distrito de Londrina, Qual? _____ () na sede de Londrina
 () outra localidade. Qual? _____

3-) Qual o principal motivo de sua vinda à festa? Por quê? **(PEDIR PARA DETALHAR MAIS O MOTIVO)**

4-) Quais outros motivos o (a) conduziram até a festa? Por quê? **(PEDIR PARA DETALHAR MAIS O MOTIVO)**

5-) Qual sua relação com a festividade?

- () Tenho envolvimento direto com as atividades locais. Qual? _____
 () Familiares residem no distrito () Somente como visitante

6-) Através de qual meio de divulgação tomou conhecimento da festa?

- () cartaz () jornal () rádio () televisão () boca-a-boca. Quem? _____
 () outro. Qual? _____

7-) Há quanto tempo freqüenta a festa?

- () Primeira vez () Todos os anos () Outro. Qual? _____

8-) Em relação à infra-estrutura local (opções de refeição, banheiros, atividades culturais, atendimento nos serviços, segurança, etc) qual sua opinião?

9-) Qual benefícios acha que a festa proporciona à comunidade local?

10-) E os pontos negativos, você acha que existe? Quais?

11-) Acredita que há integração entre a comunidade local e os visitantes? De que forma?

Apêndice B - Questionário aplicado à comunidade local (auxiliares na realização/organização da festa)

LOCAL:

DATA:

Sou aluna do mestrado em Geografia da UEL. Estou pesquisando sobre as festas rurais nos distritos de Londrina. Gostaria de fazer algumas perguntas a você a respeito desta festa, tudo bem?

1-) Qual seu local de residência?

() na sede do distrito

() na área rural do distrito

2-) Qual seu local de trabalho?

() na sede do distrito

() na área rural do distrito

() outro distrito de Londrina, Qual? _____ () na sede de Londrina

() outra localidade. Qual? _____

3-) Qual é sua participação na organização/realização da festa?

4-) Qual o principal motivo do seu envolvimento com a festa? Por quê? **(PEDIR PARA DETALHAR MAIS O MOTIVO)**

5-) Quais outros motivos o (a) conduziram até a festa? Por quê? **(PEDIR PARA DETALHAR MAIS O MOTIVO)**

6-) Há quanto tempo freqüente/auxilia na festa?

() Primeira vez () Todos os anos () Outro. Qual? _____

7-) - Qual a relação que você (ou a comunidade local como um todo) tem com a cidade de Londrina?

() saúde () compras () lazer () estudos () outro. Qual? _____

8-) De onde provêm os alimentos utilizados nas refeições oferecidas durante a festa?

() do próprio distrito () Londrina () outro. Qual? _____

9-) Considera que há integração/socialização da comunidade nos momentos festivos? Por quê?

10-) Quais benefícios acha que a realização da festa proporciona à comunidade?

11-) E os pontos negativos, você acha que existe? Quais?

12-) Acha que há problemas com a segurança durante as festas? Por quê?

() Sim () Não

13-) A vinda de um maior número de pessoas para o distrito nos dias de festa causa algum problema? Qual? Por quê?

() Sim () Não

14-) Acredita que há integração entre a comunidade e os visitantes? De que forma?

15-) Com o passar dos anos (e das edições das festas), houve modificação nos costumes/tradições culturais da comunidade? De que forma?